

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**A CONVERSAÇÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNOS MENTAIS:
UM ESTUDO DOS TURNOS CONVERSACIONAIS,
DOS MARCADORES E DO FENÔMENO DA RELEVÂNCIA**

LETICIA ADRIANA PIRES TEIXEIRA

FORTALEZA - 2001

LETICIA ADRIANA PIRES TEIXEIRA

**A CONVERSAÇÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNOS MENTAIS:
UM ESTUDO DOS TURNOS CONVERSACIONAIS,
DOS MARCADORES E DO FENÔMENO DA RELEVÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo

Co-Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Elias Soares

FORTALEZA - 2001

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida desde que seja de acordo com as normas científicas.

Letícia Adriana Pires Teixeira

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo - Orientadora

Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof^a. Dr^a. Maria Elias Soares

Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof^a. Dr^a. Mariluci Novaes

Universidade Federal Fluminense - UFF

Dissertação aprovada em ____/____/____

DES-RAZÃO

Caduca a velha razão
trair preconceitos
é poder ser
louco e sujeito
profundo e profano
chega de normal
baixem o pano
chamem o insano.

Weimar Gomes

Aos meus filhos, Victor e Lívia, presenças de luz e
de esperança de uma vida melhor.

Aos meus pais, José Alves e Magaly, certeza de um
amor incondicional.

"Se a loucura vem sancionar o esforço da razão, é porque ela já fazia parte desse esforço: a vivacidade das imagens, a violência da paixão, este grande recolhimento do espírito para dentro de si mesmo, que são todos traços da loucura e os instrumentos mais perigosos, porque os mais aguçados, da razão. Não há razão forte que não tenha de arriscar-se à loucura a fim de chegar ao término de sua obra."

Foucault (1995:35)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela felicidade e existência.

Aos meus filhos, Victor e Lívia, razão da minha vida e sentido de tudo que eu faço.

Aos meus pais, irmãos e familiares, por orientarem o meu caminho nos momentos de lutas e incertezas, tornando-os em esperanças e sonhos.

Ao Marcos Antônio, que além de ter me dado filhos maravilhosos, fez da digitação dessa dissertação um trabalho de arte.

À professora Ana Cristina de Macedo, presença amiga, sensível, sobretudo de fé, por suas observações e sugestões precisas durante a orientação deste trabalho.

À professora Maria Elias Soares por seu carinho e disponibilidade em momentos de orientação.

Ao Weimar Gomes, pelas sugestões e pelo companheirismo.

Aos alunos do Projeto de Educação Especial da FECLESC e às bolsistas pelos momentos de interação e amizade.

Às amigas Catarina Farias, Claudiana Nogueira, Fabíola Tavares, Francineide Maciel, Hosana Maria, Isabel Cristina, Ivana Mara, Maria das Dores (Dorinha) e Úrsula Viana, pela presença aconchegante e generosa, por terem, em momentos difíceis, transmitido força para que meus sonhos se transformassem em realidade.

Aos meus colegas do Mestrado, pela amizade e pela convivência saudável.

Ao Alexsandro Saraiva pelo apoio nos trabalhos estatísticos.

Aos meus alunos de ontem, hoje e sempre, razão dessa caminhada.

Ao professor Dr. Jackson C. Sampaio, ao Dr. Carlos Magno Barroso, ao Dr. Weimar Gomes Santos, à Irene de Oliveira Barros, à Vanda Gonçalo Saraiva, à Marta Inácio de Oliveira, à Patrícia Pompeu, a Wellington P. Sousa e toda equipe do CAPS de Quixadá, por terem facilitado a realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de mestrado.

SUMÁRIO

RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
INTRODUÇÃO - CONVERSAÇÃO E TRANSTORNO MENTAL.....	13
CAPÍTULO I - A LINGUAGEM DA LOUCURA E DA RAZÃO: UMA DIVISÃO INCESSANTE.....	21
I.1. CAPS: o que é e como surgiu.....	39
CAPÍTULO II - DISCUSSÕES TEÓRICAS.....	44
II.1. Considerações Gerais sobre Análise da Conversação.....	44
II.2. A organização da conversação.....	49
II.2.1. Os turnos conversacionais.....	49
II.2.2. O direito ao turno, à palavra.....	51
II.2.3. A organização de seqüência - o par adjacente.....	52
II.3. Os marcadores Conversacionais.....	54
II.4. O fenômeno da relevância.....	57
CAPÍTULO III - ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	61
III.1. Normas para a transcrição da conversação.....	63
III.2. Procedimentos Metodológicos em Análise da Conversação.....	64
III.3. Sujeitos.....	65
III.4. Amostra.....	67
III.5. Procedimentos.....	68

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	70
IV.1. Considerações Gerais.....	70
IV.2. A ocorrência de pares adjacentes.....	73
IV.3. Os marcadores conversacionais.....	86
IV.4.O fenômeno da relevância na conversação de pessoas com transtornos mentais.....	92
CONCLUSÕES.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
ANEXOS.....	113

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma análise da conversação de pessoas com transtornos mentais enfocando três aspectos principais: um que investiga os marcadores conversacionais, outro que procura verificar como os participantes da conversação interagem uns com os outros e finalmente um que analisa o fenômeno de relevância. Para compreender a conversação de pessoas com transtornos mentais, analisamos as conversas de trinta e cinco sujeitos, pacientes do Centro de Atenção de Quixadá (CAPS) nos anos de 1998, 1999 e 2000. Pela interpretação dos resultados, chegou-se à conclusão de que tanto em situações de surto como de não surto, as pessoas com transtornos mentais dão seqüência aos turnos que exigem a formação obrigatória e não cancelável de um par adjacente, usam mais sinais conversacionais pós-posicionados e utilizam mais os marcadores conversacionais convergentes e indagativos do que os divergentes. Confirmou-se também a hipótese de que em situações de surto, essas pessoas apresentam um comprometimento maior no fenômeno da relevância do que quando não estão em surto. O estudo ressalta, ainda, que as conversas de pessoas com transtornos mentais contêm elementos coerentes e relevantes, possibilitando reflexões sobre as concepções que defendem o isolamento dessas pessoas por as conceberem totalmente incapazes de um convívio social.

Palavras-chave: análise da conversação; pessoas com transtornos mentais; marcadores conversacionais; turnos conversacionais; relevância.

ABSTRACT

This research presents an analysis of the conversation of mentally disturbed people focusing on three main aspects: it investigates the conversational markers used in their interactions, it verifies how conversation participants interact with one another and, finally, it analyses the relevance phenomenon. In order to reach our aim, we have analysed the conversation of thirty-five patients of the *Centro de Atenção* (CAPS) of Quixadá, in Brazil's northeastern state of Ceará who had their conversations recorded during 1988, 1999 and 2000. The results of the analysis have indicated that both in periods of onset or not, mentally disturbed people give continuation to conversational turns that require the mandatory formation of a adjacency pair, use more post-positioned conversational signals than pre-positioned ones, and utilize more converging and enquiring conversational markers than diverging ones. The hypothesis that, when in crises, the conversation of mentally disturbed people present a greater weakening of the relevance phenomenon has also been confirmed. The study highlights that the conversation of such people is, to some extent, coherent and relevant. This fact calls for a revision as regards the conceptions that defend the isolation of these people by preconceiving them unable of social interaction.

Key-words: conversation of mentally; disturbed people; conversational markers; conversational turns, relevance.

INTRODUÇÃO

CONVERSAÇÃO E TRANSTORNO MENTAL

Pesquisar sobre a linguagem de pessoas "especiais" é adentrar em um mundo bastante complexo, principalmente quando conhecemos a influência dos valores sócio-culturais que estigmatizam qualquer atitude relativa aos portadores de sofrimento psíquico a ponto de retirá-los até do convívio familiar e de sua comunidade. Há um abandono e, conseqüentemente, o banimento e uma prática excludente, pois o contexto sócio-econômico não perdoa os "loucos" e os tem como uma ameaça à sociedade. Sociedade esta que desde sempre tem utilizado punições para quem apresenta comportamentos inadaptáveis aos limites da liberdade burguesa, eximindo-se, inclusive, de qualquer culpa sobre os problemas de saúde mental e colocando somente ao indivíduo as razões de seu desajuste.

A reclusão de pessoas com transtornos mentais em asilos, hospícios e posteriormente em manicômios representa a situação ideal que a sociedade burguesa estabeleceu para os indivíduos classificados como loucos. Esse tipo de tratamento impõe aos inclusos uma ruptura com a sua história de vida, com o seu mundo, bem como atua na negação da cidadania. Segundo Goffman (1961:16), a sociedade, assim, promoveu uma barreira à relação dos portadores de sofrimento psíquico com o mundo externo. Dessa maneira, eles foram colocados fora dos espaços de conversação considerados "lógicos" e "racionais", como por exemplo, a escola e o mundo do trabalho produtivo. Longe desses espaços, o doente mental foi conseqüentemente concebido incapaz de desenvolver atos e conversas lógicas e racionais.

Hoje existe, porém, uma mudança de postura na compreensão da loucura que contesta o isolamento do doente mental. Todavia a exclusão desse doente dos direitos à cidadania ainda

situa-se nas teses iluministas que instituem a razão como conceito fundamental para o homem. Com isso, a conversação ainda é negada ao doente mental por concebê-lo como ser incapaz de desenvolver um raciocínio lógico racional. Mas o que dizer da conversação como forma de interação, como processo de ação e transformação em que nenhuma emergência é sem sentido? Como os portadores de sofrimento psíquico constroem seu processo de entendimento? Como agem coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos para criarem condições adequadas a compreensão mútua? Como criam e resolvem conflitos interacionais? Como organizam os turnos conversacionais?

Essas questões são algumas inquietações que pretendemos responder ao longo da pesquisa, pois, apesar da mudança do tratamento de "doentes" mentais, a estrutura social ainda os exclui do convívio coletivo e de quase todas as formas de interação, atribuindo-lhes a incapacidade temporária ou permanente de agirem e pensarem, consoante a racionalidade técnica. Com isso, os "loucos" são considerados irracionais e incapazes de manterem uma conversa coesa e coerente. E o mais interessante nisso tudo, para não dizer paradoxo, é que o diagnóstico de um "doente mental" se funda principalmente na fala, na conversa, na interação. Acharmos que é um paradoxo porque em muitos momentos é preciso que esses "doentes" falem, pois os seus dizeres são importantes ao diagnóstico clínico preciso. Todavia, em tantos outros lhe é negado o direito a palavra, ao diálogo, a conversa. Assim, o mesmo dizer que serve para diagnosticar a doença mental e possivelmente tratá-la, serve para enclausurar, para separar o doente de sua estrutura familiar. Tudo isso é questionável e comprova a acentuada dificuldade com que se defrontam os profissionais ao tentarem conciliar uma concepção de tratamento que prega uma atenção psiquiátrica integral com o isolamento do doente do seu meio social. Uma atenção integral só será possível se não houver exclusão ou marginalização.

Ver o homem e não a doença mental é um avanço efetivo que só será possível se respeitarmos os direitos civis desse homem que, por sinal, quase sempre não estranha sua fala, nem

tão pouco quer deixar de ter interações com as pessoas que o cercam. São os outros, dotados e cheios de razão (ditos normais) que se queixam da "doença mental". São eles que estranham a conversa de portadores de sofrimento psíquico e o rotulam de incapazes de ter um convívio social. Buscam, então, um tratamento, uma cura. Criam hospícios e manicômios. A loucura? Será falada por aqueles que se apresentam dotados de razão. Os loucos calam e a razão fala. Não são, pois, os loucos, com suas características próprias e propriedades intrínsecas que a determinam, mas os "normais" que dão o "veredito" da exclusão da convivência em sociedade por achá-los "doentes mentais".

Não estamos querendo negar a necessidade de tratamento dos "doentes mentais". Para isso parece evidente que a compreensão de sua linguagem, por parte daqueles profissionais que se dedicam à missão de tratá-los, é fundamental. O desconhecimento de suas falas, de suas peculiaridades, parece ser um fator a mais nos intrincados mecanismos que contribuem para a marginalização e exclusão social dos ditos "loucos".

A aparente desconexão de seus dizeres induz a que seja visto como despropositado o diálogo que possam manter com um interlocutor imaginário ou não, a vivência em um mundo que vai do delírio à alucinação, resultando na impossibilidade de encontrar no outro, mesmo os tecnicamente formados, a receptividade para suas histórias.

A exclusão não é apenas em nível social mais amplo, uma vez que esses doentes, geralmente, fazem parte de um contexto familiar comum que os segrega e até os silencia, em que há a impressão de um sujeito permanentemente confuso, incapaz de ultrapassar o momento no qual está enclausurado, para atingir o universo do outro. Um ser com um déficit global, percebido também como incapaz de manter um diálogo.

É inevitável, portanto, entendermos esse jogo da linguagem, da conversa de portadores de sofrimento psíquico. Linguagem tida aqui não como pura "expressão do pensamento", mas como forma de ação ou interação. Nessa concepção, o que o indivíduo faz ao usar a língua

não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem e sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor. Esse indivíduo, usando a fala, passa a ser um ator social que consegue transcender a si mesmo e juntar-se aos outros. Desse modo, os loucos, como usuários da comunicação, certamente interagem com outras pessoas da comunidade e com elas mantêm uma conversa coesa e coerente à sua realidade social e psíquica. Com essas reflexões, definimos nossa pesquisa na análise e compreensão das formas de interação da conversação de portadores de sofrimento psíquico, observando mais especificamente a organização e características dos turnos (aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio). Tomaremos como objeto de estudo os alunos do Projeto de Educação Especial, desenvolvido na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) em Quixadá, no Ceará e alguns pacientes do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O projeto da FECLESC visa a trabalhar com pessoas encaminhados pelo CAPS desse Município que, por sua vez, procuram trabalhar um projeto não só de tratamento de reversão dos sintomas, mas também de inclusão social, utilizando as mais diversas formas de abordagens terapêuticas, incluindo as interações com a comunidade e seu cotidiano político, social e cultural. Assim, os projetos educacionais são aí também incluídos.

Foi observando e colaborando com o projeto como orientadora de produção textual das bolsistas de iniciação científica da UECE que nos chamaram atenção as brincadeiras, os risos e principalmente a forma como os alunos do projeto conversavam. Percebendo que tínhamos nesse projeto um espaço propício para interações sociais, decidimos tomar esse *locus* para entendermos o envolvimento deles nas "interações centradas que se desenvolvem durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum" (Marcuschi, 1994).

Sabendo, pois, que a conversação é, como mostra Marcuschi (1994: 14), citando Lerunson (1983: 284) a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora e que a linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada pela enunciação, coube-nos focalizar, nessa perspectiva, um estudo que pretendesse:

- Analisar a conversação das pessoas com transtornos mentais, em surto e sem surto psicótico;
- Investigar o uso de marcadores conversacionais nessas duas situações clínicas;
- Por último, procurar entender, nesse universo, as características e o sistema de organização dos turnos conversacionais, como já citamos anteriormente, bem como o fenômeno da relevância.

A realização dessa pesquisa implicou na utilização de parte dos conhecimentos de algumas áreas vitais para a busca da compreensão da loucura, como a Psiquiatria, a Psicologia e a Lingüística. Mesmo levando em consideração a publicação de inúmeros trabalhos, enfocando até mesmo a análise do discurso, buscamos uma abordagem mais aprofundada da análise da conversação, bem como dos turnos e dos marcadores nas conversas de pessoas com transtornos mentais.

Comumente, a linguagem dos loucos é desqualificada, quer no conteúdo, ou na estrutura de suas falas, tidas como sem sentido, até mesmo aos ouvidos treinados para sua escuta. Muito de sua riqueza passa despercebida, dificultando o tratamento enquanto técnica e a nível mais geral a acolhida à nível social. Assim, instala-se, com mais facilidade o desrespeito ao ser portador de "desvio", a negação do sujeito e de seu valor como cidadão.

É preciso ressaltarmos que o que nos interessou na pesquisa foi o estudo dos mecanismos que estruturam as conversas bem como a forma de ação, de interação, a relevância e tudo

que direta ou indiretamente estiver ligado ao processo de entendimento entre dois ou mais interlocutores durante uma conversa, e não somente as peculiaridades da doença em si e de seus aspectos clínicos encontrados nos sujeitos da pesquisa. Fizemos, portanto, uma reflexão sobre a conversação como um sistema estruturado de seqüência de expressões, analisando a sua composição e as normas que regem os turnos conversacionais. Com esse objetivo e com fundamentos nos estudos de Schegloff (1974), Sacks (1974), Jefferson (1974), McHoul (1978), Marcuschi (1986) entre outros, formulamos alguns questionamentos:

- Pode-se afirmar que as pessoas com transtornos mentais, tanto em surto como em não surto, dão seqüência aos turnos que exigem a formação obrigatória e não cancelável de um par adjacente?

- Será que as pessoas com transtornos mentais, em surto ou não, são capazes de ter uma conversa relevante?

- Que tipos de marcadores conversacionais – convergentes, indagativos ou divergentes – ligados ao ouvinte são predominantemente utilizados em conversas de pessoas com distúrbios mentais em surto e não surto?

Partindo desses questionamentos, dos estudos da "doença mental" e da conversação, elaboramos as seguintes hipóteses, baseadas na hipótese básica que tanto em surto psicótico como em não surto, a pessoa com transtorno mental não perde toda a capacidade de se comunicar, mesmo com uma fala que pode ser aparentemente desconexa, mas que à luz dos conhecimentos linguísticos tem uma estrutura.

→ Tanto em surto psicótico como em não surto, os indivíduos com transtornos mentais dão seqüência aos turnos que exigem a formação obrigatória e não cancelável de um par adjacente;

→ As pessoas com transtornos mentais, em situações de surto, apresentam um comprometimento maior no fenômeno da relevância do que quando não estão em surto;

→ As pessoas com transtornos mentais, tanto em surto como em não surto, usam mais sinais conversacionais pós-posicionados do que os pré-posicionados;

→ Em situações de surto ou não, os sujeitos com transtornos mentais utilizam mais os marcadores conversacionais convergentes e indagativos do que os divergentes.

Para testar essas hipóteses e analisar a conversação, limitamos o estudo à pesquisa da conversação dos sujeitos que apresentassem como transtorno mental apenas esquizofrenia. Justificamos essa nossa preocupação, por sabermos que os dizeres da esquizofrenia são bem específicos, como nos mostra Novaes (1992). Estudando conversas de pessoas esquizofrênicas, estaríamos trabalhando com algo supostamente mais "homogêneo" uma vez que teríamos o mesmo tipo de distúrbio mental.

Conhecendo as concepções acerca da linguagem, seremos capazes de realizar o estudo que ora pretendemos sem jamais querer uma uniformização, uma mesma ocorrência de comportamentos, de mensagens, de ações, pois sabemos que não existe uma linguagem homogênea; toda linguagem é uma forma de ação. Sendo assim, as pessoas seriam atores sociais, como já citamos anteriormente. Poderiam até questionar: se não há linguagem homogênea, como estudar a conversa de loucos com rigor científico? Não são as conversas um tipo de linguagem? Certamente que sim; e é por pensarmos assim que julgamos que estruturalmente as conversas de pessoas com transtornos mentais não diferem das de pessoas normais. A não ser em situação de surto. Poderiam até continuar questionando: se não há homogeneidade lingüística, não seria difícil analisar essas conversas? Ora, se fizermos uma incursão nos fundamentos lingüísticos, veremos que o processo de simbolização, intencionalidade e produtividade que caracterizam a linguagem podem até se apresentar de forma caótica, em alguns casos de loucura, mas a estrutura conversacional, a troca de turnos (mesmo que seja com um interlocutor imaginário) não são tão caóticos assim.

Diante de tudo isso, realizamos o estudo que dividimos estruturalmente em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, apresentamos os pressupostos teórico - metodológico, realizando algumas reflexões acerca da linguagem de pessoas com transtornos mentais e da história dos Centros de Atenção - CAPS.

No segundo, fazemos algumas considerações sobre a Análise da Conversação e sua organização: os turnos, o direito ao turno, as seqüências - o par adjacente e os marcadores conversacionais.

Já no terceiro capítulo, comentamos os aspectos metodológicos, evidenciando as normas para a transcrição da conversação, os sujeitos da pesquisa, a amostra e o procedimentos.

E, finalmente, no último capítulo, realizamos a análise dos dados, discutimos os resultados e tecemos algumas observações concludentes.

CAPÍTULO I

A LINGUAGEM DA LOUCURA E DA RAZÃO:

UMA DIVISÃO INCESSANTE

"A loucura tem uma dupla maneira de postar-se diante da razão: ela está ao mesmo tempo do outro lado e sob seu olhar." Foucault (1995:184)

A relação que a estrutura social mantém com os "portadores de sofrimento psíquico" é pautada na exclusão e na negação do direito à palavra. Para entender essa exclusão e essa negação é necessário compreender a história da loucura, que tem mudado muito ao longo dos anos.

Desde a emergência da burguesia, as concepções sobre comportamentos irracionais foram enfatizadas. Essas visões serviram de suporte para a consolidação da hegemonia burguesa, ameaçada pelas manifestações proletárias que questionavam as condições de vida e as relações de exploração impostas pelo sistema capitalista. Através desse sistema, desenvolveu-se um movimento intelectual conservador que visava controlar os impulsos que violavam as leis, resgatando a idéia de irracionalidade e promovendo a coesão em torno da lógica racionalista. Dessa forma, a razão torna-se uma moderadora da moral social, controlando as relações humanas, suas falas, seus dizeres.

Para restabelecer o poder das sociedades capitalistas e inserir os indivíduos na lógica racional, cria-se o trabalho e a escola. As pessoas impossibilitadas de se adequarem a esses dois mundos, deveriam ficar à margem da estrutura social estabelecida. Deveriam ser terminantemente excluídas do cenário social burguês.

Em nome da razão, os loucos, que antes vagavam livremente, deveriam ser excluídos dos espaços coletivos. Era preciso encontrar locais para isolá-los, pois eles tinham patologias nocivas ao convívio social. Assim, a racionalidade procurou na abordagem clínica mecanismos para enquadrar a loucura à sua lógica. Todavia, como nos diz Foucault (1995), não foi a medicina, nem sua abordagem clínica, quem definiu os limites entre a razão e a loucura; e sim um grupo considerado como portador das normas da razão e apoiado em valores criados por eles. Valores estes capazes de controlar a linguagem e a vida das pessoas loucas. Caberia, então, aos médicos e às leis controlar a manutenção desses valores, vigiando a fronteira entre a sanidade e a doença mental. Com essa divisão,

"cala-se a liberdade sempre arriscada do diálogo; dela resta apenas a tranqüila certeza de que é preciso reduzir a loucura ao silêncio. Consciência ambígua – serena, pois tem a certeza de possuir a verdade, mas inquieta por reconhecer os perturbados poderes da loucura. Contra a razão, a loucura aparece agora como desarraigada; mas contra a ordem, contra aquilo que a razão pode manifestar por si mesma nas leis das coisas e dos homens, ela revela estranhos poderes (...) não existe um confronto real, mas o exercício, sem compensação, de um direito absoluto que a consciência da loucura se outorga desde o começo ao se reconhecer como homogênea à razão e ao grupo". Foucault, 1995:167)

Como se fosse realmente possível existir uma sociedade com valores, costumes, linguagens... totalmente homogêneos. Como se devesse combater qualquer tipo de variação, a fim de a sociedade não ser corrompida, surgem os sanatórios, os hospícios, os manicômios que assumem também uma dimensão reparadora da razão com práticas de enclausuramento que tolham a liberdade de ir e vir do indivíduo além de tolher também a sua linguagem, a sua ação, os seus diálogos com interlocutores tidos como normais. Mas em uma sociedade tão complexa, o que seria essa "normalidade"?

Com relação à loucura, o médico seria o sujeito do direito e da razão capaz de definir essa "normalidade" e prescrever o tratamento de pessoas que fugissem desses padrões normais. Dessa maneira, os "não-normais" seriam internados nas instituições reparadoras da razão, através de um estranho jogo de poder em que essas instituições passariam a ter o direito

legal de administrar todos os momentos da vida de seus internos, inclusive, suas conversas. Oferecendo um único espaço para moradia, socialização, trabalho e consumo, elas despiam os indivíduos de seus variados papéis sociais, de suas "vidas" e lhes davam um único papel: pessoa doente mental. Com isso eles perderiam as suas individualidades, o seu subjetivismo e passariam a fazer parte de uma totalização: os insanos.

Os insanos passariam a ser vistos pela sociedade como alguém totalmente incapaz de viver livre, uma vez que, segundo os diagnósticos médicos, eram doentes que apresentavam desordens no pensamento, na comunicação, na linguagem, nas suas vidas. As suas linguagens eram as principais provas da existência de uma patologia.

A verdade é que hoje, se contesta muito disso, uma vez que a linguagem não é homogênea nem tão pouco transparente. A suposta deficiência da linguagem de pessoas com transtornos mentais não se deve simplesmente à análise de sua produção psíquica, cognitiva, mas à categorias teóricas subsidiadas por regras de controle e relações sociais concretas em que a "normalidade" é o argumento criado para vigiar e controlar algo que tenta fugir dos valores criados como "certos", como "corretos" para uma sociedade. Ninguém olhou para a fragilidade desses "certos", desses "corretos" nem para a relatividade da "desrazão". Assim, a linguagem dos loucos passa a ter uma atribuição de um estatuto deficitário em que está patente o uso de prefixos negativos, conforme nos fala Picardi (1997:18):

"linguagem "incoerente", "incompreensível", "ilógica", "indireta"; tudo isso ressaltando sempre a idéia de um déficit que ora também poderá ser ressaltado pelo excesso, diferentemente da normalidade que funciona como centro, como padrão".

Não obstante, sabemos que a linguagem não é homogênea, e que o padrão é um verdadeiro "peixe ensaboado", pois nas sociedades existem variações políticas, econômicas, sociais, lingüísticas. Dificultando, portanto, se estabelecer o que é normal, o que é o centro, o que é o padrão. Evidentemente que a luta para se estabelecer um padrão não acontece por acaso;

em todas as sociedades a escolha (ou talvez a imposição) do padrão foi fruto de um processo histórico seletivo sempre ligado aos grupos sociais hegemônicos que detêm o poder. Derrida (1967) problematizou, inclusive, a delimitação e a conceituação de uma estrutura centrada, pois o centro, para ele, tal como tem muitas vezes sido definido, não é o centro. Então o que seria a "estrutura", o "centro", o "normal"? Derrida (op. cit.) nos mostra que toda estrutura pressupõe um sistema e que o sistema seria um conjunto de elementos somado ao conjunto de relações entre os elementos que o constitui em que o centro é algo virtual.

Passamos, então, a questionar a busca de uma linguagem homogênea, "normal", e principalmente passamos então a pensar na lei que comanda o desejo de centro na constituição de uma estrutura. Tudo isso é complicado, deixa-nos uma certeza: não temos mais uma uniformização da linguagem, nem um centro fixo, nem tão pouco uma estrutura delimitada com significados atrelados ao contexto. Assim nosso contexto está sem fronteira, sem centro e a nossa totalidade tem sido representada por um círculo em que é difícil delimitar o início e o fim. A totalização passa então a ser definida ora como inútil, ora como impossível.

Levi-Strauss, *apud* Rayagopalan (1997), expressa que atualmente há duas maneiras de pensar o limite da totalização: a totalização pode ser considerada impossível no estilo clássico, mas também pode existir a não totalização que, diferentemente da hipótese clássica que vê um campo inesgotável, se nos apresenta com a falta de algo. De outra forma, falta-lhe algo. Falta-lhe "um centro que detenha e fundamente o jogo das substituições". Mesmo com a ausência desse centro, ainda há o movimento do jogo que é o movimento da complementaridade.

Nessa visão, não podemos determinar o centro e esgotar a totalização porque o signo que substitui o centro que o supre, que ocupa o seu lugar na sua ausência, esse signo acrescenta-se, vem a mais, como suplemento. Com tudo isso, a linguagem passa a ser ação, os sujeitos passam a ser atores sociais, a língua deixa de ser um fato e passa a ser uma bandeira e a cienti-

ficidade do discurso transforma-se em um faz de conta. Apesar desse aparente caos e dessa ausência de centro e de origem tudo se transforma em discurso.

Como terá, então, surgido a linguagem? Naturalmente ou culturalmente? Não importa. Na realidade o que deve contar mesmo é que a linguagem é uma ação que nasceu de um jogo. Um “jogo de ausência e de presença, mas se o quisermos pensar radicalmente, é preciso pensá-lo antes da alternativa da presença e da ausência; é preciso pensar o ser como presença ou ausência a partir da possibilidade do jogo e não inversamente” (Derrida, 1967). E como em todo jogo há uma espécie de ética, uma espécie de escolha dependente da jogada, na linguagem, no discurso, na conversa não é diferente, pois temos que saber a jogada de nossos interlocutores, uma vez que a linguagem é multiforme e heteróclita e os discursos são variados e dependentes de contextos sócio-culturais e históricos diferenciados, o que torna quase utópica a natureza puramente estrutural e centrada da linguagem e do discurso. Tudo isso põe, inclusive, em xeque, a estrutura econômica e fixa da língua e questiona as formas estáveis e autônomas (auto-regulamentadas) tão defendidas pelo estruturalismo saussuriano.

Mostrando um "deslocamento anagramático", citado por Derrida (1973:45) em que "o fora mantém com o de dentro uma relação que, como sempre, não é nada menos do que simples exterioridade, Novaes (1995, op. cit.:17) salienta que a estrutura geral da exclusão permanece a mesma onde não são os elementos da estrutura que a determinam. O que determina é a estrutura que se preserva em um movimento de virada de um signo só sair de outro signo: o signo de expulsão desloca-se perseguindo um referente. O jogo da exclusão mantém-se estruturalmente na caça a um signo de ruptura que se constitui negativamente em oposição a um signo de continuidade. Assim, como nos fala Novaes (op. cit.:18), também achamos que só encarna o signo de ruptura se houver uma perturbação exterior que mobiliza o elemento de dentro, aquele que, por princípio estrutural, ocupa o centro da estrutura. O que era fora passa para dentro da estrutura e ocupa o lugar vazio deixado pelo outro referente do signo. É portan-

to, por uma necessidade estrutural. E foi assim que a loucura se transformou num signo de ruptura a partir do século XVII.

Antes desse século os loucos não eram internados em hospícios ou manicômios, nem vistos como doentes. Na Idade Média, por exemplo, a loucura não era algo negativo, nem tão pouco era vista como doença. Na verdade, os loucos eram tratados como pessoas desocupadas, não se diferenciavam da "vagabundagem" (que também não era vista tão negativamente). Não havia uma categoria de "loucos – doentes" e outra de desocupados, vagabundos ou mendigos. A vagabundagem não tinha o sentido atual, porque o trabalho não era valorizado como é hoje. Ter miseráveis na sociedade era até bom, pois possibilitava que as outras pessoas fizessem caridade para alcançar o Paraíso.

As pessoas da Idade Média, muito místicas, ouviam os vagabundos, os mendigos e até os loucos, pois eles eram como representantes da voz de Deus. Mas, tudo isso mudou. Ocorreram muitas mudanças no século XVI e entre elas, o trabalho começou a se transformar no elemento mais importante na organização da sociedade, e não mais uma tarefa para os que não pertenciam à nobreza. Assim, surgiu a burguesia, modificando a filosofia, os valores sociais e a religião que passou a considerar a ociosidade um pecado grave e o trabalho passou a ser visto como uma chance de se chegar ao Paraíso; a filosofia passou a defender que a qualidade humana de maior valor era a razão que iluminava a mente. Foi dessa maneira que a ciência, a medicina criou o campo de saúde mental que passaria a ter o poder de diagnosticar alguém como doente mental e, se necessário, enclausurá-lo em um hospício.

Mas, seria isso um avanço? Seria um avanço tirar alguém de seu convívio familiar? Será que, ao dar esse passo, a ciência médica não negou o direito à vida a muitos "insanos"? Não seria isso um dos paradoxos da medicina? Negar o direito à vida, fazer com que vegetasse em asilos, e ao mesmo tempo querer fazê-lo existir, querer curá-lo?

Felizmente, atualmente, vivemos um momento diferente; um momento de exploração da diversidade humana, com propósitos mais de aceitação do diferente do que de integração. Certamente nesse contexto, as várias linguagens são mais valorizadas, constituindo "corpus" para inúmeras pesquisas e contribuindo para o desenvolvimento de novas maneiras de pensar. Todavia, tudo isso não nos leva a negar que as práticas e as relações sociais ainda estejam longe de deixar de usar a linguagem, o poder e a discriminação, pois em um grupo social os direitos não são iguais e a simetria de papéis em um discurso é pouco verdadeira. A heterogeneidade de atores sociais e de suas vidas cotidianas faz da linguagem um fenômeno social de interação em que as pessoas não apenas veiculam informações. Pelo contrário, elas usam a linguagem para serem ouvidas, para serem respeitadas e até para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos. Essa reação de poder controlará a linguagem. Controlará o centro da estrutura.

No contexto de emergência da burguesia, a razão torna-se centro. Um centro da estrutura que irá controlar os loucos. A razão torna-se centro pois a intenção burguesa visava ao estabelecimento da ordem social em favor de seus interesses. Assim, promovia a coesão em torno da lógica racionalista e modelava a moral social aparecendo como pilar da estrutura social.

A sociedade passa, então, a sugerir a noção de um indivíduo que apresentasse comportamentos uniformes e linguagem homogênea. Os comportamentos classificados como inadequados ao mundo do trabalho produtivo e à escola eram excluídos do cenário social burguês. Assim, com os indivíduos portadores de distúrbios mentais não foi diferente, como já falamos. Eles foram excluídos dos espaços coletivos, representando um mecanismo de controle máximo tomado em nome da razão.

Seus dizeres, suas conversas, seus comportamentos revelaram-se como atitudes irracionais e foram identificados como patologias nocivas. A racionalidade encontrou na abordagem jurídica e clínica mecanismos para enquadrar a loucura à sua lógica.

A idéia de que a doença mental devia ser excluída da vida coletiva nasceu com as teses racionalistas. Com o iluminismo, a razão passa a ser vista como conceito fundamental para o homem e, assim, é na loucura que o "*homo sapiens*" encontra-se com a sua negação, passando a ser considerado patológico qualquer comportamento que se desviasse de uma lógica racional. Partindo disso, Pinel, *apud* Foucault (1994), defende como uma patologia mental qualquer linguagem, qualquer comportamento que se desviasse dessa lógica racional. Cria, então, o conceito de doença mental, no início do século XIX, que fundamentou a abordagem clínica.

As abordagens clínicas sobre a doença mental apontam para a recusa do indivíduo doente na participação da vida social e apontam também para a desobediência do indivíduo as regras que governam a produção apropriada dos atos de linguagem. Assinalando, com isso, a sua inadaptação às estruturas simbólicas determinadas socialmente. Essa inadaptação assume um caráter patológico, pois todo ser humano tem que agir verbalmente de acordo com regras sociais, isto é, tem que saber quando pode falar, que conteúdos referenciais lhe são permitido usar e como usar, além de saber se comportar em contextos diferenciados. Para agir, era necessário, portanto, analisar as situações nas quais estava envolvido.

Toda essa luta pela adaptação dos indivíduos ao novo universo simbólico coletivo, pautado na positividade da razão instrumental, emana da necessidade de adequar os setores populares à nova ordem social imposta pela burguesia. Nesse sistema, o trabalho passa a ser o centro da estrutura social; o centro controlador de tudo, a perturbação exterior que mobiliza o elemento de dentro:

"Algo só encarna o signo de ruptura se houver uma perturbação exterior que mobilize o elemento de dentro, aquele que, por princípio estrutural, ocupa o centro da estrutura. O que era de fora passa para dentro da estrutura e ocupa o lugar vazio de-

xado pelo outro referente do signo. É, portanto, por uma necessidade estrutural que a loucura se transformou num signo de ruptura" (Novaes, 1995:18).

O controle dos indivíduos que não se adaptassem a esse universo simbólico coletivo – universo da burguesia – era imprescindível, pois eles eram irracionais, agitavam a sociedade, violavam as leis e tinham comportamentos primitivos. Isso era teorizado pela filosofia de moralização de condutas defendida pelos manicômios.

Com tudo isso, observamos que os "dizeres" de alguém vale o que ele vale na sociedade em que está inserido. Houve épocas em que os "dizeres" dos loucos eram escutados, todavia mudam as regras sociais mudam os valores:

"O dizer na loucura adquire um estatuto de diferença radical em relação aos dizeres dos indivíduos representantes daqueles que segregam, ou seja, a loucura surge no dizer daqueles que se apresentam como dotados de razão" (Novaes, op. cit.:21).

A loucura falada pela razão era tida como algo primitivo em que os indivíduos doentes perdiam as noções básicas, elementares, de interação social. Por isso era preciso isolar os loucos do convívio social. Desse modo, a loucura torna-se apenas uma questão de saúde em que a prevalência das concepções clínicas conduziram a uma terapêutica voltada para o uso de remédios destinados a controlar o corpo e a mente dos pacientes.

A supressão do louco do contexto social, segundo Foucault (1995) na "História da Loucura", revela não só uma preocupação de restabelecer a saúde, mas principalmente um processo de exclusão em que as concepções jurídicas, políticas e econômicas juntaram-se para determinar que tipo de indivíduos podiam usufruir dos bens sociais e participar da vida pública. As instituições manicomiais passariam, então, a promover a moralização das condutas pela modelagem de comportamento e linguagens desejáveis socialmente, determinando e definindo os padrões normais de comportamento. Segundo Foucault (1995), o jogo da exclusão social se mantém e, apenas são mudados os excluídos.

Entretanto, algumas mudanças de postura da compreensão da loucura vêm sendo organizadas por psiquiatras desde a década de 60. Tavares (1997), discutindo os significados da loucura, mostra-nos que, atualmente, repõem-se as questões levantadas no final do século passado, quando críticas referentes á organização da sociedade pela racionalidade técnica já haviam sido apontadas. Aspectos relacionados à linguagem como a demonstração da emoção e da criatividade despontam como questões que foram anuladas pela lógica racionalista e que agora constituem importante assunto de debate e estudo. Para Tavares (op. cit.), toda essa novidade de resgate de outras dimensões humanas, além da razão, lança a oportunidade de rever as formas de mediação entre a sociedade e indivíduos colocados fora desse contexto social. Assim, apontam-se novos parâmetros para os espaços em que ocorrem as relações de exclusões dirigidas por uma racionalidade objetiva ao mundo do trabalho produtivo. As instituições manicomiais foram, nesse sentido, revistas em suas práticas e fins. Na verdade, a mudança do tratamento das pessoas portadores de sofrimento psíquico é bem visível, mas essa mudança não tem sido suficiente para acabar com os problemas de exclusão e discriminação dessas pessoas, pois a loucura tem sido falada e sentida não pelos portadores de sofrimento psíquico, mas por aqueles que se dizem dotados de razão e donos do direito de tratar os "loucos". Os ditos normais rotulam e querem tratar os insanos. Mas quem são esses insanos? Esses loucos? Essas pessoas que têm transtornos mentais? Talvez fosse preciso entender seus dizeres, suas conversas, antes de rotulá-los como loucos e incapazes.

Na realidade, muitos são os passos que precisamos dar para conhecer a história da loucura, a história da linguagem. Mas entre esses passos está o da categorização da loucura que desde sempre foi pautada na linguagem, nas ações dos "insanos". Há quem possa até se perguntar qual a relação que há entre a linguagem de pessoas com transtornos mentais e a categorização da loucura. Há, entre elas, a relação de que para categorizar alguém como louco é necessário conhecer as suas ações, a sua linguagem. Para estudarmos a linguagem é necessário,

então, fazermos o caminho contrário; precisamos conhecer um pouco as várias maneiras de categorização de item lexical loucura. Assim, falaremos sobre a história da categorização da loucura que tem de ser pensada como uma série de substituições de nomenclatura para nomenclatura, de forma para forma, como reflexo, talvez, das relações sócio-culturais e históricas de um povo. Conforme a época, vê-se surgir ora uma, ora outra forma para denominá-la. A verdade é que até hoje, apesar das tentativas, não há uma uniformização dessa categorização, nem unanimidade no uso dos termos sinônimos, nem de tratamento da loucura.

A dificuldade maior em estabelecer uma terminologia universal consiste, certamente, em verificar quais são os traços característicos, as ações mais salientes em uma pessoa com desequilíbrio psíquico que não sejam ressaltados ou que não apareçam em uma pessoa "normal". Esse padrão de normalidade, que tanto já comentamos, é difícil de ser delimitado, uma vez que o limite entre a sanidade e a loucura, muitas vezes, se nos apresenta bastante tênue. O que seria um homem louco? E um homem normal? Para a psiquiatria e a psicologia, palavras é que não faltam para estabelecer esta diferenciação, mas para um leigo, seria quase impossível perceber diferenças, as vezes, tão sutis.

Não se pode negar que outras doenças, que "encarnam o jogo da exclusão de uma época", consoante Novaes (1995), como por exemplo a lepra, as doenças venéreas, a tuberculose, a AIDS, têm, inegavelmente, diagnósticos mais precisos e fáceis de serem mostrados através de uma prova material, os exames laboratoriais. No caso da doença mental, não tem sido fácil estabelecer as tão solicitadas provas concretas, que servem para delimitar a divisão entre a loucura e a normalidade.

A forma de diferenciar a sanidade da loucura é através da linguagem, dos dizeres, da conversação e da conduta das pessoas tidas como portadoras de transtornos mentais. Com isso, não podemos deixar de achar que a doença mental tem sido diagnosticada muito subjeti-

vamente e de forma bastante diferente das demais doenças que têm como critério de classificação a causa da patologia.

Na psiquiatria e na psicologia, as causas das doenças mentais nem sempre são conhecidas, apesar de existirem várias hipóteses a esse respeito. Alguns critérios, no entanto, têm sido utilizados para determinar os distúrbios mentais que passam, então, a ser diferenciados pela manifestação maior de determinados sintomas padronizados pela medicina ao longo dos anos.

Novaes (1995) revela-nos que a psiquiatria coloca um indivíduo-padrão, uma espécie de protótipo, na posição de parâmetro definidor da doença:

"um indivíduo de fabricação imaginada na Psicologia e a serviço de um discurso que interessa à Psiquiatria. Dessa forma, institui-se uma relação entre indivíduos-padrão normais e indivíduos-padrão loucos, a qual se constitui, por sua vez, pela relação de fala e escuta entre médico e paciente. Relação essa que se caracteriza pela aplicação ou não de certos procedimentos que definam a diferença. O procedimento principal recai na aplicação do rótulo distúrbio mental ou desarranjo do pensamento e/ou cognição".

Esse rótulo-chave "transtorno mental" apresenta várias maneiras de ser descrito na literatura. Para Cohen (1982), é a "desordem do pensamento e do processo cognitivo", revelada pela não fluências das idéias manifestadas na perseveração das palavras e no bloqueio das sentenças, que caracterizam muito bem um doente mental.

Ainda segundo Novaes (op. cit), normalmente é um membro da família que se queixa de alguma coisa que lhe parece estranha no outro considerado doente mental. De acordo com ela, a nomeação da loucura já está latente na queixa da família. O nomeado louco não se queixa, ou, quando assim o faz, tais queixas são de outra natureza, pois ele não se sente louco. A loucura não é, então, um estado por si só, mas algo que comporta sempre o "dizer" do outro, o "dizer" de seus familiares. E é esse "dizer" que faz a ruptura do "dizer padrão normal" com o "dizer padrão louco", tornando-se, um sintoma de uma doença. Um sintoma muito particular

porque não há lesões cerebrais, nem marcas físicas que possam fazer um diagnóstico mais preciso, como falamos anteriormente.

Diante dessa falta de precisão, uma pessoa pode ser considerada como doente mental a partir de características gerais elencadas, segundo critérios relacionados no manual estatístico de diagnóstico de desordens mentais da American Psychiatric Association, DSM – Diagnostic Statistical Manual. É bem verdade que o DSM fornece apenas dados estatísticos que facilitam a universalização de termos e não de diagnósticos. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais ou DSM está na quarta edição, exigindo, para ter utilidade e credibilidade, que seu foco se mantenha sobre suas finalidades clínicas de pesquisa e educacionais e que esteja apoiado por uma ampla base empírica. Sendo, pois, necessário uma brevidade nos conjuntos de critérios, clareza de linguagem e relatos explícitos dos construtores incorporados nos diagnósticos para atingir a meta de facilitar os estudos nessa área e melhorar a comunicação entre os clínicos e os pesquisadores.

Foucault (1994), em seu livro "Doença Mental e Psicologia", esquematiza algumas descrições clássicas não só a título de exemplo, mas também para fixar o sentido originário de termos classicamente utilizados que serviram de ponto de partida para muitos estudos nessa área. Vejamos, pois, alguns:

A **histeria** foi definida por Dupré como "estado no qual o poder da imaginação e da suggestibilidade, unido a essa sinergia particular do corpo e do espírito", que Foucault denominou psicoplasticidade, resulta na simulação mais ou menos voluntária de síndromes patológicas.

Já a **psicostenia**, conforme os trabalhos de Janet, seria caracterizada pelo esgotamento nervoso com estigmas orgânicos) astenia muscular, perturbações gastro-intestinais, cefaléias; astenia mental, fadigabilidade, impotência diante do esforço, desespero em face do obstáculo),

perdendo, assim, a função do real e passando o doente a ter perturbações emotivas, como por exemplo, tristeza, inquietude, ansiedade, etc.

As **obsessões** eram caracterizadas como um estado mental habitual de indecisão, dúvida e inquietação e sob a forma de acessos paroxítonos intermitentes, de obsessões-impulsões diversas, distinguindo-se, portanto, da **fobia**, caracterizada por crises de angústia paroxística diante de objetos determinados. Há, também, a **neurose obsessiva**, na qual estão sobretudo marcadas as defesas que o doente cria contra sua angústia.

A **mania e depressão** são formas patológicas nas quais alternam-se, a intervalos mais ou menos longos, duas síndromes opostas: a maníaca e a depressiva. A primeira é caracterizada pela agitação motora, pela exaltação psíquica e pela fuga das idéias. A Segunda apresentando-se como uma inércia motora acompanhada de humor triste e de hipo-atividade psíquica.

A **paranóia** apresenta um delírio sistematizado, coerente, sem alucinação, cristalizando numa unidade pseudo-lógica temas de grandeza, perseguição e reivindicação.

Para Foucault (1994), a **psicose alucinatória crônica** é também uma psicose delirante, mas o delírio é mal sistematizado e freqüentemente incoerente; os temas de grandeza acabam por absorver todos os outros em uma exaltação pueril do personagem; ele é sustentado por alucinações.

A **catatonia** é classicamente definida devido ao negativismo da pessoa. Esse negativismo é uma espécie de barreira de vontade às reações estereotipadas.

Tanto a psicose alucinatória crônica como a catatonia tendem para um estado de demência em que há uma desorganização total da vida psicológica. Kraepelin (1889), *apud* Foucault (op. cit.), agrupou-as sob a denominação comum de **demência precoce** que posteriormente foi alargada em seu sentido por Bleuler e denominada de **esquizofrenia**,

"caracterizada, de um modo geral, por uma perturbação na coerência normal das associações – como um fracionamento do fluxo do pensamento – e por outro lado, por uma ruptura do contato afetivo com o meio ambiente, por uma impossibilidade

de entrar em comunicação espontânea com a vida afetiva do outro" (Foucault, 1994:12).

Após esquematizar estas descrições clássicas, Foucault (op. cit) diz:

"Se se definir a doença mental com os mesmos métodos conceituais que a doença orgânica, se se isolam e se se reúnem os sintomas psicológicos, é porque antes de tudo se considera a doença, mental ou orgânica, como uma essência natural manifestada por sintomas específicos. Entre estas duas formas de patologia, não há então unidade real, mas somente, e por intermédio destes dois postulados, um paralelismo abstrato. Ora o problema da unidade humana e da totalidade psicossomática permanece inteiramente aberto".

E assim nos revela que foi o peso desse problema que fez derivar a patologia para novos métodos e novos conceitos em que a doença não se interpõe mais como uma realidade autônoma, nem é concebida como um corte abstrato no devir do indivíduo doente. Insistindo, portanto, no caráter global dos processos patológicos e na necessidade de substituição de uma patologia celular por uma patologia textrina, a exemplo de Leriche. Desse modo, na patologia mental é dado o mesmo privilégio à noção de totalidade psicológica e a doença mental é definida conforme a amplitude das perturbações da personalidade que podem ser agrupadas em duas grandes categorias: as **psicoses** e as **neuroses**.

As **psicoses** seriam perturbações da personalidade global, comportando distúrbios do pensamento – pensamento maníaco, esquizofrênico, paranóico etc. – que foge, flui, desliza no mundo da razão, imposto fundamentalmente pelo iluminismo.

Já as **neuroses** atingem somente um setor da personalidade, sendo que, o fluxo do pensamento permanece intacto na sua estrutura. Por isso, neuróticos, mesmo quando apresentam "obliterações de consciência, como o histérico, ou impulsos incoercíveis como o obsedado, conservam a lucidez crítica com relação a seus fenômenos mórbido" Foucault (1994:15).

Logo, classificam-se geralmente, entre as **psicoses**, a paranóia e todo o grupo esquizofrênico, com suas síndromes paranóides, hebefrênicas e catatônicas; entre as **neuroses**, a psi-

castenia, a histeria, a obsessão, a neurose de angústia e a de fobia. A personalidade torna-se, assim, o elemento no qual se desenvolve a doença e o critério que permite julgá-la.

Mas o que é então loucura? É uma doença única ou um conjunto de doenças? Ou não é uma doença? Essas questões são abordadas pela própria Psiquiatria que prefere adotar os termos distúrbios mentais ou mais recentemente transtornos mentais, por achar que loucura é um termo muito abrangente, complexo e pouco técnico; um termo que não garante um certo estatuto de cientificidade ou reconhecimento dos sintomas da doença mental.

Há uma tendência contemporânea de universalizar os conhecimentos em todas as áreas da medicina, buscando-se, assim, esclarecer conceitos, terapias e curas de doenças. Isso acontece, principalmente, para facilitar a troca de experiências e informações, a fim de se encontrar uma melhor Classificação Internacional de Doenças.

Sendo assim, as doenças mentais, desde o século passado, vêm sendo catalogadas em grandes grupos que atualmente ainda são aceitos num esquema bem tradicional, distribuídos em cinco grupos: neuroses, psicoses, psicopatias, retardo mental e demências. Na tentativa de uma melhor sistematização e de uma melhor comunicação entre comunidades diferentes, a Classificação Internacionais das Doenças, CID-10, substituiu a CID-9, após uma reunião de psiquiatras representantes de quase todos os países do mundo, ficando assim distribuídos os transtornos mentais em onze categorias na obra originalmente publicada em inglês sob o título *the ICD - 10 Classification of Mental and Behavioural Disorders*:

- transtornos mentais orgânicos, incluindo sintomáticos;
- transtornos mentais e de comportamento decorrentes do uso de substância psicoativa;
- esquizofrenia, transtorno esquizotípico e delirantes transtornos de humor (afetivos);
- transtornos neuróticos, relacionados ao estresse e somatoformes;
- síndromes comportamentais associadas a perturbações fisiológicas e fatores físicos;

- transtornos de personalidade e de comportamento em adultos;
- retardo mental;
- transtornos do desenvolvimento psicológico;
- transtornos emocionais e de comportamento com início usualmente ocorrendo na infância e adolescência;
- transtorno mental não especificado.

A CID - 10, na sua décima revisão, no capítulo V sobre os Transtornos Mentais e de comportamento representa um importante avanço na Classificação Internacional das Doenças Mentais. E mesmo sendo fruto de um grande esforço coletivo internacional, não é uma classificação totalmente perfeita.

Verificamos, então, com tudo que foi dito anteriormente, que se tem sido difícil uma categorização uniforme para a loucura, imagine um tratamento.

Falta-nos ver as pessoas com transtornos mentais sem discriminação. E acreditamos que uma forma de tentar também diminuir essa discriminação é estudando a linguagem, a conversação dessas pessoas que, a despeito de seus problemas mentais, têm necessidade de interação. Acreditamos também que, independente do tipo de transtorno mental que alguém possa ter, a interação com outras pessoas é imprescindível e, embora não se enquadre nos sentidos encontrados pelos "dotados de razão", tal interação, quer seja verbal ou não, tem certamente uma significação, como já mencionamos anteriormente, para os considerados "loucos".

Descrever a forma como a loucura tem sido categorizada ao longo dos anos, é importante para mostrar que essa categorização sempre se fundamentou na forma de falar, de agir, de atuar socialmente do "doente mental". Suas ações, sua linguagem, eram necessárias ao seu diagnóstico. Na verdade, esse estudo mostra que, mesmo as pessoas não sendo homogêneas, nem a linguagem, o ser humano tem sempre buscado um melhor exemplar, um protótipo, uma normalidade, uma padrão.

Na realidade, o que todas essas propostas de definição apontam é que existe algo na linguagem, no dizer dos portadores de sofrimento psíquico, que provoca uma ruptura naquilo que o interlocutor espera ouvir. Como felizmente a linguagem não é algo uniforme, disso resulta uma dificuldade certa num diagnóstico e numa classificação mais precisos, pois existem dizeres bizarros em que os falantes pulam de um assunto para outro, às vezes, não falando "coisa com coisa" e, mesmo assim, são dizeres de pessoas consideradas normais. Shwartz, *apud* Novaes (1995), mostra que, muitas vezes, a fala de uma pessoa esquizofrênica, nem sempre é esquizofrênica. No entanto, essa mesma fala se caracteriza, às vezes, por apresentar desordens nas associações semânticas, falta de coesão textual e desordens na comunicação e no processamento de informações.

Limitaremos a nossa pesquisa às conversas de pessoas com esquizofrenia.

Se a linguagem não é uniforme, como se pode falar em "linguagem esquizofrênica"? Novaes (1995), estudando a esquizofrenia, baseada em Poskorny (1978), diz que:

A esquizofrenia é definida por alterações de ordem perceptual e/ou cognitiva e/ou afetiva. A procura de determinantes genéticos, geográficos, históricos, culturais tem sido vã. Também é indeterminado o prognóstico dessa doença. Certos doentes nunca voltam a "funcionar bem", outros funcionam, após um episódio esquizofrênico, melhor do que tinham funcionado a qualquer época antes. Pode implicar um alto ou baixo grau de consciência. O exame da literatura no campo forneceria uma lista virtualmente sem fim de achados e contra-achados fisiológicos, psicológicos e sociais que ajudariam a compreender melhor a linguagem esquizofrênica.

Com os estigmas existentes é possível até se esperar que todas as pessoas com transtornos mentais perdem a seqüência lógica do pensamento, que ocasiona uma conversa totalmente "sem nexos". Mas, pelo contrário, atualmente existem instituições mais abertas que lutam pelos

direitos à cidadania de seus clientes, tentando mostrar que nem todas as pessoas "doentes mentais" perdem a capacidade de interação social.

Exemplos dessas instituições são os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) sobre os quais fazemos, a seguir, um breve estudo.

I.1. CAPS: o que é e como surgiu

No contexto de emergência da burguesia, as concepções sobre comportamentos irracionais foram enfatizados logo após a Revolução Francesa. Essas concepções serviram de suporte para a consolidação da hegemonia dessa nova classe social que, à época, encontrava-se fortemente ameaçada por manifestações proletárias. O questionamento das condições péssimas de vida dos operários, fruto das relações de exploração impostas pelo sistema capitalista, culminou em saques e quebra-quebras. Por causa dessa situação, desenvolveu-se um movimento intelectual conservador que visava ao controle dos impulsos populares violadores das leis, desconhecedores da autoridade e que semeavam a desordem. Nesse intento, resgata-se a idéia de irracionalidade envolta na concepção que a burguesia criou em torno das reações populares. Adequadas ao objetivo de controle das reações populares, organizaram-se instituições capazes de conter as "ações irracionais". A burguesia intenciona o estabelecimento da ordem social, promovendo a coesão em torno da lógica racionalista. Assim, a razão foi tomada para modelar a moral social e fundamentar as relações humanas, constituindo-se como pilar da estrutura social. Os indivíduos incapazes e impossibilitados de adequar-se ao mundo racional ficaram à margem dessa nova estrutura social.

Uma vez que os comportamentos classificados como inadequados ao cenário social burguês eram perseguidos, dar-se início no século XIX, uma nova função para os hospícios. Agora eles assumem uma dimensão reparadora da razão sem alterar as práticas de enclausu-

ramento. Para os defensores de tais hospícios, o isolamento dos indivíduos das práticas e vivências coletivas era necessário para que esses mesmos indivíduos recobrassem a sanidade de suas faculdades mentais.

Hoje, no entanto, estão sendo revistas as políticas de saúde mental e questionadas as estruturas manicomiais. Na verdade, desde a segunda metade do século XX, nos Estados Unidos e na Europa, as concepções humanísticas problematizaram o significado social e econômico da política de saúde mental. Algumas dessas concepções propunham, como princípio norteador das terapias, a inclusão dos indivíduos portadores de distúrbios mentais no convívio coletivo e a conseqüente extinção dos manicômios. Isso apoiado na constatação de que a exclusão dos portadores de sofrimento psíquico da vida social, feita por essas instituições, tem dificultado a reabilitação desses indivíduos, criando dificuldades para a sua reinserção na sociedade, além de constituírem um tratamento extremamente oneroso para os cofres públicos.

No Brasil, o debate em torno da reforma psiquiátrica também não é tão recente tem-se fortalecido desde a penúltima década, apesar de ser caracterizado por situações bastante diversas, segundo Santos (1997):

"há locais onde avanços efetivos em termos de assistência na área de saúde mental têm sido alcançados, contrastando com outros onde a força das práticas atrasadas faz-se evidente".

Realmente as situações são diversas, assim como os contextos e as próprias práticas, mas essas diversidades já significam um grande passo na luta de um significado social para um sujeito considerado louco. É, sem dúvida, uma forma de sair do silêncio definido pela censura manicomial para se estabelecer uma liberdade de dizeres antes proibida. É uma forma de não mais separar os "loucos" dos outros sujeitos "normais", dando-lhes, desse modo, um retorno de suas "identidades", e um sentido para continuar vivendo. Essas diversidades de assistência na área de saúde mental comprovam que as ações de lutas antimanicomiais, mesmo não sendo homogêneas e tendo suas especificidades são bastante representativas.

Santos (1997) considera que um dos fóruns mais importantes de discussão nessa área tem sido o movimento da Luta Antimanicomial, em cujos núcleos espalhados por diferentes Estados, debatem-se não só questões ligadas ao hospital psiquiátrico e modelos que possam substituí-lo, mas sobretudo a visão social da loucura, e as questões ligadas à cidadania dos portadores de transtorno mental.

Aliando-se às novas discussões sobre o tratamento dispensado à doença mental, organiza-se, na década de noventa, a política de municipalização da saúde, uma nova estruturação dos serviços voltados para a assistência médica oferecida à população. No bojo dessas medidas, necessária se fez a modificação da política de saúde mental, surgindo, assim, pequenos Núcleos ou Centros de Atenção – NAPS e CAPS, apesar de o hospital psiquiátrico ainda permanecer como local de destaque dentro da política de saúde mental, concentrando o maior número de profissionais, de atendimento e de recursos. Os NAPS e CAPS, consoante Santos, (op. cit) mesmo em número reduzido, já atuam de forma bastante diferenciada dos hospícios. Desde o surgimento do primeiro centro (CAPS "Professor Luiz da Rocha Cerqueira"), em São Paulo, o tratamento dispensado ao doente mental tem sido feito de forma diferenciada. Esse centro, na realidade, atuava como um intermediário entre a hospitalização integral e a vida comunitária, destinando-se ao cuidado público de pessoas com problemas psiquiátricos graves. Mesmo se sabendo que não era ainda o ideal, esse centro serviu de referência nacional para a criação de outros os quais hoje representam um local em que os princípios preconizados pela Reforma Psiquiátrica e Movimento de Luta Antimanicomial podem ser aplicados. Assim, as "vozes" de pessoas tidas como irrecuperáveis e perigosas, que ao longo de tantos anos estiveram abafadas pelo modelo manicomial, segregador e estigmatizante, passaram a ter assento nas diversas Comissões Municipais de Saúde Mental ou ao lado de profissionais, familiares e outras representações sociais e culturais do município, passando a ter influência na política de saúde mental local.

A nova abordagem terapêutica da doença mental modifica a postura reprodutiva das relações de dominação e poder que perpetuam a doença, desencadeando uma busca pelo significado das trocas intersubjetivas, tentando compreender inclusive, que esquemas simbólicos os indivíduos utilizam em suas mediações com a sociedade, visando a inclusão dos portadores de sofrimento psíquico, como cidadãos, no seio da coletividade.

Tudo isso chamou-nos atenção. Agora há quem lute para que os "loucos" não sejam somente falados pelas "vozes da razão". Com esse espírito e com uma nova perspectiva assistencial, como também nos fala Santos (1997), surge em 1991 no Ceará, mais precisamente em Iguatu, o primeiro CAPS do Nordeste.

Ainda sobre as instituições manicomiais, podemos afirmar que elas acabavam promovendo a mutilação do "eu" despindo os internos de seus mundos domésticos e de seus direitos como cidadão. Fazia parte da lógica dessas instituições impor a todos os internos uma ruptura com seus modos de vida anteriores, já que elas exigiam a padronização dos hábitos e dos costumes. Com isso, era promovido o aniquilamento da personalidade dos reclusos para que a instituição pudesse impor sua autoridade onipotente (Goffman, 1976).

A loucura, nessa perspectiva, passa a ser tratada como uma questão apenas de saúde, em que a prevalência das concepções clínico-organicistas conduzem a uma abordagem restrita dos fatores que envolvem o problema. Essa concepção sedimentou uma terapêutica voltada para o uso de farmacos, e de outras práticas de cunho médico-orgânico. Os CAPS também buscam o tratamento da doença, mas sem conceber a loucura como um fato orgânico totalmente isolado de fatores sociais e psicológicos. A filosofia do CAPS de Iguatu, como dos demais, baseia-se, então, no acompanhamento sistemático das pessoas portadoras de transtornos mentais, com rotinas que vão desde a assistência clínica em ambulatório, passando por terapias de grupo, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, grupos de família e sobretudo pela interação com os movimentos sociais, políticos, sanitários e culturais dentro do municí-

pio. Não se trata, pois, só de remissão de sintomas, de cura de doenças, mas principalmente de um novo olhar e de uma nova concepção sobre aquelas pessoas tidas como "desviadas da norma estabelecida".

Como todo discurso é feito em um contexto e o CAPS é um espaço em que os doentes mentais passam horas de suas vidas, achamos que pesquisar sobre a conversação, nessa instituição que têm uma nova concepção de loucura, é interessante, para não dizer importante, até como um subsídio na luta anticomunal. Assim, falaremos a seguir sobre os aspectos teóricos metodológicos da pesquisa.

CAPÍTULO II

DISCUSSÕES TEÓRICAS

II.1. Considerações Gerais sobre Análise da Conversação

Por tratarmos, nesta pesquisa, de dados de oralidade de pessoas com transtornos mentais, incorporamos fundamentalmente os pressupostos teóricos e metodológicos referentes a Análise da Conversação, a qual teve início na década de sessenta na linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva, investigando as ações humanas diárias nas mais diversas culturas e as formas de elas se apropriarem do conhecimento social, respectivamente.

No início, a Análise da Conversação preocupava-se somente com os mecanismos organizadores e com a descrição de suas estruturas. Com o passar do tempo, essa análise começa a ultrapassar as descrições das estruturas e atinge, como afirma Gumperz (1982), os processos cooperativos presentes na atividade conversacional, passando a verificar também os conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e sócio-culturais que devem ser partilhados para que haja interação entre as pessoas que mantêm uma conversa. A conversa passa, então, a ser vista como uma prática de atos complexos, consoante a teoria proposta pelo filósofo Austin (1962).

Para explicar esses atos complexos e como os falantes usam as orações de uma língua e qual a sua intenção comunicativa, Grice (1975) propõe uma estratégia dedutiva informal. Baseada em um conjunto de máximas que constituiriam o chamado princípio da cooperação entre os participantes de uma situação comunicativa. Argumenta o autor que uma conversa envolve um trabalho de cooperação entre os participantes em que cada um reconhece nela um rumo. Esse rumo pode ser fixado desde o princípio ou surgir no decorrer da conversa. Basea-

do nessas considerações, Grice (1975) formula, como já mencionamos anteriormente, o princípio da cooperação que abrange certo número de máximas: máxima da quantidade (diz respeito à quantidade de informações a ser transmitida), máximas da qualidade (norma geral de respeito a verdade), máximas de relação (seja relevante), máxima da maneira (seja claro). Mas freqüentemente, essas máximas são violadas. Dessa forma é que as mentiras e as observações irrelevantes são muito comuns na conversação.

Além disso, o falante também pode violar essas regras propositadamente com a finalidade de o ouvinte perceber ou não tal violação. E nesse ponto, podemos fazer algumas reflexões. Até que ponto as verdades são realmente verdades? Até que ponto há violações? Graças a noção de inconsciente citada por Freud (1972), *apud* Gay (1989), que diz que um lado determinante e desconhecido do homem o impulsiona para uma máscara: a ilusão da verdade, da dominação de um objeto por um sujeito, temos conhecimentos hoje que, muitas vezes, em uma conversa, joga-se o "faz de conta" para lograr êxito, em que se mascara o que não se quer dizer e finge-se ser sincero.

Apesar do fingimento, a conversação não é um fenômeno anárquico e aleatório, como muitos pensam, mas um fenômeno altamente organizado e, por isso mesmo, passível, como diz Marcuschi (1991), de ser estudado com rigor científico. Marcuschi (*op. cit.*) mostra-nos também como essa organização é reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa. Desse modo, as decisões interpretativas dos interlocutores são decorrentes de informações contextuais e semânticas construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais. Foi pensando nessa linha e negando a noção de um significado fixo e imutável, inscrito na palavra, como também negou Bakhtin (1990), que resolvemos adentrar em uma das principais vertentes da pragmática, a Análise da Conversação.

A conversa estabelecida entre as pessoas se nos apresenta como uma espécie de teia construída simultaneamente por dois ou mais interlocutores. É um trabalho artesanal que ganha forma na inter-relação entre os sujeitos. Isso porque não basta uma única pessoa querer conversar, sendo, pois, necessária a participação do outro, do interlocutor. Os participantes de uma conversa têm que ter um mínimo de conhecimentos de mundo partilhados e, principalmente, uma vontade explícita de querer conversar. Caso contrário, a oralidade se transformará em um monólogo. Na nossa concepção, a conversação é um dos gêneros básicos da linguagem em que somos os atores sociais, buscando atuar, agir, dominar, de certa forma, o mundo.

Segundo Orlandi (1984), o homem procura realmente dominar o mundo em que vive e uma forma de ele ter esse domínio é o conhecimento. Esse é um dos motivos pelos quais ele procura explicar tudo o que existe. E a linguagem é uma dessas coisas. Ao procurar explicar a linguagem, o homem está procurando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária de seu mundo e da sua convivência com os outros seres humanos. Portanto, a sedução que esse assunto exerce sobre o homem não é algo atual, existe desde sempre, como afirma Orlandi (op. cit.)

Para Wittgenstein (1994), a linguagem e o pensamento se transformam em atividades de diferenciar padrões de comportamento sem propósito lógico ou teórico de combinação, quebrando, desse modo, a prepotência da uniformidade. Com a linguagem partilha o pensamento a ousadia de suas aventuras e para ela recorre a insistência das tentativas de ultrapassar os limites do real. Logo, notamos que a filosofia da linguagem tem se preocupado com questões referentes a liberdade do homem em perceber a realidade objetiva e agir sobre ela, transformando-a e atribuindo-lhe significados.

Esses significados não são fixos e dependem de questões sócio-culturais. Bakhtin (1990) mostra-nos que as relações entre os elementos internos que constituem um signo dão-

se de forma dinâmica, fruto de um acordo social. Sendo assim, a linguagem marcaria, com sua presença, a dinâmica dos homens no mundo e estes seriam agentes sociais, sujeitos históricos livres. Wittgenstein (1994) revela-nos que a linguagem real da vida não considera apenas as estruturas lógicas que se podem ordenar com perfeita coerência e transparência. A linguagem real da vida se mantém sempre em aberto e abrindo-se para usos sempre novos, Além da visão bakhtiana que estabelece as relações que determinam as significações para os signos como relações sociais, Foucault (1979) fala-nos de uma noção de discurso institucionalizado.

No meio dessa complexidade, Wittgenstein (1994) fala do "jogo da linguagem" no qual os sentidos das expressões lingüísticas são dados por uma mecânica específica (contextualmente adquirida) para se manejar com elas. Essa mecânica só se torna, de fato, um jogo, quando mantém as dimensões propostas por Austin (1962) para um ato de fala: a locução, a ilocução e a perlocução. A atividade de comunicação se dá, assim, através de atos de fala e é caracterizada por envolver uma relação cooperativa entre emissor e receptor e por transmitir intenções e conteúdos, bem como, por ter uma forma adequada à sua função. Exemplificando, poderíamos citar o caso de dois falantes, em que a comunicação só se efetuará se os dois se engajarem em um esforço cooperativo para atingir um objetivo. Esse esforço se concretiza na obediências às máximas, já mencionadas, de Grice.

Diante de tudo isso, percebemos claramente que a linguagem não é apenas expressão do pensamento, quantas vezes pensamos e expressamos exatamente o contrário. A violação da qualidade é freqüentemente usada como ironia. A linguagem é, portanto, ação que envolve pessoas, contextos situacionais e até um sistema de poder. Poder esse, como afirma Foucault (1972) que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Assim, em uma conversação, as decisões interpretativas dos interlocutores são decorrentes de informações

contextuais e semânticas construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais.

Finalmente, afirmamos com Wittgenstein (1994) que conversar não é um ato solitário, pois ninguém conversa com monólogos. Até mesmo os "doentes mentais", que parecem conversar sozinhos, não falam constantemente monólogos. E é exatamente essa conversação que se quer compreender numa perspectiva, como já falamos, que ultrapasse a análise de estruturas e atinja os processos cooperativos presentes na atividade conversacional, pois a interação intertextual entre os portadores de sofrimento psíquico só pode acontecer dentro de um determinado discurso social, que por se construir coletivamente obedece a um acordo de cooperação. Transformamos as experiências diárias com essas pessoas em fonte de desenvolvimento, interação e crescimento mútuo, é possível, desde que se aprenda a conhecê-las, sem discriminação.

Assim, viveremos um momento de exploração da riqueza da diversidade humana, com propósitos de integração e, principalmente, de aceitação do diferente. Nesse novo contexto, as várias linguagens serão valorizadas, constituindo "corpus" para inúmeras pesquisas e contribuindo para o desenvolvimento de novas maneiras de tratar os indivíduos mentalmente afetados, adequando à heterogeneidade deles uma terapêutica eficaz.

Pesquisar a conversação de pessoas com transtornos mentais, identificando as características de seqüências e o uso de marcadores conversacionais, é contribuir para compreendermos que as conversas produzidas por elas são também munidas por mecanismos responsáveis pela compreensão e interação de quaisquer interlocutores, com sofrimento psíquico ou não.

O problema dos comportamentos patológicos no homem é imenso. O portador de um defeito físico congênito ou adquirido sofre inúmeras punições de sua comunidade. Com a doença mental não é diferente, pois, além dos estigmas sociais e culturais, as pessoas com esse tipo de problema perdem a credibilidade até de suas conversas.

O CAPS, bem como outras instituições preconizadas pela reforma psiquiátrica está tentando aplicar à prática médica um espírito sem preconceitos em que o essencial não é apenas a clínica e a terapêutica dos doentes mentais. E é sob essa influência que a luta para acabar com a exclusão de seus pacientes do convívio social existe. O internamento, fato comum em toda a Europa do século XVII, ainda existe rotineiramente, apesar dos avanços, pois, como afirma Foucault (1972), antes de ter o sentido médico, ele era exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura. Os pacientes com transtornos mentais, sujeitos da nossa pesquisa, são tratados de forma diferenciada e não estando em estados crônicos são totalmente livres de internamentos; têm, portanto uma vida fora do CAPS em que interagem certamente através da linguagem. Isso nos interessa ver, pois, durante muito tempo, em nome da razão, os loucos foram presos como insanos e totalmente incapazes de um convívio social.

Desfazer esse estigma é quebrar paradigmas, romper com amarras, lutar contra os valores sócio-culturais, enfim, é ir na contramão da história da "doença mental". Mas é preciso traçar novos rumos e desfazer os preconceitos que tanto mencionamos. Assim sendo, mesmo considerando a linguagem uma espécie de comportamento intencional, ou racional, conforme Grice (1975), julgamos que, até em momentos de surtos psicóticos, as pessoas com transtornos mentais continuam conversando.

II.2. A organização da conversação

II.2.1. Os turnos conversacionais

O turno conversacional é tudo aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo até a possibilidade do silêncio. É portanto um dos elementos chave de uma conversação que é, consoante já falamos, uma interação centrada e marcada pela alternância desses

turnos. Há, nela, transições constantes entre os interlocutores, tornando, assim, a tomada de turno numa operação básica e o turno num componente central.

Sacks (1974), estudando o sistema de tomada de turnos, indica que ele é formado por um conjunto de procedimentos cujo objetivo principal é organizar a escolha dos falantes na conversação bem como indicar os locais nos quais devem ocorrer as trocas desses falantes. Seguindo, desse modo, as regras básicas da conversação: troca de falantes e fala um de cada vez. Isso torna possível a organização da tomada de turno. É claro que essas regras nem sempre são obedecidas, mas não deixam de ser importantes e necessárias.

O sistema de tomada de turnos é localmente comandado e nele existe um caráter fundamentalmente contextual em que a linguagem é um lugar de interação e de negociação de sentido. É um sistema para seqüências de falas que deveria ter alternância dos falantes e uma estrutura tripartite: uma que estabeleceria o elo com o turno anterior, a segunda ocupada pelo turno e a última que estabeleceria uma relação com o turno seguinte. Contudo, essa estrutura é também constantemente desrespeitada e, dependendo do número de participantes, poderá haver o que Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) chamam de cisma: conversação paralela quando há mais de três pessoas.

Dessa forma, a definição clara do que seja um lugar relevante para a tomada de turno é bastante complexa, visto que não há marcadores absolutos para determinar se o falante já terminou o seu turno. Todavia, a entonação baixa, a pausa, a hesitação, podem ser marcas relevantes para a transição de um turno a outro.

Ao analisarmos os turnos em conversas de pessoas com "sofrimentos mentais", queremos verificar se, em situações de surto ou não, essas pessoas dão seqüência aos turnos que exigem a formação obrigatória e não cancelável de um par adjacente – esse assunto será posteriormente abordado.

A resposta, dadas a esses pares conversacionais, indica que há pelo menos indícios de uma interação e de uma compreensão. Uma observação desses pares é de fundamental importância em nossa pesquisa, uma vez que julgamos que nem mesmo a "doença mental" é capaz de tornar impossível a sua ocorrência. Além do mais, se o que foi dito logo após um turno introdutório for pertinente é porque está havendo um monitoramento da pessoa com transtorno mental no que se refere à compreensão.

II.2.2. O direito ao turno, à palavra

Historicamente e culturalmente, o "louco" foi concebido como incapaz de conversar com alguma coesão e coerência. Mas, na realidade, ele foi preso em uma rede rigorosa de valores que o isolou terminantemente do convívio social e da interação humana. Infelizmente, mesmo estando sendo fortemente discutida as posturas médicas e terapêuticas que isolam o "insano" em asilos, hospícios ou manicômios, isso ainda é uma prática comum no meio psiquiátrico: o homem "desatinado" deverá ir para o hospital, a fim de ser internado e ter um tratamento terapêutico que vise a sua cura.

Apesar de tudo isso e de socialmente ter sido colocado em um patamar inferior, à margem de sua comunidade, o "louco" jamais perdeu toda a capacidade de conversar. O próprio Foucault (1972) aborda esse assunto, mostrando que, não obstante o direito e a medicina considerarem a doença mental como a "unidade mítica do sujeito juridicamente incapaz e do homem reconhecido como perturbador do grupo", respectivamente, o insano desafiadora e timidamente ainda ousa enfrentar a justiça e a medicina, interagindo socialmente e buscando o direito à palavra, retirado que foi em nome da razão. Em nome dessa razão, muitos tentaram calar a liberdade de diálogos dos doentes mentais.

Diante do exposto, sabemos que o direito ao turno conversacional não é sempre concedido ao "louco". Entretanto, isso está mudando. Muitos dos profissionais que atuam nessa área estão engajados no processo de reforma psiquiátrica cuja importância pode ser compreendida na construção coletiva do bem estar de seus clientes, além de tratar os transtornos cristalizados. Prevenindo, com isso, o "hospitalismo" e garantindo a permanência dos vínculos sociais e das interações. A importância dada a essa reforma pode ser compreendida quando Santos (1997) considera que, apesar dos serviços ligados à psiquiatria serem díspares e não apresentarem a devida capacitação para superar o desafio de transcender suas práticas predominantemente assistenciais, eles estabeleceram alguns avanços pontuais com novas práticas nos processos de reabilitação e extra-hospitalar.

Assim sendo algo em particular nos interessa examinar: se as pessoas com transtornos mentais seguem as regras postuladas por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) em relação ao comando do sistema de tomada de turno. As regras postuladas são as abaixo relacionadas:

- o falante corrente escolhe o próximo falante que, por sua vez, toma a palavra iniciando o turno seguinte;
- o falante corrente para e o próximo falante se auto-escolhe para ter o turno.

Para compreender melhor esses assuntos, é preciso saber que em uma conversa entre pessoas "normais" ou não o processo de tomada de turnos não é algo tão "simplista", nem tão democrático. Há uma relação de poder entre as pessoas que dificulta a simetria de papéis e o direito a palavra.

II.2.3. A Organização de Sequências – O Par Adjacente

Marcuschi (1991) revela-nos que existem organizadores conversacionais que exorbitam o âmbito do turno e se estendem ao nível da sequência. Exemplo disso são as sequências

mínimas que se dão na extensão de dois ou até três turnos, podendo aparecer em qualquer lugar da conversação. Essas séries de turnos, compondo as seqüências, podem ser adjacentes ou não. E o que seria essa posição adjacente?

O par adjacente é uma seqüência de dois turnos que concorrem e servem para a organização local da conversação. Representando, muitas vezes, uma coocorrência obrigatória e dificilmente adiável ou cancelável de um turno seguinte.

No campo das discussões acerca dos pares adjacentes, consoante Marcushi (op. cit), Schegloff e Sacks (1973) apontaram algumas características desses pares, que podem ser resumidas em grupos: extensão de dois turnos; posição adjacente; produção sucessiva por falantes diversos; ordenação com seqüência pré-determinada; composição de uma primeira e de uma segunda parte; a primeira parte seleciona o próximo falante e determina sua ação; a primeira parte coloca o ponto relevante para a transição de turno. Como exemplos, temos os grupos de pergunta / resposta, ordem / execução; cumprimento / cumprimento; oferecimento / aceitação ou recusa; acusação / defesa, etc., formando pares-tipo. Claro que essas primeiras partes desses pares, apesar de exigirem a presença de uma segunda parte (um oferecimento, por exemplo, deverá ter uma aceitação ou recusa), nem sempre conseguem ter essa segunda parte. Levinson (1983) diz que, mesmo não sendo necessariamente obrigatória, há expectativas específicas que devem ser atendidas. Logo, o par-tipo ao qual pertence a primeira parte é relevante para a escolha da segunda parte desse par que quase sempre é adjacente.

Ao realizar a segunda parte de uma elocução-tipo, o falante mostrará que existiu entendimento e ao mesmo tempo cooperação, contribuindo, dessa maneira, para a continuidade da conversação. Não entendendo a primeira parte, o falante deverá dizer que não compreendeu ou que não ouviu o que foi exposto. Caso contrário, ficará uma situação constrangedora para o falante que introduziu o par.

A "doença mental" tem desenhado uma silhueta bem diferenciada na vida social. Muitos acreditam que ela seja uma ameaça à razão e às regras sociais... uma desordem geral. Entretanto, esquecem-se de que as vozes da loucura já nasceram livres. Elas dizem o que pensam, chegando, inclusive, a manifestarem o que outras vozes "normais" esconderiam ou camuflariam em um jogo de ironias e falsidades que, tantas vezes, as pessoas com distúrbios mentais não conseguem jogar. E isso os tem tornado ainda mais insanos, segundo a sociedade. Assim sendo, poderíamos acreditar que eles não seriam capazes de realizar o par adjacente. O que difere da nossa hipótese: as pessoas com distúrbios mentais em surto ou não realizam a segunda parte de um par adjacente, revelando, assim, o seu nível de compreensão em relação ao que foi produzido na primeira parte do par e mostrando, em uma realização ideológica, que a mensagem de seu interlocutor foi entendida e as condições de comunicação foram satisfeitas. Se eles não reconhecessem as perguntas, as ordens, os convites, os cumprimentos, os xingamentos, a acusação, os pedidos de desculpa, não atenderiam à exigência conversacional que ora se estabelece.

II.3. Os Marcadores Conversacionais

A conversação, aqui já tão falada, consiste numa troca alternada e cooperativa de turnos em que não há uma estrutura propriamente normativa, mas uma operacionalização que se dá pela compreensão existente entre os interlocutores. Parece claro, assim, que a análise da conversação deverá observar os princípios comunicativos além dos meramente sintáticos.

Keller (1979), analisando os marcadores conversacionais, revela que existem relações estruturais e lingüísticas entre a organização da conversação em turnos e a ligação interna em unidades constitutivas de tempo. Isso sugere que os marcadores de texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas. Esses recursos podem ser

divididos em verbais, não-verbais e supra-segmentais e servem de orientadores dos falantes entre si e de elo entre unidades comunicativas, podendo aparecer em várias posições, com várias funções: para troca de falantes, para mudança de tópico, nas falhas de construção. Como cita Marcuschi (1991), eles podem operar como iniciadores ou finalizadores de turno

Os marcadores conversacionais não contribuem, em sua totalidade com novas informações para o desenvolvimento da conversa. Alguns não são nem lexicalizados: ahã, ué, mm... Outros, como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, os gestos, são importantíssimos na interação, pois, além de estabelecerem o contato, ainda mantêm e regulam essa interação.

Já os marcadores supra-segmentais, como as pausas e o tom de voz, são de natureza lingüística, mas não são verbais. As pausas podem ser curtas, médias ou longas e como nos faz ver Keller (1979) constituem um fator decisivo na organização do texto conversacional. São freqüentes em final de unidades comunicativas e geralmente concorrem com outros marcadores, mas podem também surgir no início de unidades, fundamentalmente, como hesitações.

Rath (1979:96-97), *apud* Marcuschi (1991), mostra-nos que as pausas podem ser divididas em:

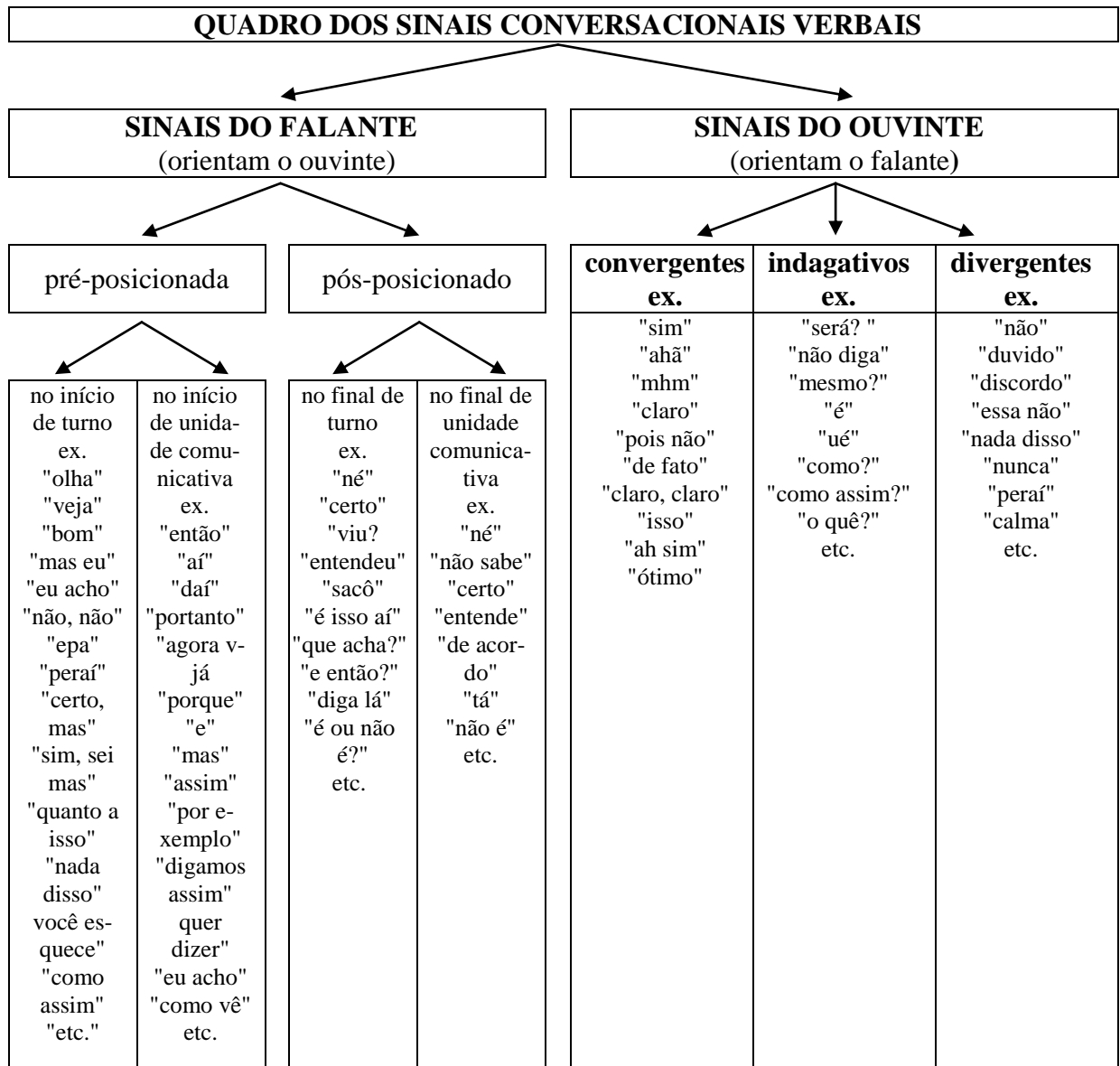
- pausas sintáticas: de ligação (e, então, mas...) e de reparação (vêm logo após um sinal de fechamento de unidade ou baixamento do tom de voz);
- pausas não-sintáticas: de hesitação (podem ser idiossincráticas, preenchidas ou não, ou estarem sendo usadas para o planejamento verbal), de ênfase (servem como sinalizadores do pensamento).

Entre os marcadores conversacionais, estudaremos, de forma sintetizada, apenas os sinais verbais. É importante ressaltar a importância dos recursos paralingüísticos e supra-segmentais, mas não nos foi possível conseguir todas as gravações das conversas das pessoas com transtornos mentais em surto e sem surto psicótico em fitas de vídeo cassete. Isso nos

fez delimitar o nosso estudo somente aos sinais verbais. Eles podem ser subdivididos em sinais do falante e sinais do ouvinte e podem ter funções conversacionais e funções sintáticas, além de poderem vir em posições variadas dentro do turno ou na seqüência dos turnos.

Acreditamos, como Marcuschi (1991), que esses sinais são diversos e dependem do uso, do contexto, da condição social das pessoas. Uma investigação sobre esse assunto é oportuna, uma vez que o poder comunicativo desses sinais é muito grande.

Baseando-se em Rehbein (1979), Marcuschi (op.cit.) faz um quadro com modificações e acréscimos dos marcadores conversacionais, com seus tipos e funções. Esse quadro também será usado no nosso estudo:



As marcas conversacionais se nos apresentam como sendo sinais importantíssimos em uma interação centrada, como já frisamos, pois os sinais produzidos pelo falante servem tanto para, sustentar o turno, como para preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento etc.; e os produzidos pelo ouvinte servem para orientar o seu interlocutor, monitorando-o quanto à recepção. Desse modo, esses recursos tornam-se tão importantes para a nossa pesquisa como os assuntos relacionados aos pares adjacentes e aos turnos conversacionais, visto que não há conversas sem essas estruturas.

II.4. O fenômeno da relevância

A relevância é outro ponto que observamos nessa pesquisa. Esse fenômeno tem sido objeto de enfoques os mais diversos, conforme abordagens teóricas diferenciadas.

Sperber & Wilson (1995) definem o conceito de relevância em uma perspectiva comunicativa em que os interlocutores estabelecem uma rede de interação e sentido entre os seus dizeres e os dizeres dos outros. Em outras palavras, é através dela, que há a formação de uma unidade semântico-pragmática em que os elementos da comunicação são importantes. Para eles, a noção de contexto é fundamental porque é nele que se estabelecem as condições de avaliação da relevância e por se tratar de um conjunto de informações, situações e hipóteses, construídas pelos interlocutores na relação falante/ouvinte. Já para Dascal (1977), *apud* Pereira (1998), há dois tipos diferenciados de relevância: a semântica que se refere à relevância de certas entidades lingüísticas lógicas ou cognitivas, envolvendo, inclusive, conceitos como implicação, referência e sinonímia, a outra é a pragmática que envolve os atos de fala. Esses dois tipos, para eles, mantêm uma intrínseca relação entre si.

Poderíamos acrescentar, como fez Pereira (op. cit.), que a relevância, por se tratar de um fenômeno semântico-pragmático, pode constituir o processo de produção dos enunciados para a construção do sentido e da significação.

Sperber e Wilson (1996) aprofundam sua investigação sobre o fenômeno da relevância, ressaltando que os indivíduos têm intuição de relevância e podem distinguir informações irrelevantes das relevantes. Todavia, essas intuições são complexas e difíceis de serem determinadas, uma vez que não há meios de controlar a qual contexto elas se referem em um determinado momento. Conforme eles, uma suposição é relevante no contexto à medida que o esforço dispendido para processá-la é pequeno. Dessa forma, existem três casos em que uma suposição pode ser considerada irrelevante:

1. a suposição, mesmo acrescentando uma nova informação, não se conecta com nenhuma informação presente no contexto;
2. a suposição já está presente no contexto, não sendo, pois, informativa ou relevante;
3. a suposição é inconsistente e fraca em relação ao contexto.

A irrelevância, em determinadas situações, pode ser usada propositadamente, tornando-se relevante para o locutor.

Buscando compreender melhor o princípio da relevância que rege as conversações, Dascal (1977) chega a conclusão que há uma pressuposição genérica de que nossas reações são comandadas por aquilo que é topicamente relevante. Estudando esse fenômeno na construção de implicaturas, ele tenta diferenciar juízos de relevância relacionados à enunciação. Apresenta três graus básicos de relevância: relevante, marginalmente relevante e potencialmente relevante. Assim, um tema que se apresenta como relevante para o desenvolvimento do tópico - aquilo sobre que se fala -, pode tornar-se marginalmente relevante no momento em que os interlocutores elegem outro tema.

Dascal (1977) destaca uma explicação para a noção de relevância e sua contribuição para os estudos pragmáticos da compreensão. Já Sperber & Wilson (1986) definem o conceito de relevância em uma perspectiva comunicativa, concordando com Dascal e indicando que há uma profunda relação entre esse conceito de relevância e processos cognitivos, como a me-

mória e a percepção, pois, segundo eles, é a partir delas que o sujeito define o grau de relevância de uma determinada informação para um determinado contexto em que a informação nova deverá produzir um certo efeito contextual.

Pereira (1998), a respeito do pensamento de Speber & Wilson, expõe que a relevância está relacionada com o que os autores definem como intenção comunicativa do locutor e afirma que, se este desejar mudar de assunto, ele deve quebrar uma das etapas da comunicação de forma sutil para que possa ser pragmaticamente relevante. Explicitando melhor, diremos que os participantes de uma comunicação verbal passam por algumas etapas: na primeira, o locutor apresenta uma informação que possa ser associada a alguma informação antiga. Na segunda etapa, o que foi dito pode ser associado ao novo contexto e deve apresentar algo de novo que modifique sua força argumentativa e na terceira etapa, a informação dada não pode entrar em contradição com o contexto dado, nem ser fraca a ponto de não modificar nada. Se a quebra de uma dessas etapas indicar que o locutor quer mudar de assunto, ela será relevante.

Com base nos estudos de Dascal e Katriel (1979) sobre as digressões - termo utilizado para caracterizar, numa interlocução; um momento desviante ou incoerente na produção oral - Koch (1997) analisa a questão do que é topicamente relevante para se poder caracterizar a ocorrência ou não de "momentos digressivos". Segundo ela, a digressão contribui para o estabelecimento da coerência do texto oral, tornando claro algum ponto do tópico em questão, não prejudicando a conversação. Assim sendo, a interação passa a ser vista como uma construção de parceiros que estabelece não somente a coerência do texto oral, mas também de toda situação interativa. O desenvolvimento do tópico, como ressalta Pereira (1998), é um interesse dos que participam da interação e toda informação por mais digressiva que pareça, pode contribuir significativamente para o texto oral.

Koch (op. cit) admite que o tópico - aquilo sobre o que se fala - como critério textual é construído à medida que o processo enunciativo começa a se constituir, ou seja é uma tarefa

conjunta dos interlocutores que levam em consideração a atividade cognitiva (memória, processos inferenciais, percepção; etc.) e o conhecimento pragmático de cada um deles.

Samara (1988), *apud* Pereira (1999), acha que a relevância é uma noção de valor binário em que um enunciado é mais relevante para o ouvinte quando permite que ele chegue à intenção do seu interlocutor de maneira segura; o enunciado é menos relevante quando há ambigüidade ou perplexidade.

A relevância é, portanto, uma característica interacional em que a semântica e a pragmática têm papel fundamental. O contexto e a interação comunicativa atuam como motivação racional para o ato de fala. Logo, a importância dada a um tópico é fundamental, mas não é tudo para se ter a relevância no discurso. Dito de outra forma, a relevância não é a única explicação para reagirmos a algo, porque mesmo que reagíssemos apenas ao que julgamos importante, ainda assim não teríamos explicações para como esses dados são selecionados. Julgamos que, em uma conversa, tanto a relevância como o conhecimento mútuo são ferramentas importantes para fazer com que os interlocutores sustentem uma conversação. Dascal (1979) considera o sistema lingüístico e suas expressões, fatores contextuais e cognitivos, conhecimentos partilhados, imagem recíproca dos interlocutores e todos os demais fatores que atuam na construção da significação como o conjunto de condições para o estabelecimento da relevância.

CAPÍTULO III

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

No início, a Análise da Conversação (AC) preocupava-se somente com os mecanismos organizadores e com a descrição das suas estruturas. Mas, com o passar do tempo, essa análise começa a ultrapassar as descrições das estruturas e atinge, como afirma J. J. Gumpers (1982), citado por Marcuschi (1991), os processos cooperativos presentes na atividade conversacional. Assim, ela passa a verificar também os conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e sócio-culturais que devem ser partilhados para que haja interação entre as pessoas que mantêm uma conversa.

Conversar é, portanto, praticar atos complexos. Para explicar esses atos complexos e como os falantes usam as orações de uma língua e qual a sua intenção comunicativa, o filósofo Grice (1975:41) propõe uma estratégia dedutivo-informal baseada em um conjunto de máximas que constituíram o chamado "princípio de cooperação" entre os participantes de uma situação comunicativa. Para conversar é necessário prender a atenção do outro (do interlocutor) e isso acaba se tornando um jogo fascinante no qual ironias e mentiras são alguns dos muitos recursos disponíveis aos falantes.

Verificamos, então, que a análise da conversação passa da organização para a interpretação, da estrutura para os processos cooperativos em que existem duas perspectivas para analisar uma conversa: uma que estuda a arquitetura conversacional geral, mostrando que é organizada e passível de ser estudada com rigor científico; outra que nos revela como essa organização é resultante de situações sócio-comunicativas, ou seja, como salienta Marcuschi (1991), é um reflexo de um processo subjacente, desenvolvido percebido e utilizado pelos participan-

tes da atividade comunicativa em que suas decisões interpretativas decorrem de informações semântico-pragmáticas construídas mutuamente ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais.

Tentando, pois, responder a questão como as pessoas criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais, a Análise da Conversação utiliza, como aparato metodológico básico, procedimentos indutivos:

"... inexistem modelos a priori. Ela parte de dados empíricos em situações reais. Daí não considerar como adequados os materiais de "conversações" extraídas de obras literárias, filmes, peças de teatro ou novelas de TV, por mais fiéis que pareçam, já que estas sempre serão construções reproduzindo nossa intuição da fala real. Este primado do empírico dá a AC uma vocação naturalística com poucas análises quantitativas, prevalecendo ainda as descrições e interpretações qualitativas" Marcuschi (1991:7)

A análise da conversação, mesmo se baseando em realizações individuais, almeja a asserções universais em uma determinada língua, visando, a um só tempo, chegar a um sistema organizacional e a um sistema de regras livres e sensíveis ao contexto. De acordo com Streek (1983) *apud* Marcuschi (1991):

"os mecanismos descritos pela AC são formalmente propostos nas suas variáveis estruturais, mas sempre submetidos ao controle dos falantes em cada caso".

Há uma diferença entre a Análise da Conversação, a Análise do Discurso e a Pragmática Filosófica. A AC tem uma vocação empirista alimentada por uma motivação histórica de procedência etnometodológica, etnográfica e sociológica. Essa motivação fez com que ela, desde o início, estabelecesse sua preocupação básica com a vinculação do contexto situacional, com o caráter pragmático da conversação e de toda a atividade lingüística diária.

A Etnometodologia ligada à Sociologia da Comunicação e à Antropologia Cognitiva tem como preocupação principal as ações humanas diárias em diversas culturas, tratando da constituição da realidade no mundo cotidiano e investigando a maneira de as pessoas se apro-

priarem do conhecimento social e das ações. Logo a AC não poderia jamais ter como objeto de investigação apenas as estruturas conversacionais, pois segundo Marcuschi (1991:8),

"a vinculação contextual da ação e interação social faz com que toda atividade de fala seja ligada à realização local, mas de uma forma complexa, uma vez que a contextualidade é reflexiva e o contexto de agora é, em princípio, o emulador do contexto seguinte".

A AC se preocupa com evidências verbais, não-verbais e supra-segmentais. Os recursos não-verbais ou paralingüísticos, tais como o riso, o olhar, os meneios de cabeça, a gesticulação, são importantíssimos na interação face a face. Muitas vezes, o olhar diz muito mais do que mil palavras ou a gesticulação pode mostrar algo totalmente contrário do que foi literalmente dito. Exemplificando: uma pessoa pergunta ao colega se está linda. Esse colega responde que está lindíssima, mas balança a cabeça e faz gestos com a boca mostrando exatamente o contrário do que havia afirmado.

Assim, quando há essas ocorrências é necessário que sejam registradas nas transcrições pelo analista. Sabemos, porém, que, às vezes, as conversas são apenas gravadas em fitas cassetes. O que dificulta a missão de transcrever fidedignamente a conversa. Logo o analista deverá ter um protocolo para anotar os recursos não verbais e supra-segmentais.

III.1. Normas para a Transcrição da Conversação

Transcrever uma conversa é algo complicado, pois a AC procede com base em material empírico reproduzindo conversações reais em que existem detalhes não apenas verbais, mas paralingüísticos e supra-segmentais. Dessa maneira, deve-se ter símbolos que identifiquem essas situações sem, contudo, tornar a transcrição ilegível ou sobrecarregada de símbolos complicados.

Marcuschi (1991) mostra-nos que o sistema sugerido para a transcrição é eminentemente o ortográfico, seguindo a escrita-padrão e considerando a produção real. Logicamente, algumas palavras ou expressões são usadas de modo diferente do padrão, devendo assim serem escritas como forem pronunciadas.

Koch (1997), em seu livro *A Inter-Ação pela Linguagem*, utiliza um quadro com as normas mais freqüentes para uma transcrição extraído de Castilho & Preti (1986).

Essas normas, juntamente com as novas convenções para as transcrições dos dados das sessões do Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Estadual de Campinas, serão usadas nas transcrições da nossa pesquisa com base nos procedimentos metodológicos em *Análise da Conversação*.

Fizemos dessa maneira, um estudo em que se verificou mais especificamente os turnos conversacionais, os marcadores e o fenômeno da relevância.

Utilizamos como aparato metodológico a observação das pessoas com transtornos mentais sistematizada nas suas conversas em sala de aula, nas interações entre médico-paciente e ambientes naturais (durante os passeios, em casa, na rua, nos bares...) e em interações realizadas no Centro de Atenção de Quixadá.

III.2. Procedimentos Metodológicos em Análise da Conversação

Desde sempre falar de metodologia é algo complexo, pois, fundamentalmente, não há um caminho "correto", "certo" a seguir. Existem caminhos úteis e inúteis. Hoje, notamos claramente uma mudança na maneira de definir os caminhos que as ciências da linguagem devem trilhar. Esses caminhos vão da forma para a função; do experimento controlado para a observação de dados reais; da significação para o contexto. Os dados que antes eram vistos como naturais e impossíveis de serem analisados com rigor científico passam agora a serem

interesses investigativos. Dessa forma, a interação verbal centrada – a conversação, passa a ser objeto de investigação científica em que a carga informacional é imensa.

Para Marcuschi (1999), o problema maior na área de interação verbal é a discussão da perspectiva interpretativa e não, da natureza dos dados, pois o pesquisador imerso exclusivamente em dados poderá extrair, como resultado, apenas um descritismo exagerado. Daí não ser inválida a proposta de Sacks (1984) de ter a Análise da Conversação como ciência. Além do mais, a organização da fala não é aleatória, é passível de identificação e descrição sistemática, podendo, inclusive, servir-se de pelo menos quatro conjuntos de métodos usados pelos pesquisadores: observação direta, textos e documentos, entrevistas e transcrições.

Esses métodos poderiam ser combinados entre si, mas as transcrições são mais usadas pela Etnometodologia, pela Sociolinguística Interacionista e pela Análise da Conversação que surgiu como ciência na década de 60, seguindo a linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva. Essas duas últimas investigavam as ações humanas diárias nas mais diversas culturas, verificando as formas de as pessoas se apropriarem do conhecimento social e das ações.

III.3. Sujeitos

Trabalhamos com trinta e cinco sujeitos, pacientes do Centro de Atenção Psicossocial de Quixadá, gravando suas conversas em situação de surto e não surto. Algumas dessas conversas foram realizadas em grupo e outras individualmente com o paciente.

Inicialmente, pensávamos em trabalhar apenas com os pacientes do CAPS que fossem alunos da FECLESC, mas como somente cinco deles entraram em surto, tivemos que ampliar o nosso número de sujeitos a fim de obtermos dados estatisticamente representativos. Passa-

mos, então, a trabalhar com as conversas de outros pacientes do CAPS que não eram alunos do Projeto de Educação Especial.

Esses pacientes foram escolhidos através do critério de já terem tido suas conversas gravadas em fitas de vídeo pelo coordenador do CAPS de Quixadá nos momentos em que estavam em crise. Esse material estava arquivado para ser apresentado em Congressos, Jornadas, Encontros Científicos e nos foi cedido para estudo. Faltava-nos, portanto, as gravações das conversas desses pacientes nos momentos de remissão da doença e mais algumas outras em surto. Como eles não eram alunos do Projeto foi necessário o apoio do pessoal técnico-administrativo do CAPS.

Participaram desse estudo como sujeitos trinta e cinco pacientes do Centro de Atenção (CAPS) de Quixadá que durante o período da pesquisa tiveram pelo menos um surto psicótico. Logo, a crise psicótica foi o critério utilizado para selecionarmos os sujeitos dessa pesquisa.

O CAPS, procurando trabalhar uma terapia de inclusão social desses sujeitos, apoiou o nosso estudo, dando-nos subsídios e informações sobre os sujeitos da pesquisa. Todos os participantes foram encaminhados direta ou indiretamente pelos profissionais do CAPS, a fim de que pudéssemos realizar as gravações.

Assim, quando os sujeitos não eram alunos do projeto de Educação Especial da FE-CLESC, foi necessário a ajuda do médico ou de um outro profissional desse centro com o objetivo de se conseguir uma conversa mais espontânea. Com isso, a nossa interferência em alguns momentos se tornava prejudicial, uma vez que eles "doentes mentais" em crise nem sempre estavam disponíveis a conversar com quem não tinham intimidade. Essa foi uma das grandes dificuldades da pesquisa que começou a surgir no início, nas várias tentativas em que pretendíamos gravar. Resolvemos, após várias dessas tentativas de gravação, solicitar ao Co-

ordenador do CAPS ajuda na identificação dos pacientes em crise e na facilitação das gravações.

Um fato interessante, quando da tentativa de gravar conversas de pessoas em crise, foi a nossa dificuldade de pedir autorização ao paciente ou aos seus familiares para gravar os seus dizeres, as suas conversas. Chegando inclusive a ficar horas e horas na tentativa e sair do CAPS totalmente frustrada por não conseguirmos esse material. Felizmente, esse problema foi resolvido com o apoio do pessoal técnico-administrativo dessa instituição.

III.4. Amostra

A AC trabalha com material empírico, reproduzindo conversações reais e considerando detalhes entonacionais, paralingüísticos e outros. Esse material é fornecido ao analista pelos interlocutores das conversas, através de livros protocolos ou de gravações em fitas cassetes ou em fitas de vídeos. O pesquisador arquivará essas conversas para posterior seleção e análise.

Durante o período de gravação em fita cassete, é importante que o analista esteja inserido no contexto conversacional ou, caso isso não seja possível, que alguém, sumariamente orientado, possa anotar com clareza todos os recursos paralingüísticos e supra-segmentais tão importantes na organização do texto conversacional. Assim, o pesquisador terá um bom *corpus* para seu estudo.

Nossa amostra foi criteriosamente selecionada baseada nos pressupostos acima e durante os anos de 1998, 1999 e 2000, realizamos gravações de conversas dos portadores de transtornos mentais. Dessas conversas, foram escolhidas as que seriam analisadas.

Essa seleção foi feita por uma professora da Universidade Estadual do Ceará que não tinha nenhum envolvimento com a pesquisa, a fim de não ficarmos com uma amostra "viciada" totalmente direcionada para o que queríamos ver e comprovar.

A professora, além dessas conversas, escolheu também as dos pacientes do CAPS que já estavam transcritas. Para essa seleção, apenas lhe era solicitado que ela escolhesse trinta conversas no mínimo: quinze em surto e quinze sem surto. Com isso, trinta transcrições passariam a constituir o corpus de nosso estudo que teria como variável a situação surto e não surto, sem levar em conta idade, sexo ou até mesmo quem tinha produzido as conversas.

Com relação ao estudo dos marcadores, fizemos uma análise qualitativa e quantitativa. A análise estatística dos dados foi feita através dos testes Eta, teste que realiza correlações entre variáveis nominais (surto) e intervalares (marcadores) e Chi-quadrado (X^2) que avaliou a homogeneidade da amostra. Ainda utilizamos, o Phi e V de Cramer que também avaliam a homogeneidade da amostra.

III.5. Procedimentos

A metodologia adotada foi, portanto, dividida em três momentos interligados:

No primeiro momento, aprofundamos as referências teóricas relativas à "loucura", aos CAPS, e à Análise da Conversação. Essa revisão teórica foi fundamental ao nosso estudo.

O segundo momento exigiu da pesquisadora uma habilidade maior para conseguirmos gravar as conversas. Isso devido alguns dos sujeitos serem desconhecidos, dificultando a interação, como já mencionamos. Nesses casos, para não prejudicar o resultado, a maioria das conversas foi gravada entre eles e pessoas de sua intimidade. Já em relação aos alunos do Projeto de Educação Especial, não houve dificuldades uma vez que já éramos conhecidos. Dessa forma, juntamente com duas bolsistas de iniciação científica, tentamos, através da observação, acompanhar as conversas deles desenvolvidas em sala de aula em momentos de espontaneidade vivenciados pelo grupo. Tivemos, desse modo, que participar dos passeios, dos encontros, das festas e da vida cotidiana deles. Tudo isso porque acreditamos que em momentos de atividades prazerosas, de passeios, de festas, a conversa flui com mais naturalidade.

O terceiro momento foi dedicado ao estudo propriamente dito, e foi subdividido em três partes: a gravação, a seleção e a análise dessas gravações.

Os dados coletados em conversas quando as pessoas estavam em surto e sem surto psicótico foram primeiramente analisados e interpretados isoladamente para somente depois serem analisados e interpretados comparativamente.

Consideramos detalhes não apenas verbais, mais entonacionais e paralingüísticos que apareceram na transcrição. Seguimos o sistema ortográfico, como já mencionamos, e adotamos, nessas transcrições os sinais relacionados por Marcuschi (1991) e Koch (1997), baseados nos estudos de Schegloff, Jefferson, Sacks (1974), entre outros.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

IV.1. Considerações Gerais

Os falantes de uma língua têm experiências de vida, conhecimentos de mundo, conhecimentos prévios, crenças às vezes, totalmente diferentes. Além dessas diferenças que dificultam a interação entre eles, ainda há questões históricas, sociais, políticas e culturais interferindo nos relacionamentos e na comunicação.

Com relação aos falantes com transtornos mentais, a complicação é ainda maior pois existe, desde muito tempo, uma forte tendência para condenar moralmente a loucura em nome da defesa da razão. Essa razão respaldou, inclusive, a justiça e a medicina para tirarem do convívio social as pessoas com distúrbios mentais e isolá-las de sua comunidade, de sua família, dificultando enormemente as interações centradas entre elas e as outras pessoas e aumentando o preconceito, como já frisamos nos capítulos anteriores.

Paradoxalmente, mesmo sendo estigmatizados como insanos, os doentes mentais buscam utilizar estratégias de comunicação que possibilitem um convívio social e até mesmo uma conversa. Disso não duvidamos.

Talvez ainda não exista uniformidade em relação à concepção da loucura que defenda que os doentes mentais não são inteiramente alienados e que podem conversar usando mecanismos semelhantes aos utilizados em conversas por pessoas consideradas normais. Mas, na verdade, o preconceito tem dificultado a vida deles e mesmo não estando em momentos crô-

nicos ou agressivos, não são escutados. Isso, a nosso ver, é uma questão de poder. Poucos são os que querem conversar com os loucos.

Durante as gravações das conversas dos pacientes em crise no CAPS, algumas intervenções de seus familiares comprovaram o que falamos anteriormente. A própria família lhes nega o crédito em seus discursos¹:

(1) **Ias**: Dra. ele (+) ele não fala coisa com coisa.

(2) **Ifs**: ela está assim ((fazendo gestos com a mão, mostrando a insanidade da mãe)) há muito tempo :: num sabe nem mais (+) conversar.

(3) **Inr**: a senhora (+) a se:nhora tem tempo :: a perder com ela. Ela num (+) tem mais jeito (+). Vevi falano besteira... Lá em casa ninguém/ninguém aguenta: mais, né?

(4) **Ifm**: aqui, no CAPS ele tá (++) tá até calmo. Nem parece lá im casa (++) . Ele implica cum (++) cum todo mundo (++) . Ontem, num foi (+) M., ele/ele quis até me enforcar ((incompreensível))... só fala tolice ((risos)).

(5) **Iap**: ao invés de trabalhar (+) com pessoas normais (+) vai trabalhar com (+) com doidos. Só sendo doida (+) doida mesmo ::

(6) **Ist**: ela (+) quando entra :: em crise (+) perturba todo mundo da rua :: fica só falando :: asneiras (+) fica nua (+) as pessoas abusam dela sexualmente (+) mas eu acho (+) que ela/ela até gosta (++) é as :: safada (+).

(7) **Ims**: prá (+) prá ela deixar de falar tanto (+) eu lhe dou (+) eu compro cigarro (+) eu não fumo / mas eu compro (++) cigarro e dou prá ela :: aí ela fica calada (+) e não perturba ninguém.

Com os exemplos acima, assinalamos a questão do poder que os "normais" têm sobre os "loucos". E esse poder extrapola o nível da repressão. Desde a Época Clássica, os espaços institucionais já exerciam um controle sobre a vida dos "insanos". A psiquiatria, em vez de ser, a descobridora da essência da loucura para que dela se pudesse libertar passou a ser a radicalização de um processo de dominação do louco como nos mostra Foucault (1979) em *Microfísica do Poder*.

¹ Para diferenciar as pessoas com transtornos mentais das "normais", usamos, nas transcrições das conversas, as duas iniciais maiúsculas dos dois primeiros nomes dessas pessoas ou a letra P seguida de um número (P₁, P₂, P₃), indicando os pacientes do CAPS. Os "normais" foram identificados com a letra I de informante juntamente com as duas primeiras iniciais minúsculas de seus dois primeiros nomes. Detalhamos essas informações em anexo.

Há efeitos de verdades no interior dos discursos dominantes que não são, em si, nem verdadeiros ou corretos nem muito menos falsos ou errados. São relativos a momentos históricos, culturais e sociais específicos e a eles se voltam. Ocorre que, infelizmente, a noção de verdade dos dominantes tenta perpassar sobre as outras verdades, fazendo com que o poder se mantenha e seja aceito. Sobre isso, Foucault (op. cit.) também nos fala que o poder não se mantém simplesmente pela noção de repressão que reduz os outros ao silêncio ou pela força da proibição. Para ele, se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, dificilmente ele seria obedecido.

"O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (...) uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir". Foucault (1979:8)

Nessa perspectiva, entendemos que frases como "ele não fala coisa com coisa" (1); "num sabe nem mais conversar" (2); "vevi falano besteira" (3); "só fala tolice" (4); "fica só falando asneira" (6); "aí :: aí ela fica calada" (7), revelam concretamente a rede produtiva do poder que tenta ainda hoje calar os loucos.

As pessoas "normais", ao conviverem com os portadores de sofrimento psíquico em crise, adotam certos comportamentos que, tantas vezes, dificultam as interações centradas. Entre esses comportamentos, está a crença de que os doentes mentais em crise não têm contribuição a dar em uma conversação.

Em nossas anotações feitas durante as gravações, registramos casos em que os familiares dizem que os doentes não atendem o que lhes é solicitado no decorrer da conversação, descumprindo, assim o Princípio de Cooperação proposto por Grice (1975) e as máximas conversacionais da quantidade (faça a sua contribuição informativa ao propósito da conversação), da qualidade (não fale aquilo para o que você não possa fornecer evidência adequada), relação (seja relevante) e de modo (seja claro). Esses familiares, ouvintes do cotidiano dos

doentes, poucas vezes, buscam uma significação para o que lhes é dito, restaurando, desse modo, as bases do Princípio de Cooperação.

Observamos que há um cuidado com a terapêutica dos doentes, mas não há um cuidado de escutar as supostas "asneiras", "besteiras" conversadas por eles. Então, o princípio de cooperação passa a ser descumprido até pelos familiares dessas pessoas. Isso se revela nos exemplos antes citados, os quais, nos ajudam a entender a relação de poder, subjacente a cada palavra; a estabelecer os elos não explícitos e a compreender melhor o contexto em que vivem os loucos e as suas conversas.

Estudaremos, então, um aspecto da linguagem: essas conversas, como atividades cooperativas nas quais os interlocutores constroem os significados a partir de inferências realizadas no que ouvem e no que dizem.

IV.2. A ocorrência de pares adjacentes

Na conversação, seguimos regras padronizadas e entre elas está a troca de turnos. Sem troca de turnos, a conversação não se evidencia. Schegloff (1972) nos faz ver que alguns desses turnos são mais relacionados que outros, formando uma seqüência quase sempre obrigatória e dificilmente adiável. Essa seqüência foi denominada por ele de utterance-pair (elocução-par) ou adjacency pair (par adjacente), conforme já enunciamos anteriormente.

Transcreveremos, a seguir algumas passagens para percebermos a ocorrência dos pares adjacentes:

PARES ADJACENTES EM CONVERSAS DE PESSOAS COM TRANSTORNOS MENTAIS	
SEM SURTO PSICÓTICO	<p>(8) Ila : foi? tu tava:: doente? J. A. : tava</p> <p>(9) Ila : hoje (++) não vendeu nada? M. O. : só vendi:: quatro pacote de broa</p> <p>(10) Ila : vende não? (+) onde é que vende mais? M. O. : é lá no alto (+) no alto</p> <p>(11) Ila : tua mãe tem u::ma mercearia é? M. O. : tem um comércinho (+) lá ((incompreensível))</p> <p>(12) M. S. : já houve a-ci-den-te? Ipb : já</p> <p>(13) H. L. : vamo, L.? ali tá bom, né? Ila : vamos já :: tá?</p> <p>(14) M. O. : o senhor tem barco? Ipb : tem:: meu FILHO é:: é o mestre do barco</p> <p>(15) H. L. : então (+) o senhor (+) o senhor pesca por necessidade, né isso? Ipb : pur necessidade? É.. (+)</p> <p>(15) D. F. : esse peixe é:: é consumido todo aqui? Ipb : aqui e im ITAPIPOCA... é cum (++) cum esse, esse rapaz / esse moreno que tá / tá falando aqui. Ele qui compra o peixe, vende de bicicleta, (+) aí nessas ((incompreensível)), nessas, ma-ta onde você passa.</p> <p>(16) Ipp : o que você tá sentindo? P1 : tô:. Um pouco chateada (+) um pouco / depressão::</p> <p>(17) D. F.: mas me diga uma coisa:. Qual o tipo de peixe (+) que vocês pescam aqui? Ipb : ((tossiu)) é::: biquara, cavala, cangulo, mariquita</p> <p>(18) Ila : quando foi que vocês vieram (+) aqui? quando foi? D. F.: faz um ano (+) foi cum::. A S. / faz tempo (+) tinha a espingarda (+) tem :: tinha a espingarda (+) tinha tudo</p> <p>(19) Ila : e você:: veio também M.? (+) veio com quem? M.O.: cum::: a F.</p> <p>(20) D.F. : é::: a (+) igreja? é ::? Ila : não (+) olha :: aqui a foto (+) oh.. (+) lê aqui (+) P. (++) lê aqui. F. P. : “foto da antiga (+) Prefeitura de Quixadá, conhecida:: como Paço Municipal demolida em 1963” Ila : linda:: (+) não era F. P. : linda</p>
COM SURTO PSICÓTICO	<p>(21) Ila : oi J. A. J. A. : oi</p> <p>(22) Ila : você (+) vo:: tá sumido, né? J. A. : tá:: tá sumido</p> <p>(23) Ila : olha (+) eu:. Eu vou encontrar o F. B. (+) então (+) você quer (+) mandar recado:: prá:: ela? J. A. : prá:. Ela Ila : é:. Quer? J. A. : quero</p> <p>(24) Ila : escuta J. A. (+) estou (+) lembrando:: daquele (+) aquele dia (+) lá em Fortaleza, lembra? J. A. : eu:: eu (+) cantei, né? Ila : foi (+) você cantou muito bem J. A. : foi (+) mui::to bem, né? Ila : gostei muto (+) ((incompreensível))</p> <p>(25) Ila : como vai a senhora? P3 : vô:: vô doente</p> <p>(26) Ila : de que a senhora tá doente? P3 : sei não</p> <p>(27) Ila : prende você P3 : é::: sim</p> <p>(28) Ila : feio? P3 : é</p>

COM SURTO PSICÓTICO	<p>(29) Icm : nesse tempo (+) quando o mundo (+) tava próximo de se acabar (+) você tava sentindo o quê? P4 : eu? Icm : é P4 : sei lá :: acho que era um formigamento na língua :: digamos assim (++) estou lembrando o seguinte (+) nós somos humanos e morremos, (+) né?</p> <p>(30) Icm : tudo:: bem? P5 : tudo (++) ei.. Eu (+) eu :: queria falar que / num tem aquela igreja azulzinha (+) num sei (+) num sei: i o que:: deu em mim / depois (+) depois que:: Que e::u fui naquela igreja (+) eu:: fui num circo (+) aí eu:: vi aquela / aque::la igreja azulzinha (+) depois que/ que eu (+) aí:: e::u vi aquela igreja (+) aí:: aí eu fui num circo (+) aí eu:: vi aquela igreja (+) aí (+) aí eu entrei nela (+) aí (+) depois que eu saí (+) eu me senti (+) bem melhor / aí quarta-feira é prá:: prá eu vir (+) né? Icm : é bom (+) mas você:: não vai ficar boa se não:: tomar os comprimidos (+) você NÃO VAI FICAR BOA. P5 : mas os comprimidos (+) me dei::xam drogada (+) e a injeção (+) também. Icm : então (+) vamos experimentar outros tipos? P5 : tá (+) certo</p> <p>(31) Icm : qual a tua idade? P5 : tenho (+) vinte e três anos</p> <p>(32) P5 : disseram que (+) tinha um rapaz lá (+) de Quixadá (+) que queira transar comigo a força (+) disseram que foi (+) foi você que mandou Icm : eu (+) não tem sentido</p> <p>(33) Icm : carbolim três vezes ao dia P5 : passe sulfato (+) ferroso</p> <p>(34) Ila : tudo:: bem? P4 : tudo</p> <p>(35) Ila : qual o seu nome? P1 : J.M.C</p> <p>(36) Ila : é:: e o que é que o senhor tá sentido (+) ultimamente? P1 : a senhora pergunta bem (++) primeiro de T-U-D-O (+) e::u / eles (+) os pés (++) devido o quinturão ((incompreensível)) (+) né dona?</p> <p>(37) Icm : há três anos você não (+) tinha nada P2 : é (+) eu:: vivia feliz (+) feliz fora de casa</p> <p>(38) Icm : você não (+) está bem P5 : você tá:: por fora (+) de mim</p> <p>(39) P5 : tua letra é (+) tão bonita (+) né? Icm : minha letra?</p> <p>(40) Icm : ah:: eu não sei se tem (+) aqui esse remédio (+) aí você compra o remédio (+) e toma P5 : com quê? E::U num tenho dinheiro (+) nem prá comer / imagine prá:: prá comprar remédio (+) eu:: eu queria que ficasse aqui com o prefeito o Dr. Zé Alves (+) e::le é uma ótima pessoa (+) esse BO-CÃO de Fortaleza que:: / num gosto dele. Esses dois (+) dois delegados que estão (+) aqui também / eu queria ir bater em Fortaleza (+) que eu (+) eu sabia o que fazer.</p>
---------------------	---

De acordo com os exemplos apresentados anteriormente, observamos a confirmação de nossa hipótese de que, tanto em surto como em não surto, as pessoas com transtornos mentais dão sequência aos turnos que exigem a formação obrigatória e não cancelável de um par adjacente. Essa hipótese foi confirmada em todas as gravações. Os doentes mentais dão, em geral, sequência às perguntas, as ordens, aos convites, aos cumprimentos, aos xingamentos, as acusações, etc. Colocamos, em geral, por que nem sempre eles estão querendo conversar. Há momentos em que o lundu, o mau humor lhes deixam amuados como acontece com qualquer

ser humano. Alguns exemplos revelaram essa indisposição em falar, não dando assim continuidade ao turno que introduziria a primeira parte de um par conversacional.

- (41) Ila : oi (+) A.: oi
 A. S : oi
 Ila : tudo bem?
 A. S : tudo bom
 Ila : como é que você vai:?:
 A. S : ((risos))
 Ila : como é que (+) vai você?
 ((silêncio))
 Ila : nhm (+) como você está?
 ((silêncio))
 Ila : olha A. (+) há quanto tempo você não vai ao projeto (+) né?
 A. S : é
 Ila : então (+) então eu (+) resolvi vir (+) saber como você estava, tá?
 A. S. : EU:: EU não quero (+) mais falar, viu? Vá embora (+) tá?
 Ila : eu (+) só queria saber se (+) você está bem
 ((A. S. não responde e fica olhando para o outro lado))
 Ila : EU particularmente acho que (++) você deve voltar as aulas (+)
 que achas?
 A. S : não quero falar

Notamos, nesse exemplo, que havia oscilações entre os momentos em que A. S. em surto psicótico, mesmo sem vontade de conversar, dava seqüência aos turnos propostos e momentos em que ele não se envolvia na interação, olhando para o outro lado e dando risos irônicos. Todavia, isso não desconfirma a nossa hipótese, uma vez que não há um critério unívoco capaz de determinar que sempre haveremos de dar continuidade as perguntas com respostas ou então às asserções com réplicas. Isso sem dizer que, tantas vezes, o silêncio pode até falar mais do que mil palavras. Se observarmos atentamente as conversas ordinárias, veremos que, muitas vezes, não temos respostas às perguntas feitas. Nem sempre há uma total cooperação entre os interlocutores.

É preciso, então, ressaltar, neste trabalho, que uma conversa só se realiza se os participantes forem de algum modo cooperativos. Mas há momentos em que o espírito de cooperação não se manifesta e a conversação acaba sendo prejudicada. E isso está intrinsecamente relacionado com os momentos sócio-culturais de cada falante, pois a perspectiva do desenvol-

vimento de uma conversa é múltipla e depende da participação de todos os interlocutores envolvidos.

Constatamos, assim, que, embora o exemplo acima evidencie a falta de cooperação de A. S. em responder as perguntas, houve tanto em surto como sem surto respostas aos pares adjacentes, como já foi colocado anteriormente.

Vejam os outros exemplos de pares adjacentes em que as pessoas com transtornos mentais introduzem a primeira parte do par:

- (12) M.S : já houve a-ci-den-te?
Ipb : já
- (13) H.L : vamo, L? ali tá bom, né?
Ila : vamos já::tá
- (14) M.O : o senhor tem barco?
Ipb : tem :: meu FILHO é:: é o mestre do barco
- (15) H.L : então (+) o senhor (+) o senhor pesca por necessidade (+) né isso?

O par adjacente se manifesta com uma primeira e uma segunda parte. Nos exemplos acima, as primeiras partes desses pares foram introduzidas pelas pessoas com transtornos mentais sem surto psicótico. Apesar de terem escolhido os falantes que dariam seqüência aos turnos propostos por eles, esses falantes iniciaram a segunda parte do par com respostas "secas", evidenciando, desse modo, pouco interesse em manter um diálogo com os doentes mentais. As respostas eram dadas como concorrência obrigatória e dificilmente cancelável. Tudo parecendo indicar que, por questões sócio-culturais, os interlocutores não estavam dispostos a prolongar a conversação. Isso pode ser facilmente comprovado pela análise comparativa da forma e da extensão das respostas dadas aos "doentes mentais" e aos bolsistas.

Nesse estudo, não nos propusemos a analisar a articulação entre linguagem e poder, contudo não poderíamos deixar de ilustrar o fato detectado da má vontade em cooperar com a conversação de pessoas com transtornos mentais. A voz dos interlocutores, nos exemplos que seguem, denuncia o preconceito:

- (17) D.F : mas me diga uma coisa:: qual o tipo de peixe (+) que vocês pescam aqui?
 Ipb : ((tossiu)) é::biquara, cavala, cangulo, mariquita.
 (42) D.F : e durante o dia? O senhor pesca?
 Ipb : ((silêncios)) só a noite.
 (43) M.O : e quantos vão na jangada?
 Ipb : é:: uhn:: é quatro / três:: sempre no mais é três (+) a canoa de trinta paus.
 (44) D.F : Ela:: Ela:: vai mais nós?
 Ips : vai (+)

Se olharmos os pares soltos, eles podem até parecer cooperativos, mas ao observarmos a transcrição da conversação na íntegra, a seguir, verificaremos que não houve vontade dos interlocutores em prolongar a conversa, se limitando apenas em responder o que lhes era perguntado. Já no exemplo (45) que segue, além de responder à primeira parte do par, os pescadores mostraram que a intervenção da bolsista de iniciação científica da FECLESC era tão significativa que necessitava de uma contribuição maior do que somente uma resposta à pergunta feita. Verifiquem:

- (45) Ijd : esse peixe é:: é consumido todo aqui?
 Ipb : aqui e in ITAPIPOCA:: é cum (++) cum esse, esse rapaz / esse moreno que tá / tá falando aqui. Ele qui compra o pexe, vende de bicicleta, aí nessas ((incompreensível)) nessas mata onde você passa.

Isso ocorre fundamentalmente quando estamos interessados em manter e prolongar uma conversa. Caso contrário, seremos "secos", "curtos" e "evasivos" como nos exemplos (17), (42), (43) e (44).

Na transição da conversação entre pescadores, bolsistas e alunos com transtornos mentais, constatamos que estes tentavam participar da conversa que tomou forma de entrevista, mas não tinham boa receptividade por parte de seus interlocutores. Embora essa conversa devesse ser natural, ela se transformou em assimétrica, controlada basicamente pela bolsista (Iif):

(Contexto: Alunos do Projeto de Educação Especial da FECLESC, bolsistas e pescadores conversam durante um passeio à praia.)

- Iif : ... sua idade?
 Ipb : cinqüenta e sete anos
 DF : ... ave maria:: o sinhô é velho ... né?
 H.L : deixa disso D. ele ainda é um pouco novo ... né?
 Iis : O sinhô :: nasceu aqui?
 Ipb : bom ... eu nasci... e me criei na moita ((incompreensível)) sempre fui pescadô (+) papai também era pescador... aqui a gente mistura uma coisa e outra
 Iif : e os filhos do senhor também são pescadores?
 D.F : eu :: posso tomar banho... ali no mar...? posso?
 Ipb : taí um pescado::: nunca pegou numa enchada ((risos))
 Ipb : é:::... só no braço de mar
 Iid : só no mar
 J.A : você já virou no mar?
 M.O : pergunta boba, J. essa pergunta é tão boba, né?
 Ipb : Já virei no mar uma:: sete ... sete vez parece
 M.O : Já houve a-ci-den-te?
 Ipb : Já (++)
 M.O : uhn
 D.F : depois a gente fala nesse assunto: :: vamos toma::: banho?
 H.L : vamo, L.? ali tá bom, né? .
 Ila : vamos já :: tá?
 Iif : Mas me diga uma coisa :: qual o tipo de peixe (+) que vocês pescam aqui?
 Ipb : ((tossiu)) é::: [biquara, cavala,] cangulo, mariquita
 D.F : [o que eu:::]
 Ipb : nós pesca tudo::: tudo:::
 Ipb : e eu:: eu / EU trabaio cum curral aqui em frente:: a minha aqui é::: é sardinha, é camurupim, é serra, é espada (1,5) tudo enquanto dá (+) aqui / na costa; eu trabaio / eu:: num trabaio prá fora / eu :: eu:: comprei peixe (+) quer dizer eu vendo ((risos)) peixe e trabaio nu curral aqui na Fonseca
 M.O : o senhor tem barco?
 Ipb : tem::: meu FILHO é::: é o mestre do barco
 H.L : então o senhor (+) o senhor, pesca por necessidade, né isso?
 Ipb : pur necessidade? É:: (+) .
 D.F : aqueles peixe são do sinhô?
 Iis : o senhor tem medo:: MEDO do mar?
 Ipb : tenho
 H.L : quer tomar banho nu ma:: eu també,. L. .
 D.F : eh:: ei L., eu e o H. vamo (+) vamo::: toma banho, viu? Nois já vamo, tá?
 Ipb : se o senhor tivesse que escolher'entre a pesca e a outra (+) outra profissão, se o senhor ganhasse de (+) melhor / ou então a mesma quantidade, o senhor desistiria da pesca?
 Ipb : rapaz. Só que EU::: EU::: num, eu num (+) eu num posso deixar essa profissão aqui (+) só se for agricultura, que é a que: : que eu num sei de nada
 Iis : Mas -(+) se:: e senhor (+) tivesse ou: outra:: opção (+).o senhor sairia?
 Ipb : talvez (+)
 M.O : ... é pescador por necessidade, né?
 H.L : por dinheiro (+)
 Ipb : tudo aqui / tudo é::: é pescadô (+) suor de burro
 D.F : a música que está tocando é igua a que o Z. A . sabe, né H.?
 Iif : O senhor (+) passa de quanto:: tempo assim, quando o senhor sai... quanto tempo no mar?
 Ipb : três dia
 DF : sozinho?
 H.L : três dias
 Ipb : é
 J.A : Mas pesca durante o dia e durante a noite:: a noite?

- Ipb : A noite (+) a noite que o peixe come
 H. L : vou toma (+) toma banho e nadar igual naquele dia lá:: lá nu Cedro, né M.?
 D.F : E durante o dia? O senhor Pesca?
 Ipb : ((silêncio)) ... só a noite
 Iis : levam basicamente o quê?
 Ipb : muié:: ei M. traz café:: pru prova (+)
 Iis : Esse peixe é:: é consumido todo aqui? ((vozes))
 Ipb : Aqui e im Itapipoca... é cum (++) cum esse, esse rapaz / esse moreno que tá / tá falando aqui. Ele Qui compra o peixe, vende de bicicleta, aí nessa ((incompreensível)), nessas, mata onde vocês passa
 M.O : E quantos vão na jangada?
 Ipb : é: uhn:: é quatro / três:: sempre no mais é três (+) a canoa de trinta paus
 J.A : Vai ter forro ali? Ei:: ei:: seu, Zé, vai ter forro naquela música?
 Ipb : Vai... naquele a (+) ... é o bar do S.
 H.L : :: eu danço assim ((fez gestos de dança)) e o M. dança mais do que eu:: né? ((risos))
 J.A : Os meninos dançam... e eu CANTO... o M. e o D. dançam... né? Vai M. dança... dança, vai:: vai:: todos dançam (+) eu canto / pede prá::: prá eu canta.

Sabemos que a afirmação de simetria de papéis e direitos em conversas naturais é pouco verdadeira, pois a diferença de condições sociais, econômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos deixa-os em condições diferentes de participação no diálogo. Principalmente, quando esse diálogo ocorre entre pessoas tão diferentes culturalmente e ideologicamente.

Na conversa ilustrada anteriormente, dá para se perceber claramente que a própria construção e negociação de identidade na interação bem como a apropriação da palavra, do turno foram afetadas por essas condições.

Constatamos também, no exemplo abaixo, que a fala das pessoas com distúrbios mentais se apresenta como turnos inseridos no meio dos turnos de pessoas normais, formando nesse caso seqüências, tais como:

- (46) Iif : sua idade? (bolsista)
 Ipb : cinqüenta e sete anos (pescador)
 D.F : Ave Maria (+) o sinhô é velho (++) né? (jovem com transtorno mental)
 H.L : deixa disso D. (+) ele ainda é um pouco novo (++) né? (jovem com transtorno mental)
 Iif : o sinhô:: nasceu aqui? (bolsista)

Os turnos da bolsista e do pescador, nesse exemplo, estão formando um par adjacente pergunta - resposta. No final desse par, D. faz um comentário que é percebido por um outro

jovem doente mental, H., como um comentário não muito polido. Todavia, apesar de perceber essa falta de polidez, H. não consegue fingir e acaba apenas atenuando a suposta indelicadeza do colega ao falar que o pescador era velho. Na verdade, as suas vozes, os seus comentários estavam distantes dos interesses da bolsista e dos pescadores que não fizeram nenhum comentário sobre o assunto.

Ao analisarmos também essa conversação, percebemos que há uma interação mais centrada apenas entre os alunos bolsistas e os pescadores. Os alunos com transtornos mentais entram na conversa e tentam interações simétricas como devem ser as conversas do dia-a-dia, em que todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra. Porém, a interação se nos revela, nessa conversa, assimétrica. Assim, os bolsistas detêm o poder de questionar, o poder de ter a palavra, que distribuem de acordo com as suas vontades.

É oportuno verificarmos, também como o conteúdo é importante, para a análise da conversação que ultrapassa a análise de estruturas e atinge processos cooperativos. Na conversação com os pescadores, por exemplo, notamos ainda que enquanto os bolsistas estavam preocupados em realizar uma entrevista, as pessoas especiais tinham outros propósitos: tomar banho de mar, cantar, dançar forró, aproveitar o passeio para mencionar somente assuntos relacionados aos propósitos citados.

Também é interessante dizer que, ao longo dessa conversa, há alguns processos de inserção (segmentos de extensão variável que provocam uma espécie de suspensão temporária do tópico em curso). Tais processos são bastante comuns nas conversas do dia-a-dia e foram denominados por Shegloff (1986) como seqüência inserida. As seqüências inseridas que apareceram na conversa feita pelas pessoas com distúrbios mentais, além de terem desviado o curso da conversa, lhes deram oportunidades de participação. E o mais curioso é que, mesmo não tendo atenção, eles insistem em participar da conversa, fazendo perguntas, dando opiniões e mantendo, de certa forma, uma interação. A verdade é que o tópico conversacional "falar

sobre a vida dos pescadores" foi perdendo o interesse para eles na medida em que se manifestou a crescente vontade de tomar banho de mar, nadar, cantar e dançar.

Ao buscarmos evidências que comprovassem ou refutassem as nossas hipóteses, verificamos que o fato de eles quererem, na conversa com os pescadores, falar sobre assuntos de suas preferências não os torna incapazes de ter tido uma participação mais efetiva, nem tampouco deixarem de dar continuidade a uma pergunta, a uma asserção, a uma ordem, a um convite, a uma acusação ou a qualquer caráter da linguagem em que há uma exigência de pelo menos dois falantes e pelo menos uma troca de turno. Isso ocorreu em todos os exemplos analisados das conversações: tanto em surto psicótico como em não surto, os indivíduos com transtornos mentais deram seqüência aos turnos que exigem a formação obrigatória e não cancelável de um par adjacente, consoante já mostramos. Mas, apesar disso, sabemos que suas inserções nem sempre foram valorizadas. E, ao nosso ver, qualquer pessoa razoavelmente saudável, poderia também ter suas inserções desconsideradas e as primeiras partes de um provável par adjacente ignorada. Isso porque, em certos casos, o objetivo da pessoa que iniciou o par adjacente nem sempre está de acordo com o do seu interlocutor. Além disso, como nos diz Marcuschi (1991), a simetria de papéis e direitos em uma conversa é pouco verdadeira.

Note-se, com base nessas considerações e nas conversas analisadas, que as pessoas com transtornos mentais têm dificuldades de eleger o próximo falante quando estão conversando com pessoas consideradas normais. Isso nos faz crer que a questão do domínio social, econômico e cultural também interfira nessa questão. Entretanto, existem situações que fogem a essa suposição:

- (47) D.F : eh:: ei L., eu e o H. vamo (+) vamo:: toma banho viu? Nois já vamo (+) tá?
 (48) J.A : vai ter forró ali? Eu:: ei:: seu Zé (+) vai ter forró naquela música?
 (49) D.F : P., quando é a viagem? a viagem prá:: prá Fortaleza / quando é, he-in? A viagem tu marcou o dia... o dia prá Fortaleza...

Nos exemplos (47), (48), (49), as pessoas com distúrbios mentais ao introduzirem a primeira parte de um par adjacente escolheram os próximos falantes: no (47) L., no (48) Zé e no (49) P.

Com relação ainda aos pares adjacentes, observamos que há, em situações de surto, uma forte tendência a usar formas ecóicas na segunda parte desses pares. Outra característica importante que deve ser citada é que essa segunda parte, em geral, é breve e positiva:

- Ila : oi J.A?
 J.A : oi
 Ila : tudo bem?
 J.A : tudo bem
 Ila : você (+) vo::cê tá sumido (+) né?
 J.A : tá:: tá sumido
 Ila : olha (+) eu:: vou encontrar a F.B (+) então (+) você quer (+) quer mandar recado:: prá:: ela?
 (50) Ila : agora deixa eu:: falar um pouco / com ele (+) oh. M (+) hoje nós estamos fazendo / você sabe que será um dia que você acha da eleição (+) dos nossos candidatos me diga / eu::
 M.O : é:: bom
 Ila : é bom (+) o que (+) o que que é bom (+) fale / dê sua opinião.
 M.O : O 1. (++) vai ganhar (+) né?
 Ila : você acha que vai?
 M.O : vai
 Ila : M. (++) me diz uma coisa você tá bem?
 M.O : tô
 (51) Iac : como é que você tá?
 A.S : tô bem
 Iac : por que que você não foi mais prá aula?
 A.S : porque não deu certo
 Iac : por quê?
 A.S : oh (+) porque não tive tempo
 Iac : e o que é que tu:: tá fazendo que tá tão ocu::pado?
 A.S : nada
 Iac : tu tava doente?
 A.S : tava
 Iac : tava ou ainda tá doente?
 A.S : ainda tô doente
 Iac : tá doente de que?
 A.S : ah (+) eu sei lá
 Iac : tu vai votar?
 A.S : não

Mesmo existindo formas ecóicas e breves em momentos de crise psicótica forte, as pessoas com transtornos mentais se envolvem na conversa quando o assunto lhes interessa. Vejamos o exemplo abaixo:

(52) Ips : escuta J.A. (+) estou (+) lembrando:: daquele (+) aquele dia (+) lá em Fortaleza, lembra?
 J.A : eu:: eu (+) cantei (+) né?

J.A. mesmo estando em surto, tendo inclusive delírios e alucinações, consegue lembrar de uma apresentação em Fortaleza na Semana Universitária da Universidade Estadual do Ceará em que ele cantou e seus colegas especiais tocaram. Certamente, foi um grande dia na vida desse jovem, pois ele não conseguiu esquecer, nem deixar de falar. Talvez por isso quando iniciou o assunto, ele deu seqüência ao turno sem usar uma forma ecóica diferentemente do que vinha sendo feito ao longo da conversa (ver anexos).

Isso se nos apresenta como algo que necessita ser observado de forma mais sistematizada: até que ponto a situação de surto e não surto psicótico e a importância ou não de um assunto na vida de uma pessoa com transtorno mental pode contribuir para a realização de respostas ecóicas ou não?

Esse problema não havia surgida no início da pesquisa, mas em sua continuidade e na análise de dados, verificamos que talvez isso devesse ser estudado mais detalhadamente.

Outro dado interessante é que, tanto em surto quanto não, muitos doentes mentais determinam sobre o que querem falar. Exemplo disso é o trecho da conversa em que A.S. diz claramente, mesmo estando em surto, que não quer conversar sobre alguns assuntos introduzidos pelo seu interlocutor. A indisposição de A.S. em ser cooperativo com Ila se evidencia tanto nos exemplo (41) como nos (42), com uma diferença: em (41) ele estava em uma forte crise psicótica e em (42) estava em momento de remissão da doença.

(41) Ila : oi (+) A.: oi
 AS : oi
 Ila : tudo bem?
 AS : tudo bom
 Ila : como é que você vai:?
 AS : ((risos))
 Ila : como é que (+) vai você?
 ((silêncio))
 Ila : nhm (+) como você está?
 ((silêncio))
 Ila : olha A. (+) há quanto te::mpo você não vai ao projeto (+) né?
 AS : é

- Ila : então (+) então eu (+) resolvi vir (+) saber como você estava, tá?
 AS : EU:: EU não quero (+) mais falar, viu? Vá embora (+) tá?
 Ila : eu (+) só queria saber se (+) você está bem
 ((A. S. não responde e fica olhando para o outro lado))
 Ila : EU particularmente acho que (++) você deve voltar as aulas (+) que achas?
 AS : não quero falar
 (42) Ila : você fez até que série?
 AS : até (++) o primeiro (++) quer dizer / e::u (+) e::u comecei o segundo (++) mas eu (+) eu ((incompreensível)) aí eu parei
 Ila : e você não ficou (+) não está arrependido?
 AS : não
 Ila : mas você (+) é::é inteligente deveria continuar estudando
 AS : é
 Ila : e por que não continua (+) agora?
 AS : não quero falar disso (+) tá certo?
 Ila : mas você deveria ao menos pensar nisso?
 AS : ((silêncio))

Feitas essas considerações a fim de entender a conversação de pessoas com transtornos mentais, aqui mais especificamente os pares adjacentes, podemos dizer que essas pessoas são cooperativas e entendem a organização de uma conversa que exorbitam o âmbito do turno e se estendem ao nível da seqüência. Tanto é que elas reconhecem a primeira parte de uma seqüência de dois turnos e dão, em geral, respostas condizentes as perguntas. Na amostra de nossa pesquisa, somente em duas transcrições houve recusa em responder a primeira parte do par adjacente, evidenciando assim, que o doente mental é capaz de entender o seu interlocutor. Com isso, não estamos querendo dizer que nunca haja mal-entendidos ou até mesmo incompreensão em decorrência da falta de reconhecimento da primeira parte do par adjacente. Isso, por sinal, é comum ocorrer até em conversas de pessoas consideradas normais que mostram que não compreenderam o que foi exposto no turno da fala anterior.

Na verdade, como diz Costa (1998) é através da realização do par adjacente que avaliamos o nível de compreensão do interlocutor em relação ao que produzimos e se a elocução produzida em decorrência da exigência conversacional se adequa como resposta.

Sendo assim, não podemos negar a importância dos pares adjacentes, nem o seu estudo, a fim de que possamos entender se as condições de comunicação foram satisfeitas e se a intenção do locutor está sendo captada pelo interlocutor.

IV.3. Os marcadores conversacionais

Os marcadores conversacionais são elementos discursivos, extremamente frequentes nos textos falados, que fornecem pistas importantes para os interlocutores, visto que eles funcionam como uma espécie de pontuação. Segundo Marcuschi (1991), eles servem de elo de ligação entre unidades comunicativas e de orientadores dos falantes entre si. Podendo, inclusive, aparecer em várias posições das conversas, como por exemplo, na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, etc. podendo até funcionar como iniciadores ou finalizadores de turnos. É válido acrescentarmos que tais recursos podem ser subdivididos em: verbais, não verbais e suprasegmentais.

Como dissemos anteriormente, nesse trabalho, estudaremos apenas os sinais verbais que podem ser subdivididos em dois grandes grupos de acordo com sua fonte de produção: sinais do falante e sinais do ouvinte. Os sinais do falante servem para orientar o ouvinte e podem ser classificados como pré-posicionados e pós-posicionados enquanto que os sinais do ouvinte orientam o falante e estão subdivididos em convergentes, indagativos e divergentes. Na realidade, a grande diversidade desses marcadores dificulta, muitas vezes, uma definição mais precisa, uma classificação mais completa e o estabelecimento com nitidez da categoria gramatical a qual pertencem. Assim, achamos necessário dizer com que tipo de classificação trabalhamos, pois como diz Silva e Macedo (1996):

"Se chamarmos de 'marcador' qualquer partícula ou expressão 'que ajuda a arrumar o que se que dizer', fica difícil saber onde parar. Como decidir se expressões inteiras seriam marcadores ou simplesmente itens lexicais em seu sentido habitual? Tudo no discurso poderá vir a ser chamado 'marcador' pois tudo marca ou organiza ou sinaliza alguma informação".

A exemplo delas, também preferimos a nomenclatura de Vicent (1983) que chama as expressões mais longa de "estratégias discursivas", em oposição aos marcadores, especialmente os "pontuantes" que, segundo Vicent 1983, *apud* Silva e Macedo (1996) não trazem

nenhuma informação ao enunciado, não são expressivos, nem carregam carga semântica e situam-se preferencialmente no fim do seguimento entonativo.

Optamos também pelos recursos verbais que operam como marcadores, formando uma classe de palavras ou expressões que não contribuem com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas o situam no contexto. Alguns, especificados por Marcuschi (1991), não são sequer lexicalizados, como por exemplo "mm", "ahã", "ué", etc.

Partindo dessas considerações, analisaremos os marcadores conversacionais pré-posicionados e pós-posicionados, correlacionados ao estado de saúde mental de alguns pacientes do CAPS. Essa análise se tornará mais clara com o auxílio da tabela abaixo:

TABELA 01 - Ocorrência dos marcadores conversacionais verbais do falante e do ouvinte por estado de saúde mental na amostra em estudo.

Marcadores Conversacionais do falante	PRÉ-POSICIONADOS	PÓS-POSICIONADOS		
		Convergentes	Indagativos	Divergentes
Estado saúde mental				
PACIENTES EM SURTO PSICÓTICO	Aí (50 %) Olha aqui (6.3 %) Bem (6.3 %)	-	Certo ? (6.3%) Entende ? (12.5 %) Hein? (6.3%) Né ? (75%) Né isso ? (6.3 %) Né mesmo ? (25 %) Não tá ? (6.5%) Tá ? (6.3 %) Tá certo ? (31.2%) Tá legal ? (6.3 %) Viu ? (46.2%)	-
PACIENTES SEM SURTO PSICÓTICO	Aí (36.8%) Olha aqui (5.3%) Pois é (10.5%)	Ahã (5.3%)	Certo ? (5.3%) Hein ? (5.3%) Né ? (95.8%) Não usa ? (5.3%) Né isso? (15.8 %) Né mesmo ? (15.8%) Nera ? (15.8%) Num foi ? (10.6%) Num sabe ? (10.6%) Tá ? (10.6 %) Tá bem ? (10.5%) Tá certo ? (10.5%) Tá legal ?(5.3 %) Viu ? (46.8 %)	-

Na tabela 1, verificamos que ocorreram mais sinais conversacionais pós-posicionados, confirmando a nossa hipótese de que as pessoas com transtornos mentais, em surto ou não usam mais esses sinais do que os pré-posicionados.

Quando formulamos essa hipótese, achávamos que a simetria de papéis em uma conversação era pouco verdadeira, conforme já comentamos anteriormente, e que havia sempre um interlocutor que controlava o discurso. Esse poder de controle poderia ser resultante de questões econômicas, sociais, culturais ou até mesmo políticas que deixavam as pessoas em diferentes condições de participação no diálogo devido à própria construção e negociação de identidades na interação, como diz Marcuschi (1991).

De fato, se olharmos a tabela 1, veremos que tivemos apenas quatro tipos de marcadores pré-posicionados (ai, olha aqui, bem, pois é), enquanto ocorreram dezesseis tipos pós-posicionados (certo, entende, hein, né, né isso, né mesmo, não tá, tá, tá certo, tá legal, viu, não usa, nera, num foi, num sabe, tá bem). Isso nos leva a crer que, apesar das lutas pelos direitos humanos e cidadania dos doentes mentais, ainda há submissão e insegurança desses doentes que ao se comunicarem buscam apoiar o seu discurso no emprego de marcadores pós-posicionados. Com esse emprego, eles perpetuam uma relação de poder dos "normais" que monitoram, controlam e direcionam o diálogo deles.

Tabela 02 - Número de observações válidas = 16,00

VARIÁVEL	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	MÍNIMO	MÁXIMA	RÓTULO
PREPOSIC	3,75	2,67	1	8	16 preposic
POSPOSIC	6,06	4,98	1	17	33 posposic

Através da tabela 2, constatamos que os marcadores pré-posicionados apresentaram uma média de 3,75 com desvio padrão de 2,67, valor mínimo de 1 e máximo de 8 enquanto que os pós-posicionados apresentaram uma média de 6,06 com desvio padrão 4,98, valor mínimo 1 e máximo de 17. Esse resultado evidencia ainda mais a nossa hipótese.

É importante mencionamos que essa constatação verificou-se no diálogo de alguns dos pacientes de uma instituição "aberta" que procura seguir os preceitos da reforma psiquiátrica, lutando contra a segregação, o internamento e o isolamento das pessoas com transtornos mentais. Tudo isso nos faz acreditar que dentro de um hospital psiquiátrico essa relação de poder e domínio do discurso da normalidade em contraposição a fala supostamente "sem nexos" dos loucos ainda deverá ser mais evidente.

Ainda quanto ao uso de marcadores, formulamos uma outra hipótese que previa que, com ou sem surto, os sujeitos com transtornos mentais utilizavam mais os marcadores conversacionais convergentes e indagativos do que os divergentes. Essa hipótese também foi confirmada e como se vê na tabela 1, o uso dos marcadores indagativos é bastante significativo, enquanto que o uso de divergentes não ocorreu. O que esse fato pode significar? Possivelmente, que há realmente uma rede rigorosa de valores sociais que deixa os doentes mentais numa condição "inferior", uma condição de "dominados" pelos ditos normais. Isso parece ser tão verdadeiro que não houve nenhum uso de um marcador pós-posicionado divergente, ou seja, de um sinal que funcionasse para contestar ou divergir do falante corrente, como por exemplo "discordo", "duvido", "nada disso", "nunca".

Quanto ao uso dos convergentes, esperávamos que fosse mais expressivo, embora desde o início da pesquisa, achássemos que os indagativos teriam uma maior frequência devido a necessidade de confirmação e de apoio que os doentes mentais sentem. Como os indagativos mantêm uma função interrogativa, os interlocutores devem responder, mesmo que implicitamente, a eles, dando, então, um *feedback* aos doentes mentais de que está havendo entendimento e acompanhamento do que vem sendo exposto na conversa.

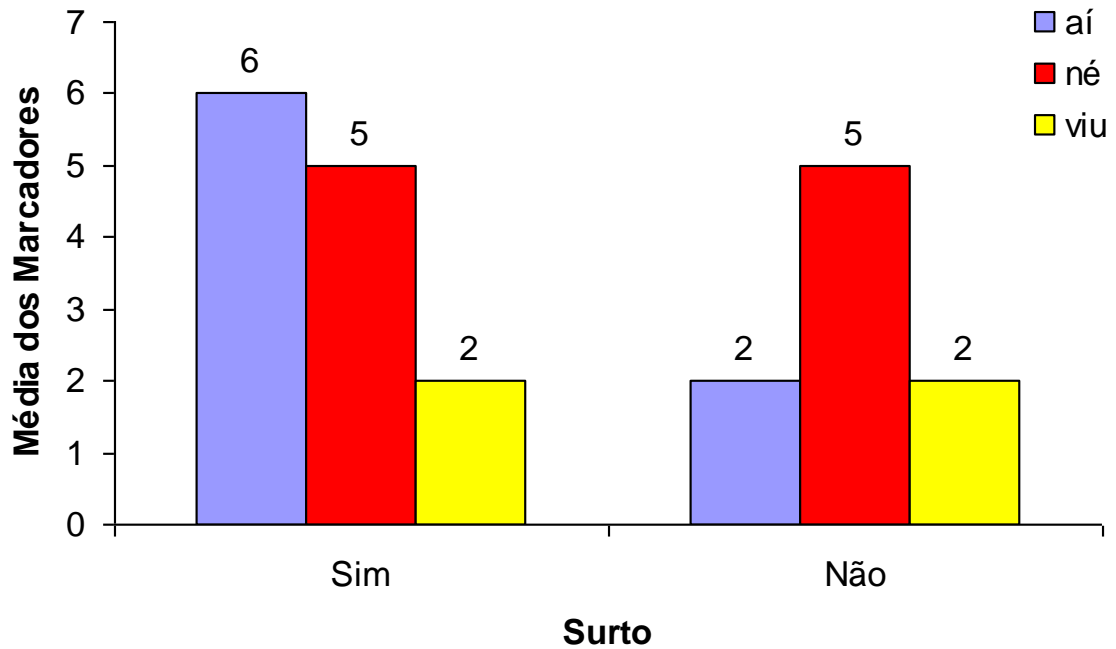
Após confirmarmos nossas hipóteses sobre os marcadores conversacionais, notamos que um estudo da relação entre o poder e o uso desses marcadores é bastante interessante e poderá ser feito em pesquisas futuras.

A título de ilustração, colocamos em anexo (nº 30 e 31), as frequências dos marcadores em surto e não surto. O **aí**, o **né** e o **viu** que foram mais usados tiveram, respectivamente, os seguintes valores de distribuição de amostra em surto: **ai** (média 4,75; desvio padrão 2,5 com mínima de 1,0 e máximo de 8,0 respostas por sujeitos), **né** (média 2,75; desvio padrão 2,86, com mínimo de 1,0 e máximo de 9,0 respostas por sujeitos) e o **viu** (média 1,44, desvio padrão de 0,73, com mínimo de 1,0 e máximo de 3,0) e sem surto **aí** (média 2,30, desvio padrão 1,80, com mínimo de 1,0 e máximo de 6,0), **né** (média 4,90; desvio padrão 3,30, com mínimo de 1,0 e máximo de 10) e finalmente o **viu** (média 1,60, desvio padrão 0,80, com mínimo de 1,0 e máximo de 3). Mencionamos esses dados, como exemplificação pois eles nos fornecem uma visão global da distribuição amostral do uso dos principais marcadores acima referidos.

Finalmente, à extrema regularidade no uso de alguns marcadores, notada na tabela 1, tais como o **né** (75% em surto psicótico e 95,8% sem surto psicótico), o **viu** (46,2% em surto e 46,8% sem surto) e o **aí** (50,0% em surto e 36,8% sem surto), revelou a necessidade de elaborarmos algumas tabelas, abaixo, sobre o uso deles e fazermos alguns posicionamentos a título de ilustração.

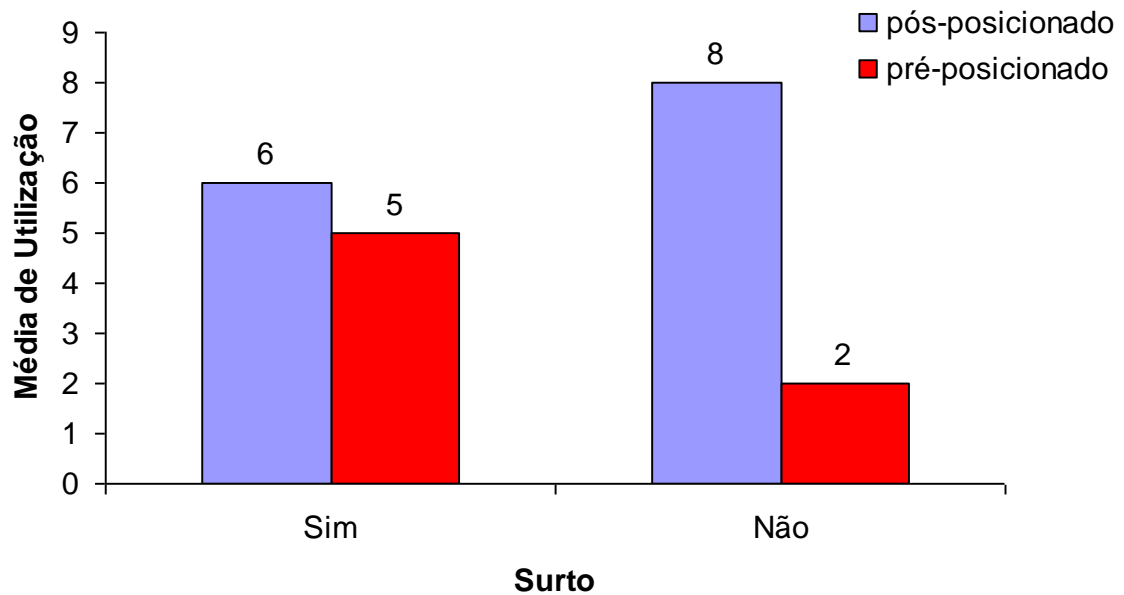
No gráfico I, vê-se que em surto e sem surto o uso do **né** e do **viu** foi equivalente enquanto que o **aí** foi significativamente mais freqüente em surto. Os marcadores **né** e **viu** foram usados em final dos turnos ou de unidades comunicativas. Eles aparecem na forma indagativa e geralmente são empregados para conseguir o assentimento ou a concordância do ouvinte. Já o **aí** é usado no início de unidades comunicativas ou de turnos como um dos recursos lingüísticos para indicar a mudança de assunto, e sucessão de um tópico para outro.

GRÁFICO I - Marcadores de Discurso



No Gráfico II, percebemos que em situações de surto os marcadores pós-posicionados são menos usados do que em situações de não surto. Já os pré-posicionados são mais usados em situações de surto. Isso é um dado interessante, pois revela que em situações de surto, apesar de serem ainda comandados pelos "normais" os doentes mentais se tornam mais "livres" ou mais "rebeldes" às regras impostas por uma sociedade que prescreve a submissão dos portadores de sofrimento psíquico.

GRÁFICO II - Marcadores de Discurso



A título de ilustração, colocamos em anexo, as frequências dos marcadores de discurso em pacientes em surto e fora de surto (ver anexos nº 30 e 31).

Finalizamos esse estudo concordando com Silva e Macedo (1996) quando dizem que o uso frequente de "aí" na fala não é um vício de linguagem como a grande maioria das pessoas acham. Pelo contrário, o uso do **aí**, do **né**, do **viu** e de outros marcadores discursivos é algo "usado de maneira previsível e sistemática, como um recurso lingüístico do qual dispõe o falante para suprir suas necessidades na conversação" (Silva e Macedo, op. cit.: 32).

IV.4. O fenômeno da relevância na conversação de pessoas com transtornos mentais

Acreditamos que, nas conversas de pessoas com transtornos mentais, o fenômeno da relevância é comprometido em decorrência do que eles desejam falar quando estão em surto ou quando não estão "funcionando dentro dos padrões normais" e do que os interlocutores dese-

jam ouvir. Não há ninguém que queira ser co-participante do tópico proposto por esses "doentes mentais".

É um verdadeiro e estranho jogo em que a própria conversa tem sido capaz de isolar uma pessoa por não falar "coisa com coisa" ou falar coisas que não existem na concepção dos ditos "normais". O que os "doentes mentais" falam não é ouvido com atenção devido um julgamento preconceituoso e estigmatizante. Mas será que suas conversas não são reflexos de situações de sofrimento, de alegrias ou, até quem sabe, de angústia? Pois qualquer pessoa tida como normal sofre em seu discurso interferências de seu estado emocional. Cada um revida à situações de pressão e poder ao seu modo; em outras tantas vezes, há necessidade de se quebrar a relevância também por se querer falar sobre seus temores, suas aflições, suas angústias. Com o "doente mental" não é diferente. Mas tudo isso não é suficiente para provar que suas conversas também são relevantes. Achamos que, dependendo do estado psico-emocional, as pessoas com transtornos mentais têm um comprometimento maior ou não no fenômeno da relevância. Ou seja, em situações de surto, elas apresentam um comprometimento maior e quando não estão, esse comprometimento é menor. Diante de tudo isso, julgamos que uma conversa de pessoas com transtornos mentais em crise, aparentemente inconsistente e difusa, contém em si elementos coerentes e relevantes que merecem ser estudados mais detalhadamente.

Conforme Pereira (1998:23), pode-se "dizer que, a depender da situação enunciativa, os interlocutores vão descobrindo e manipulando regras, vão organizando o sentido e o trabalho que se pode fazer com a linguagem". No que diz respeito aos efeitos de sentido, para essa autora, há vários fatores de significação (semânticos, pragmáticos ou semântico - pragmáticos), relacionados aos efeitos de sentido que se quer produzir e várias possibilidades de se estabelecer a relevância, que estão de acordo com as intenções comunicativas ou discursivas dos interlocutores. Essas várias possibilidades não estão desvinculadas entre si, pois são os

interlocutores que selecionam o que é mais pertinente para cada situação. Vejamos o exemplo abaixo:

- (53) Ipp : M. (+) tu ouve vozes?
 P₂ : eu (+) eu:: aquele pessoal que pede esmola (++) eu fico impressionada (+) aqueles menino de rua / eu fico impressionada.
 Ipp : Mais quando tu vai se deitar tu não ouve vozes não?
 P₂ : só às vezes (+) alguma vez é difícil (+) mais alguma vez (+) eu vejo vulto perto:: de mim.
 Ipp : Vulto é?
 P₂ : é
 Ipp : Quando tu se queimou tu ouviu alguma pessoa dizendo assim as coisas prá ti?
 P₂ : eu acho que não(+) foi de repente (+) pensei nem meio minuto em jogar minha felicidade fora.
 Ipp : é:: pois você não vai mais fazer isso (+) né?
 P₂ : é::

No trecho acima, percebemos que P₂ compreende outro fator de significação pragmático relacionado à pergunta de "Ipp: M. (+) tu ouve vozes?", P₂ responde, então, com uma outra possibilidade de significação para a pergunta: "P₂: eu (+) eu:: aquele pessoal que pede esmola (++) eu fico impressionada (+) aqueles menino de rua / eu fico impressionada".

É possível falar que esse sujeito apresentou dificuldades ao lidar com outra possibilidade de sentido da pergunta. A princípio, ele agiu como se a sua resposta fosse adequada à pergunta formulada pelo seu interlocutor. Embora não entendendo a significação da pergunta a resposta não deixa de ser relevante e na continuidade da conversa, ele percebe, devido a outro questionamento do interlocutor, qual o propósito da pergunta formulada: "Ipp: mas quando tu vai se deitar tu não ouve vozes não?" e refaz a sua resposta, dizendo: "P₂: só às vezes (+) alguma vez é difícil (+) mais alguma vez (+) eu vejo vulto perto:: de mim". E assim a conversa continua fluindo sem um maior comprometimento:

- Ipp : vulto é?
 P₂ : é
 Ipp : quando tu se queimou tu ouviu alguma pessoa dizendo assim as coisas prá ti?
 P₂ : eu acho que não (+) foi de repente (+) pensei nem meio minuto em jogar minha felicidade fora.

Podemos frisar que o sentido não está circunstanciado apenas ao âmbito das unidades lingüísticas. Isso pode ser confirmado com esse exemplo em que a construção coerente do primeiro par de pergunta-resposta dependeria de complexas relações entre o conhecimento do locutor e do interlocutor, além do conhecimento da língua.

Em termos de uma abordagem enunciativo - discursiva, ressaltamos que é preciso haver uma inter-relação entre sujeitos na construção de sentido. Assim, concordamos com Pereira (1998) quando cita Sperber & Wilson (1986), dizendo que os efeitos contextuais, ou as mudanças que ocorrem no contexto por meio de informação relevantes, poderiam ser considerados, de acordo com uma perspectiva enunciativo discursiva, como efeitos de sentido ou efeitos de relevância a serem depreendidos na situação enunciativa por meio de fenômenos como da relevância. Ao tomarmos a relevância como um constructo teórico do qual fazem parte fatores semânticos e pragmáticos, poderíamos considerar que o reconhecimento de intenção, para uma teoria discursivamente orientada, também atua na construção do sentido.

Para Pereira (op. cit), é crucial todo o processo de intercompreensão, pois é nele que pode existir construção de sentido, o que mostra indispensável convocar toda a situação enunciativa: os tipos de interlocutores, os gêneros do discurso, os conhecimentos semânticos, pragmáticos, etc.

P₂, paciente do CAPS, esquizofrênica, tentou suicídio várias vezes e mesmo se encontrando em um período de remissão da doença, os sinais de idéias ou pensamentos falsos que não correspondem à realidade bem como a diminuição da motivação para conversar e para viver ainda persistem e podem ter sido um dos fatores do comprometimento do sentido nessa conversa.

Se colocarmos em evidência o fato de P₂ não ter conseguido responder de forma satisfatória à pergunta "Ipp: M (+) tu ouve vozes?", podemos até dizer que não foi atendida à exigência conversacional que se estabelece nesse turno de fala de Ipp, provocando um mal-

entendido. Mas não podemos dizer que o fenômeno da relevância não se evidencia nessa conversa. Até porque quando o Ipp refaz a pergunta, M. compreende. É como diz Dascal (1982:106):

"Na vida cotidiana, na ciência e na filosofia, freqüentemente expressamos juízos de relevância: o fato a é relevante para o fato b, a teoria c é relevante pra a ação d, a afirmação e é irrelevante para a criança f, etc. E freqüentemente temos muita confiança em tais juízos, pois estamos dispostos a basear neles importantes decisões".

Em outras palavra, a noção de relevância, como ele diz, é fundamental e ao mesmo tempo complexa, pois trata-se de uma noção que exige atenção e análise de suas principais características assim como de suas inúmeras aplicações. Com isso, faz uma ponderação sobre o principio geral de cooperação conversacional de Grice (1975:45) que diz:

"Faça sua contribuição conversacional tal qual é requerida, no estágio em que ocorre, pelo propósito ou direção aceitos do intercâmbio conversacional no qual está tomando parte" (Dascal, 1982:106).

Sua ponderação mostra-nos que Grice (op. cit.) é capaz de especificar certas máximas associadas às categorias de quantidade, qualidade, relação e modo, esclarecendo de certo modo o sentido, todavia a relevância é deixada de lado sem qualquer explicação suplementar. Para Dascal (op. cit), os trabalhos de Grice, amplamente difundidos, ocultam questões sobre que tipo e focos diferentes de relevância pode haver e como eles mudam no curso de uma conversação. Não explicam o fato de que os temas de toda conversa são legitimamente mudados. Dascal defende a tese de que é indispensável distinguir vários tipos de relevância, a fim de fornecermos uma explicação satisfatória. Nesses tipos devem estar incluídas duas noções: uma pragmática e outra semântica. A primeira se referindo à relevância de atos de fala para certas metas e a segunda se referindo à relevância de certas entidades lingüísticas, lógicas ou cognitivas.

Conforme o exposto, podemos sugerir que os interlocutores tinham diferentes representações das expressões "ouvir vozes", embora elas não fossem excludentes. Consoante a abordagem de Dascal, (op. cit.) parece haver nessa conversa, dois juízos de relevância: um aparentemente semântico e o outro pragmático. O primeiro, no qual se baseia a afirmação de P₂ que parece ter violado a máxima "seja relevante" ao responder a pergunta de Ipp. P₂ relacionou o sentido de "ouvir vozes" ao que estava estritamente dito. Entretanto aquilo que foi dito por Ipp, era demasiadamente mais amplo, pois continha um conhecimento maior. A pergunta formulada transmite seu conhecimento sobre um dos sintomas da esquizofrenia, as alucinações, e que o portador da doença fala que está "ouvindo vozes" de pessoas, quando, muitas vezes, não há ninguém por perto. Segundo esse portador, essas vozes lhe dão ordens ou falam daquilo que ele está fazendo e são de uma ou de várias pessoas. Era sobre isso que Ipp estava querendo se informar.

Talvez, esse mal entendido pudesse não ter ocorrido se Ipp tivesse feito uma introdução na pergunta, tornando-a mais clara e mais objetiva. Certamente, Ipp, ao formular sua elocução, não imaginava um desencontro de posturas diante das palavras: "ouvir vozes". No entanto, P₂ relaciona "ouvir vozes" a mendicância, lembrando-se do pessoal que pede esmola, dos meninos de rua, gerando, então, uma discrepância entre a sua resposta e a pergunta de Ipp. Dessa forma, ele dá uma resposta irrelevante do ponto de vista do interlocutor pois não conseguiu chegar à intenção desse interlocutor.

Por meio desses dados, podemos dizer que a relevância conversacional é uma tarefa de co-construção do sentido do que está sendo falado. Essa construção é feita pelos interlocutores envolvidos no processo e torna-se, como enunciado por Dascal (1979), uma relação, um predicado binário pelos interlocutores. O fato é que cada turno de fala, cada contribuição à conversação deve ser analisado antes de defini-la como irrelevante. Quanto a isto, admitimos que houve um mal entendido que na continuidade da conversa foi desfeito, chegando, inclusi-

ve, P₂ a perceber a intenção de Ipp e o que deveria ser dito para ter uma participação pragmaticamente relevante à exigência conversacional:

Ipp : mas quando tu vai se deitar tu não ouve vozes não?
 P₂ : só as vezes (+) alguma vez é difícil (+) mais alguma vez eu vejo vulto perto:: de mim.

O conteúdo da resposta de P₂ revela a compreensão da pergunta de Ipp. Sua contribuição passa, então, de irrelevante para maximamente relevante para a pergunta em questão. Ela extrapola o que é solicitando, relatando que também tem alucinações usuais:

P₂ : só as vezes (+) alguma vez é difícil (+) mais alguma vez eu vejo vulto perto:: de mim.
 Ipp : vulto é?
 P₂ : é

Um outro exemplo interessante é o que segue:

(54) Ila : e aí H.L (+) tudo bem?
 H.L : tudo bom (+) vou falar hoje sobre o 1. (+) tá? (+) esse 1. Esse não o 1. Doutor 1. (+) tá prometendo no comício / prometeu se Deus quiser (+++) ((incompreensível)) vai arrumar mais médicos no CAPS.
 Ila : é:: é sim
 H.L : ele vai arrumar é mais (+) aí melhora pra CAPS merenda e tudo porque não tem nada esse M. só manda café (+) como mandou num dia desse café e mais nada (+) cafezinho (+) café que faz mal e:: tudo
 Ila : e:: tu votou?
 H.L : e:: papel higiênico
 Ila : e:: tu (++) tu votou no M.?
 H.L : não (+) Ave Maria nunca não.

Nesse exemplo, verificamos que H.L, sem surto psicótico, quando lhe é perguntado por Ila se ele votou, se mantém ainda preso ao turno anterior e ao tópico introduzido por ele. Dessa forma, não responde a pergunta formulada, comprometendo a relevância entre os turnos "e:: tu votou?" e "e:: papel higiênico". Não há relação nem semântica, nem pragmática entre esses turnos. Mesmo assim, inferimos que essa quebra não foi por acaso. H.L. compreendeu a pergunta, tanto que, logo em seguida quando ela foi refeita, ele respondeu. Acharmos que, a princípio, estava muito mais interessado em concluir o tópico proposto por ele. Sendo assim, a

resposta de H.L à exigência conversacional de Ila, baseia-se no que ele considera relevante no momento. O seu ponto relevante (falar sobre o assunto iniciado) era divergente do ponto relevante de Ila (saber sobre a votação). Logo, a diferença entre os pontos de relevância selecionados por eles gerou o mal-entendido.

Em conversas ordinárias ou naturais, a falta de relevância e mal-entendidos ocorrem com frequência. Entretanto, há tentativas de se evitar essas ocorrências. Devido, essas tentativas, achamos que as pessoas com transtornos mentais, em situações de surto, apresentam um comprometimento maior no fenômeno da relevância e, quando não estão em surto, esse comprometimento não se evidencia. Conforme já falamos. Essa hipótese foi formulada por achamos que em situações de surto as pessoas apresentam alterações significativas na percepção e em seus discursos. Em geral, elas ficam muito mais voltadas para seus sofrimentos psíquicos, para seus mundos do que para o assunto abordado por seus interlocutores. Dessa forma, achamos que as pessoas em surto psicótico transmitem muito mais do que um conjunto de informação a serem recuperadas com base em um conhecimento comum e compartilhando pelos interlocutores e com base também no que consideram relevante em um determinado contexto. Não havendo, portanto, uma tentativa explícita para diminuir a falta de relevância nas conversas. Para ilustrar o que mencionamos acima, vejamos alguns trechos de conversa em que as pessoas se encontram em surto:

- (55) Ila : você ainda tá::tá com medo do mundo:: do mundo acabar?
 P₄ : os meus pés continuam doendo:: é um / um sofrimenTo (+) na minha opinião é esse quiturão (++) esse quinturão todo (++) né?
 Ila : quando é que o mundo vai acabar? Você vivia dizendo que o mundo ia acabar (++) nera? (+) fale sobre isso.
 P₄ : é uma situação triste a dos meus pés (+) olhe aqui ((levanta os pés mostrando)) eles estão em carne viva (++) naquele dia eu:: EU já disse a você (++) mas eu não tenho remédio (+) aí fico nesse sofrimento medonho (++) não tem quem compre o remédio (++) eu fico nesse sofrimento medonho (++) né mesmo?
 Ila : quem é que compra o remédio.
 P₄ : eu andei tanto:: ontem (++) aliás eu (+) e::u tenho andado muito (++) é uma coisa:: que é triste (+) que o médico tem que tratar:: né isso doutora? (++) mas aqui em Senador (+) na minha opinião tudo::tudo é:: sobre o que era que:: que eu tava falando (+) heim?

- Ila : o senhor estava falando sobre seus pés e sobre os médicos de Senador (++) agora eu lhe fiz duas perguntas (++) uma sobre o fim do mundo e a outra (+) a outra sobre quem era que comprava o seu remédio e:: e o senho não me respondeu.
- P₄ : amanhã:: eu não vou ser responsável por uma dor medonha nos meus pés (++) eles tão destruídos (+) aniquilados ((mostra novamente os pés)) olha (+) eu sou devoto de São Francisco (+) o que eu quero é:: tá vendo as feridas nos meus pés (++) eu tô arrasado e ninguém percebe (++) também eu sou forte.

Analisando essa conversa, constatamos que P₄ infringe simultaneamente as máximas conversacionais da Quantidade, da Relação e de Modo. Observamos que P₄ opta por ignorar a relevância condicional estabelecida e resolve falar sobre o problema de seus pés, o que é seu foco de interesse e a sua obsessão. Seu foco, no entanto, não coincide com o de interesse do seu interlocutor, o qual faz várias tentativas de mudar o curso da conversa. Não conseguindo, Ila resolveu participar da conversa e fala também sobre o assunto proposto por P₄.

Constatamos também que a primeira parte de um par adjacente estabelece uma relação discriminativa e uma relevância condicional sobre a parte seguinte, determinando que essa parte seguinte responda à sua exigência conversacional. Isso não ocorre no exemplo acima. Nele, verificamos que P₄ não atende à relevância condicional proposta por Ila e continua falando sobre seus pés (assunto que lhe preocupa enormemente). Ila, tendo outro foco de interesse, refaz a pergunta, dizendo-lhe que já fez dois questionamentos e não obteve resposta. P₄, no entanto, ignora a intervenção de Ila e continua falando sobre seus pés. Assim, constatamos que há um desacordo entre a exigência conversacional de Ila e as respostas dadas por P₄.

Vejamos outro exemplo interessante:

- (56) P₃ : bem :: como eu tava lhe dizendo elas torturam a gente e prendem (+) né?
- Ila : mas você não respondeu minha pergunta (++) você foi presa?
- P₃ : eu não sei quem manda (++) mas naqueles dia os vizinhos (++) T-O-D-O mundo tava mandando (++) viu? (+) essa gente não gosta de ninguém (+) né? até do pai (+) e da mãe eles matam (+) ai depois ficam só falando.
- Ila : falando sobre o quê?
- P₃ : eu sou a enviada de Deus (++) a enviada de Deus para tirar os maus espíritos da terra (++) ali ((apontando para o quintal do CAPS)) tá cheio deles:: eles tão acabando com tudo (++) eles vão abrir a nossa

cabeça (++) escute (+++) viu? (++) eles tão querendo vencer nós né? mas Deus (+) a Rainha da do Sertão vai me ajudar (++) mas eu tô me sentindo perdida (++) psiu:: psiu (+) faça silêncio senão o homem (++) / o importante é não ficar triste (++) assim a nossa cabeça não dói (+) tá certo? O mundo é cheio de ódio (++) aí aparece você (++) aí o doutor que me :: eles manda eu tomar remédio igual a esses doentes (++) mas doutora eu:: eu com a senhora vamos lutar contra todo o mal (++) e vamos engomar nossa roupa:: lavar a roupa:: tu viu a festa do 1? Ele ganhou foi feio (++) né?

Ao analisar esse exemplo, notamos que Ila tenta mostrar a P₃ que ela não respondeu a sua pergunta. P₃, mesmo não dando uma resposta mais objetiva, produz um turno de acordo com o enunciado proposta pela sua interlocutora:

P₃ : bem:: como eu tava lhe dizendo eles torturam a gente e prendem (+) né?
 Ila : mas você não respondeu minha pergunta (++) você foi presa?
 P₃ : eu não sei quem manda (++) mais naquele dia os vizinhos (++) T-O-D-O mundo tava mandando (++) viu? (+) essa gente não gosta de ninguém (+) né? até do pai (+) e da mãe eles matam (+) aí depois ficam só falando.

Entretanto, após a produção desse turno, P₃ volta a ter uma compulsividade para falar sem coordenados interacionais e dialógicas, comprometendo assim a relevância:

Ila : falando sobre o quê?
 P₃ : eu sou a enviada de Deus (++) a enviada de Deus para tirar os maus espíritos da terra (++) ali ((apontando para o quintal do CAPS)) tá cheio deles:: eles tão acabando com tudo (++) eles vão abrir a nossa cabeça (++) escute (+++) viu? (++) eles tão querendo vencer nós né? mas Deus (+) a Rainha do Sertão vai me ajudar (++) mas eu tô me sentindo perdida (++) psiu:: psiu (+) faça silêncio senão o homem (++) / o importante é não ficar triste (++) assim a nossa cabeça não dói (+) tá certo? O mundo é cheio de ódio (++) aí aparece você (++) aí o doutor que me:: ele manda eu tomar remédio igual a esses doentes (++) mas doutora eu:: eu com a senhora vamos lutar contra todo o mal (++) e vamos engomar nossa roupa:: lavar a roupa:: tu viu a festa do 1? Ele ganhou foi feio (++) né?

Essa fala é formada por enunciados extraídos de diferentes contextos:

P₃: eu sou a enviada de Deus... eu tô me sentindo perdida (++) psiu :: psiu (+) faça silêncio senão o homem (++) / o importante é não ficar triste (++) assim a nossa cabeça não dói (+) tá certo? O mundo é cheio de ódio (++) aí aparece você (++) aí o doutor que me :: ele manda eu tomar remédio... eu com a senhora vamos lutar contra todo o mal (++) e vamos engomar nossa roupa:: lavar a roupa:: tu viu a festa do 1? Ele ganhou foi feio (++) né?

É uma fala formada de "retalhos de enunciados", como diz Picardi (1997), que se juntam formando um turno totalmente caótico. Esse tipo de fala também evidencia a quebra da relevância, confirmando, assim, a nossa hipótese de que as pessoas com transtornos mentais, em situações de surto, apresentam um comprometimento maior no fenômeno da relevância do que quando não estão em surto.

Os trechos que seguem também evidenciam essa hipótese:

- (57) P₃ : eu fecho as portas da minha casa:: fecha as janelas (++) pode de repente / eu vejo eles (++) né não?
 Ila : eles quem?
 P₃ : parece que (++) eles vão vencer (++) pode esperar (++) não depois de um ano a gente vence (++) tá certo?
 Ila : eles quem?
 P₃ : ahn": então na minha opinião tudo é besteira (++) até a água do Cedro tá suja né mesmo? (+) também secou tudo num:: num foi.
 Ila : foi (++) mas quem são eles de que você tanto fala?
 P₃ : a água suja mata os espíritos, os homens (++) até as crianças (+++) olha se ao prefeito num for limpar (++) eu:: não / se eles não mandar limpar vai morrer tudo (+) até nós (++) mas eu tenho vinte vida (++) aí nós vence eles (++) nós vence tudo (++) tá?

É importante ressaltarmos que não são todas as conversas de doentes mentais em surto psicótico forte que são irrelevantes. Muitas delas, tidas como "dizeres bizarros", apresentam progressão temática e seqüência aos turnos que exigem a formação de um par adjacente, além de apresentarem as características organizacionais da conversação:

- (58) Ila : tudo:: bem
 P₅ : tudo
 Ila : como você tem passado?
 P₅ : tô melhor
 IfP₅ : tá não doutora (+) ela fugiu de casa e tá dando o:: MAIOR traBALHO
 Ila : o que é que :: que está acontecendo?
 P₅ : eu:: eu estou / os meus vizinhos vivem falando de mim (+) aí eu fugi.
 Ila : você (+) escuta eles falando (+) é isso?
 P₅ : é (+) quando eu vou (+) / até quando eu vou tomar banho eles ficam falando (+) né?
 Ila : falando o quê?
 P₅ : falando aquelas coisas (+) aqueles coisas imorais
 Ila: você escuta?

Muitas dessas conversas também revelam algumas incongruências relativas ao contexto sócio cultural instituído pelos padrões de normalidade:

- (59) P₅ : é:: eles dizem que vão me levar / eu e:: e essa menina aqui prá cerca (++) aí eles dizem que vão me jogar num:: num vulcão.
 Ila : vulcão?
 P₅ : sim
 Ila : aqui tem:: tem vulcão?
 P₅ : não (+) tem não
 Ila : então?
 P₅ : é:: mas em algum lugar deve ter (+) né mesmo?

No exemplo acima, a incongruência se refere à não existência de vulcões no Brasil e à pouca probabilidade de um dos vizinhos de P₅ levá-la a outro país para jogá-la em um. Apesar dessa incongruência, há uma boa organização da conversação, ocorre alternância de turnos e os atos de fala estão relacionados com o ato seguinte e com o anterior.

Outro dado relevante é mostrado no trecho abaixo:

- (60) Ila : oi H. L?
 H.L : oi
 Ila : você tava sumido?
 H.L : é
 Ila : por quê?
 J.L : eu tô com uma coisa ruim (+) uma impaciência na minha cabeça (+) eu não quero ficar parado (+) tá certo?
 Ila : você acha que essa impaciência é de quê?
 H.L : sei lá
 Ila : será que isso é coisa da sua cabeça?
 H.L : é (+) tem uma coisa solta nela:: olha aqui ((mostra a cabeça)) (+) tá vendo tem um buraco (+) né? (+) meu pai disse que eu:: eu sou doente desse buraco (++) não sei de que (++) ele disse que eu não posso sair sozinho (+) aí eu não posso vir ao Projeto (++) tá legal?
 Ila : tem alguém que possa vir com vo::cê?
 H.L : tem não (+) ei L. (++) olha aqui se na minha cabeça tem esse buraco (+) tem?
 Ila : tem não
 H.L : bom (+) ainda bem (+) né mesmo? (+) macho (+) ei D. traz a caneta.
 Ila : amanhã você vem?
 H.L : eu:: eu tô inquieto (++) inquieto ((incompreensível))

Nessa conversa, há relação de continuidade e ultrapassagem dos tópicos. O fenômeno da relevância também se evidencia, apesar de H.L. falar sobre algo inexistente: um buraco em sua cabeça. O mais interessante é que H.L., mesmo falando sobre esse buraco inexistente aca-

ba influenciando o seu interlocutor a interagir com ele, tornando a conversa relevante e produtiva.

Verificamos, ao final deste trabalho, que a conversação de pessoas com transtornos mentais, assim como a de pessoas normais, flui conforme o interesse e a motivação pelo assunto. Em algumas conversas, percebemos que o assunto não conseguiu prender a atenção dessas pessoas. Já em outra, elas foram cooperativas pois havia realmente o envolvimento numa interação centrada em que os assuntos as interessava.

IV - CONCLUSÕES

O estudo feito nos permite dizer que os portadores de esquizofrenia, mesmo em surto, sustentam a conversação quando o assunto lhes interessa. No entanto, constatamos que não houve, em todas as conversas analisadas, simetria de papéis e direitos para tomar os turnos. Isso ocorre fundamentalmente porque existem algumas pessoas mais condicionadas a "comandos" do que outras. A interação, bem como a simetria de papéis, fica afetada pelas relações de poder. Ceder um turno a "doentes mentais" é ainda algo social e culturalmente complicado, pois as pessoas ditas "normais" não lhes dão credibilidade. Para não dizer que os ignoram, estigmatizam-nos. E isso, os dados nos possibilitaram ver, além de terem confirmado as nossas hipóteses e nos permitiu algumas considerações importantes:

1. Tanto em surto como em não surto psicótico, as pessoas com transtornos mentais dão seqüência aos turnos que exigem a formação obrigatória e não cancelável de um par adjacente. Contudo, existe uma diferença na produção desses pares: em crises psicóticas, dificilmente eles formulam a primeira parte do par adjacente, diferentemente de quando não estão em crise; a segunda parte do par, quando em surto, geralmente, aparece com forma ecóica;
2. As pessoas com transtornos mentais, em surto ou não, usam mais sinais conversacionais pós-posicionados do que pré-posicionados. A maior utilização desses sinais deve ser porque elas já estão, de certa forma, "condicionadas" aos monitoramentos das pessoas normais, necessitando, assim de uma confirmação e aceitação de seu discursos;

3. Em situações de surto ou não, as pessoas com distúrbios mentais utilizam mais os marcadores conversacionais convergentes e indagativos do que os divergentes. Essa ocorrência também atribuímos à questão do monitoramento citado na observação conclusiva anterior;
4. Quando o surto psicótico é grave, há uma compulsão para falar sobre determinados assuntos incidentes durante os delírios e as alucinações. Comprometendo-se, nesses casos a relevância pois, muitas vezes, a pessoa em crise aguda não dá continuidade ao tópico discursivo proposto pelo seu interlocutor. Há, então, uma quebra da relevância, justamente devido à descontinuidade;
5. Em situações sem surto psicótico, as pessoas com distúrbios mentais mantêm mais a relevância discursiva não só porque obedecem à troca de turnos prevista em uma conversação mas também porque mantêm a continuidade tópica;
6. Inferimos que os assuntos abordados durante as crises psicóticas são considerados, muitas vezes, incoerentes do ponto de vista da sua topicalidade e ignorados pelos interlocutores "normais" que não aceitam conversar sobre os tópicos introduzidos pelos portadores de transtornos mentais. Isso faz com que não haja interação centrada entre esses interlocutores. Dessa forma a relevância fica comprometida.

Isso posto, constatamos que conversas de pessoas com transtornos mentais, aparentemente inconsistente e difusa ao contrário do que aparentam à primeira vista contém em si elementos coerentes e relevantes.

Esperamos, em última análise, que as idéias expostas, nesse estudo, sirvam como advertência para no mínimo, questionar concepções existentes que defendem o isolamento de pessoas com transtornos mentais por as conceberem como incapazes de um convívio social, quer seja por suas condutas, quer seja por suas conversas.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J. L. 1962. **How to do things with words.** Oxford. Oxford University Press.

BAKHTIN, M. 1990. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 5ª ed. São Paulo: Hucitec.

BEAUGRANDE, Robert Alain de. DRESSLER, Wolfgang Ulrich. 1981. **Introduction to text linguistics.** New York. Longman Inc.

BENVENISTE, Émile. 1985. **Problemas de Lingüística Geral II.** Campinas, São Paulo: Pontes.

BROWN, Gillian, YULE, George. 1983. **Discourse analysis.** Cambridge. Cambridge University Press.

CLARK, H. and WILLKES-GIBBS, D. 1986. **Referring as a collaborative process.** Cognition, 22, 1-39.

COULTHARD, Malcolm. 1977. **An Introduction Discourse Analysis.** Harlow, Essex Longman.

COSTA, Verbena Lúcia de Medeiros. 1998. **O Mal-Entendido em Entrevistas de Televisão.** Fortaleza, Dissertação de Mestrado - Curso de Lingüística, UFC, mimeo,

DASCAL, M. & KATRIEL, T. 1979. **"Digressions: a study in conversation coherence"**. IN PTL, nº 4:76-98.

_____. Marcelo. 1977. **Conversational Relevance** In: Journal of pragmatic. 1:309-328.

DERRIDA, J. 1973. **Lingüística e Gramatologia**: in Gramatologia. São Paulo, Perspectiva.

_____. 1967. **A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas**, in A escritura e a diferença. São Paulo, Perspectiva.

FOUCAULT, Michel. 1972. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado, RJ, Edições Graal.

_____. 1994. **Doença Mental e Psicologia**. Organização e tradução de Lilian Rose Shalders, RJ, Edições Tempo Brasileiro.

_____. 1995. **História da Loucura**. Organização e tradução José Teixeira Coelho Netto, São Paulo, Editora Perspectiva.

_____. 1967. **A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas**, in a escritura e a diferença. São Paulo, Perspectiva.

_____. 1997. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro. Forense Universitária.

FREUD, S. 1972 (1905). **Os Chistos e sua relação com o inconsciente**. Obras completas. Edição Standard. Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

GAY, Peter. 1989. **Freud: uma vida para nosso tempo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo. Companhia das Letras.

GOFFMAN, Ernin. 1976. **Replies and Responses**. Language in Society.

- _____. 1992. **Forms of Talk**. Pennsylvania University ad Pennsylvania Press. Oxford: Brasil Blackwell.
- GOODWIN, Charles. 1982. **Conversational Organization**: Interaction Between Speakers and Hearers. New York, Academic Press.
- GRICE, H. P. (1975). 1982. **Logic and Conversation in: Syntactic and Semantic**, vol. 3. Speech acts. Ed. Cole P. and Morgan J. L. Academic Press.
- GUMPERZ, J. J. 1982. **Discourse strategies**. Cambridge. University Press.
- HALLIDAY, M. A. K. 1985. **An Introduction to Functional Grammar**. London, Edward Arnold.
- _____. e HASAN, R. 1994. **Cohesion in English**. London, Longman Group Limited.
- HOCKETT, C. F. 1988. **A Course in modern linguistics**. New York. Macmillan.
- JEFFERSON, Gail. 1972. **Side Sequences**. In: SUDNOW, D., ed. *Studies in Social Interaction*. New York, the Free Press Collier-Macmillan.
- KOCH, Ingedore G. V. 1997. **Inter-Ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto,
- KELLER, Eric. 1979. **Gambits: Conversational Strategy Signals**. *Journal of Pragmatics*.
- LABOV, William & FANSHILL, D. 1986. **Therapeutic Discourse**: Psychotherapy as Conversation. New York, Academic Press.

- LACAN, J. 1988. **Seminário 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEVISON, Stephen C. 1983. **Pragmatics**. Cambridge. Cambridge University Press.
- LOUZÃ, Mario Rodrigues. 1999. **Esquizofrenia: dois enfoques complementares**. São Paulo, Leos Editorial.
- MANTOAN, Maria Tereza Egler. 1997. **A integração de pessoas com deficiências: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo, Editora SENAC.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1991. **Análise da Conversação**. 2ª ed. São Paulo, Editora Ática.
- MARTINE, Castro e CORRÊA, Luisa. 1989. **Análise da constituição do discurso médico-paciente: uma abordagem sociolinguística interacional** In: Fotografias-sociolinguísticas. Campinas, São Paulo: Pontes: Ed. da Universidade Estadual de Campinas (Coleção - Linguagem Crítica).
- MILLER, Nancy B. 1995. **Ninguém é Perfeito**. Tradução de Lúcia Helena Reily, Campinas, SP: Papyrus.
- NOVAES, Mariluci. 1995. **Os dizeres nas Esquizofrenias: uma cartola sem fundo**. Rio de Janeiro, Escuta.
- OLIVEIRA, A. de. 1996. **Reviravolta Linguístico - Pragmática na Filosofia Contemporânea**. São Paulo, Edições Loyola.

- _____. Francisca Bezerra de. 1999. **Construção dos Centros de Atenção Psicossocial do Ceará e Invenção da Práticas: Ética e Complexidade**. Tese de Doutorado USP - São Paulo.
- PEREIRA, Elaine Silvia. 1998. **Um Estudo do Fenômeno da Relevância no Discurso patológico**. Campinas, Dissertação de Mestrado - Curso de Lingüística, UNICAMP, mimeo.
- PICARDI, Fernanda Duayer. 1997. **Linguagem e Esquizofrenia: na Fronteira do Sentido**. Campinas, Dissertação de Mestrado - Curso de Lingüística, UNICAMP, mimeo.
- RAIAGOPALAN, K. 1997. **O Lugar da Linguística no Estudo da Linguagem**. In série da Linguagem. São Paulo: Editora Louvise.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. 1995. **As dimensões da pragmática na comunicação**. Diadorim ed. Ltda.
- SANTOS, Antônio Weimar Gomes dos. 1997. **Avaliação Crítica dos Centros de Atenção Psicossocial do Nordeste: perfil organizacional dos serviços instalados até 31 de dezembro de 1995**. Fortaleza, Dissertação de Mestrado - Centro de Ciências da Saúde Universidade Estadual do Ceará.
- SAMPAIO, J. J. C. & BARROSO, C. M. C. 1996. **Manual de Organização dos Centros de Atenção**. Quixadá, Secretaria Municipal de Saúde, 23 p. mimeo.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & MACEDO, Alzira Tavares de. 1996. **Análise Sociolingüística de Alguns Marcadores Conversacionais**. In: **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. 1986. **Relevance Communication & Cognition.**

Cambridge, Massachusetts. Harvard University Press.

SACKS, Harvey et. alii. 1974. **A simplest systematic for the organization of turn taking**

for conversation in: *Language*. 50, 4, 696-735.

SACKS, H. SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. 1974. **A Simplest Sistematics for the Or-**

ganization of Turn - Taking for Conversation. *Language*.

SEARLE, J. 1969. **Speech Acts: Cambridge,** Cambridge University Press.

SCHEGLOFF, Emmanuel. 1986. **Sequencing in conversational openings** In: *American*

anthropologist. 70. 1075, 95.

_____. 1987. **Some Sources of misunderstanding in talk-interaction.** *Linguistic*, 25, 201-

218.

SCHIFFRIN, Deborah. 1994. **Approaches to discourse.** Cambridge. Blackwell Publishers.

TAVARES, Fabíola Barrocas. 1997. **Loucura: Rediscutindo significados.** Fortaleza, Projeto

de Tese de Doutorado.

VANDIJCK, Teun A. & KINTSCH, Walter. 1983. **Strategies os discourse comprehension.**

London, Academic Press.

WITTGENSTEIN, Ludwig. 1994. **Investigações filosóficas.** Tradução de Marcos G. Mon-

tagnoli. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

ANEXOS

ANEXO 01

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE CONVERSAÇÃO

Marcuschi (1991) mostra-nos que o sistema sugerido para a transcrição é eminentemente o ortográfico, seguindo a escrita-padrão e considerando a produção real. Logicamente, algumas palavras ou expressões são usadas de modo diferente do padrão, devendo assim serem escritas como forem pronunciadas.

Em seu livro *A Inter-Ação pela Linguagem*, Koch (1997) utiliza um quadro extraído de Castilho & Preti (1986) com as normas mais frequentes para uma transcrição. Desse quadro faremos uso juntamente com as novas convenções para as transcrições dos dados das sessões do Centro de Convivência de Afásicos – CCA, estabelecidos durante o 1º semestre de 1996, através de várias reuniões entre a equipe de transcrição, a coordenação do Projeto e a responsável pela organização do Banco de Dados da UNICAMP.

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entoação enfática	Maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante (como r, s)	:: podendo aumentar para ::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição, desvio temático	----
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início.	(...)
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação.	"

Assim, faremos nossas transcrições seguindo esse quadro e adotando as regras que seguem, elaboradas com base no que foi exposto anteriormente:

1. As transcrições devem ser feitas em espaço simples, porém dando dois espaços entre um turno e outro.

2. As iniciais dos investigadores devem ser feitas em negrito, sendo a primeira letra o I (maiúsculo e em negrito) seguido das duas iniciais do nome dos investigadores em minúsculo.

3. As iniciais dos sujeitos devem conter duas iniciais do seu nome, em letra maiúscula, sem negrito.

4. Quando o investigador for o psiquiatra ou psicólogo, em consulta, para preservar a identidade do paciente não o identificaremos com as iniciais de seu nome e sim com a letra P de paciente, seguida de um número atribuído aleatoriamente para identificá-lo. Esse número será arquivado para identificar sempre o mesmo paciente. Exemplo: P1, P2, P3, etc.

5. Quando houver sobreposição de falas, a notação será feita por um colchete que indicará o momento da sobreposição.

6. As hesitações devem ser marcadas por reticências.

7. Quando houver ênfase na sílaba ou palavra a notação deve ser feita em letras maiúsculas.

8. Inserir cabeçalho contendo as seguintes informações:

Projeto de Educação Especial da FECLESC (PEEF) – data – página. Exemplo: PEEF – 19/09/99 – p.01

A TRANSCRIÇÃO DE CONVERSAS DE PESSOAS COM TRANSTORNOS MENTAIS

ANEXO 02

PEEF – 20/11/98 - p. 01

(Contexto: Alunos do Projeto de Educação Especial da FECLESC em surto e professora da Faculdade conversam durante um encontro no CAPS)

Ila : oi J. A.

J.A : oi

Ila : tudo bem?

J. A : tudo bem

Ila : você (+) vo::cê tá sumido, né?

J. A : tá :: tá sumido

Ila : olha (+) eu :: eu vou encontrar o F. B. (+) então (+) você quer (+) quer mandar recado :: prá :: ela?

J. A : prá :: ela

Ila : é :: quer?

J. A : quero

Ila : escuta J. A. (+) estou (+) lembrando :: daquele (+) aquele dia (+) lá em Fortaleza, lembra?

J. A : eu :: eu (+) cantei, né?

Ila : foi (+) você cantou muito bem

J. A : foi (+) mui :: to bem, né?

Ila : gostei muito (+) (incompreensível)

ANEXO 03

PEEF - 10/02/1999

(Contexto: bolsistas, coordenadora do Projeto de Educação Especial e quatro alunos com transtornos mentais conversando sobre o Natal e sobre outros assuntos)

Ijd : L, ele passou o Natal (+) o final de ano (++) tudo em Fortaleza ((ri))

Ila : quem? tu?

J. A : e :: u passei (+) em caso dormino

Ila : foi? tu tava :: doente?

J. A : tava

Ila : quem é que :. (+) que tu tava perguntando se vem? quem era?

J. A : a I.

Ila : a I.? a I. vem/ vem prá :: nossa festa?

J. A : vem? (incompreensível) (+) certo

D. F : m :: na praia

Ijd : ahã ::

D. F : e :: u fui na praia

Ila : tu :: foi prá praia?

D. F : fui

Ila : deixa (++) eu ver se queimou?

D. F : não (+) já ficou bom

[

Ila : nhm :: tá queimado

Ijd : ficou (+) aonde? Tu :: ficou bom? De que :: tu tava doente?

[

D. F : ahã? Eu :: tinha queimado na praia

Ijd : ah (+) queimou foi tudo

Ila : e tu :: M.? ahã?

[

D. F : já :: ficou bom já?

Ila : ahã? (incompreensível)

M. O : só vendeno (+) broa

Ila : vendeu muito?

M. O : tá :: fraco agora

Ila : tá fraco? O pessoal ãã (+) tem dinheiro, né (+) M.?

M. O. : é

Ila : qual era uma coisa (+) bro::a que dava prá tu vender (+) bem? O que :: que tu acha?

M. O. : ãã sei

Ila : ahã?

D. F : bolo

Ila : bolo (++) será?

J. A : guaraná

M. O. : (incompreensível)

D. F. : pastel

[

M. O : (incompreensível)

Ila : tu pensou (+) em que?

M. O : (incompreensível)

Ila : hoje (++) ãã vendeu nada?

M. O : só vendi :: quatro pacote de broa

Ila : foi? quanto é (+) que tá a broa?

M. O. : cinquenta

Ila : tu faz assim (++) quando tu vier prá :: aula (+) tu traz uns pacotes, né?

M. O. : num vende :. ãã

Ila : vende ãã? (+) onde é que vende mais?

M. O : é lá no alto (+) no alto

Ila : tua mãe tem u::ma mercearia é?

M. O. : tem um comercinho (+) lá (incompreensível)

J. A : D. tu guardou (+) o teu?

Ila : M. tu tá fumando direto (+) ãã tá? ahã?

J. A : (incompreensível)

M. O. : de vez (+) de vez em quando :: um pouco

Ila : e tu (+) D. arrumou u::uma namorada lá?

D. F. : ((ri)) ãã

J. A : eu arrumei (incompreensível)

Ila : quem é?

- J. A** : é :: uma menina acolá
- Ila** : quem é? Quem é a tua namorada?
- D. F** : quem é ::?
- J. A.** : é :: ah : (+) a menina lá de Fortaleza
- Ila** : a M. C.?
- J. A.** : a M. C.
- Ila** : é?
- J. A** : é
- Ila** : (ai) / ... / viu?
- Ijd** : eu vou dizer a ela que :: que tu chamou ela de M. C., tá?
- J. A** : ahã
- Ila** : quem é?
- [
- D. F** : foi bom, viu?
- Ila** : foi o que ::? Foi/ nadou fez o que na praia?
- Ila** : o que foi (+) que tu fizeste na (+) praia?
- D. F** : (incompreensível) muito (+) salgada a água, né?
- Ila** : é

ANEXO 04

P.CAPS – 29/10/1999

(Contexto: conversa entre um psiquiatra do CAPS e um paciente em surto psicótico)

P1 : se tem (+) a gen :: te vai saber como levar (+) se não tem problema a gen :: te tá (+) tá criando ele errado, né?

Icm : como você cria ele?

P1 : e::u (+) crio (+) eu crio ele como dar (+) prá levar.

ANEXO 05

PEEF - 29/06/2000

Contexto: conversa entre a coordenadora do projeto, bolsista e alunos sem surto psicótico

- Ila** : Boa tarde D.
- D.F** : boa tarde
- Ila** : aqui (+) quem fala (+) é :: a repórter L. (+) da rádio cultura (+) da FECLESC. Eu gostaria (+) de saber sobre as eleições (+) você sabe:: que domingo próximo (+) as pessoas estão saindo prá :: votar (+) né isso? Isso em todo país (+) o que você diz (+) da questão da eleição.
- D.F** : é paz (+) é:: muito paz (+) não vai cair nenhuma briga (+) cair nenhuma briga (+) é paz (+) quiser / Deus é:: tudo / paz eleição (+) cair nenhuma briga nem morte (+) né?
- Ila** : me diga uma coisa (+) você (+) :: sabe os candidatos daqui de Quixadá (+) quais são? Quem são os candidatos? Fale (+) aqui prá pessoas.
- D.F** : I.
- Ila** : e quem mais? Tem outros (+) candidatos?
- D.F** : F. (+) aqui M.
- Ila** : o Moacir é candidato?
- D.F** : Não o F?
- Ila** : Que F?
- D.F** : do Carrascal
- Ila** : a prefeito D.
- D.F** : a prefeito?
- Ila** : ah (+) os seus candidatos são o I. e o F. (+) mas eu (+) falo candidatos a prefeito quais são os candidatos?
- D.F** : R. (+) é menina como e o nome aqui (+) E.
- Ila** : quem mais?
- D.F** : quem mais é::: o menino
- Ila** : que menino?
- D.F** : Dr. G.
- Ila** : quem?

- D.F** : Dr. G.
- Ila** : Dr. G. é:: candidato a prefeito? A prefeito (+) D.
- D.F** : I.
- Ila** : Ah, I., I. (+) e me diga uma coisa (+) você vota (+) D.
- D.F** : eu (+) não voto (+) mais minha mãe e meu pai votam (+) né?
- Ila** : ai seus pais votam (+) mais você vota (+) que tal você tirar seu título prá:: próxima eleição você votar?
- D.F** : outro ano (+) eu vou tirar meu título votar só / né?
- Ila** : e você tá bem consciente de qual candidato já escolheu o (+) seu embora não votando?
- D.F** : I. mesmo.
- Ila** : o seu candidato é o I?
- D.F** : é (+) né?
- Ila** : você tá feliz com essa escola (+) por que que não tem outra pessoa?
- D.F** : tem só o menino aqui no Carrascal (++) o F. (+) né?
- Ila** : ele é candidato a prefeito?
- D.F** : é
- Ila** : a prefeito?
- Iac** : não
- D.F** : não
- Ila** : a vereador (+) é a vereador?
- D.F** : é
- Ila** : é? Ah tá (+) quem você escolhe agora :: prá (+) falar um pouco sobre as eleições (+) dos seus colegas aqui da sala
- D.F** : H.
- Ila** : H. (++) boa tarde H. (+) aqui quem fala é o repórter L. (++) há quanto tempo eu não lhe vejo (+) você passou uns dias sem vir ao projeto (+) né isso? Por que que você tava tão ausente?
- H.L** : porque eu tava doente
- Ila** : Oi?
- H.L** : eu tava doente (++) viu?
- Ila** : tava doente (+) fala um pouquinho mais alto
- H.L** : tava (+) doente

- Ila:** : mais agora você retornou e me diga uma coisa (+) H. (+) o que é que você acha das eleições municipais?
- H.L** : tá bom (+) né?
- Ila** : você escutou os candidatos falando
- H.L** : escutei
- Ila:** : escutou?
- H.L** : escutei
- Ila** : eles falam sobre o quê (+) H.?
- H.L** : ganhar a eleição (+) ganhar a eleição (+) viu?
- Ila** : ganhar a eleição e qual candidato você acha que vai ganhar a eleição aqui em Quixadá?
- H.L** : I.
- Ila** : o I. (+) poxa você acha que o I. ganha essa eleição? E você (+) como (+) a pessoa que é cliente do CAPS (+) que tá aqui no projeto (+) o que você gostaria que o I. fizesse se ele for eleito (+) fizesse pra beneficiar o CAPS? O que é que você gostaria que fosse feito?
- H.L** : botasse remédio (+) botasse saúde que não tem (+) saúde
- Ila** : saúde (+) remédio?
- H.L** : merenda
- Ila** : e com relação ao projeto (+) poxa merenda (+) né? (+) vocês tão sem merenda e gostariam de ter essa merenda (+) né isso
- H.L** : é:: sim.
- Ila** : ah tá (+) pois H. (+) muito (+) muito obrigado (+) tá? Quem você / gostaria agora de falar sobre as eleições?
- H.L** : ah sim (+) o P.
- Ila** : o P. (+) o P. é :: (+) caindo (++) né? P. (+) boa tarde aqui quem fala é a repórter L. (++) o que que você acha das eleições P.?
- F.P** : eleições?
- Ila** : sim
- F.P** : foi muito boa (+) eleições (+) esse anos as eleições foram muito boas.
- Ila** : as eleições senão boas (+) Domingo terá uma eleição, você sabe, quais são os candidatos aqui de Quixadá?
- F.P** : o I.
- Ila** : o I. (+) e quem mais?

- F.P** : os outros (+) né?
- Ila** : R., E. (+) o que é que você espera que esses candidatos façam para o CAPS?
- F.P** : o CAPS?
- Ila** : é :: assim (+) você é um cidadão quixadaense (+) agora você mora em Quixadá vive em Quixadá?
- F.P** : vivo em Quixadá (+) é isso
- Ila** : embora não tenha nascido aqui (+) né isso P?
- F.P** : né isso (++) nasci aqui não
- Ila** : você nasceu aonde Pedro?
- F.P** : nasci em outro canto (+) como é (+) outro local
- Ila** : você lembra o nome da cidade?
- F.P** : lembro (+) Várzea Alegre
- Ila** : ah você nasceu em Várzea Alegre (+) mas atualmente você reside em Quixadá (+) né isso?
- F.P** : não (+) eu resido aqui não registro lá
- Ila** : não (+) você reside em Quixadá (+) né isso?
- F.P** : é isso (+) resido em Quixadá (+) que era lá.
- Ila** : ah é (+) e me diz uma coisa (+) aqui em Quixadá (+) você o que é que você gostaria de ter (+) você como pessoa algum benefício que esses prefeitos pudessem fazer (+) prá :: e prá sua comunidade?
- F.P** : qual benefício por exemplo (+) qual benefício?
- Ila** : qual a coisa
- F.P** : alguma coisa (+) né
- Ila** : é (+) uma coisa que você gostaria muito de ter e não tem
- F.P** : irmão tenho (+) não pode ser que eu não tenha de jeito nenhum (+) não é?
- Ila** : é :: né?
- F.P** : não tem benefício (+) não tem coisa nenhuma
- Ila** : tem (+) não tem nada (+) né (+) P?
- F.P** : nada (+) nada (+) tem nada
- Ila** : não tem nada (+) né P (+) tudo tá difícil
- F.P** : sim (+) tudo tá difícil (+) né?
- Ila** : mais me diga uma coisa no CAPS (+) ou aqui no projeto / uma coisa que você gostaria de ter e não tem?

- F.P** : não tem (+) no CAPS tem trabalho, tem serviço, prá tirar o lixo prá fora (+) tem não tem outra coisa, só tem isso, somente isso, só aconteceu isso aí mesmo (+) tá?
- Ila** : mais me diga uma coisa (+) você gostaria que tivesse merenda ou outra (+) coisa?
- F.P** : gostaria que tivesse merenda
- Ila** : era?
- F.P** : gostaria que tivesse merenda
- Ila** : e o que mais (+) assim, jogar, viajar, sair, passear coisas que você fazia e não faz mais (+) é isso?
- F.P** : é (+) coisas que não faz mais
- Ila** : você não faz mais (+) por que você não faz mais
- F.P** : porque não dá prá fazer (+) as condições não dá pra fazer mais (+) num sabe?
- Ila** : não tem merenda?
- F.P** : não tem merenda (+) não tem coisa (+) nem outra (+) nada
- Ila** : é :: as coisas tão mais difíceis
- F.P** : claro (+) tá mais difícil (+) as coisas tão mais difícil (+) né?
- Ila** : Apesar da boa vontade dos profissionais de lá (+) né isso?
- F.P** : né
- Ila** : quem trabalha lá, as pessoas que você tem contato diariamente (+) lá no CAPS?
- F.P** : todo mundo (+) várias pessoas / lá no CAPS.
- Ila** : você lembra os nome?
- F.P** : tem (+) não sei quantas pessoas lá
- Ila** : quais os nomes principais?
- F.P** : principais? (+) tem o Elton (+) tem o Dr. C. (+) e o outro / como é :: o outro?
- Ila** : tem a I.
- F.P** : tem a I. (+) tem o a E. (+) tem a V. (+) tem a G. (+) tem aquela outra (+) né?
- Ila** : qual é a outra, como é que é?
- D.F** : a P. (+) né?
- Ila** : ah (+) a P. é a novata (+) né?
- F.P** : a novata
- Ila** : você gosta do CAPS (+) P?
- F.P** : eu gosto muito do CAPS (+) viu?

- Ila** : e do projeto (+) daqui desse projeto de educação você gosta ?
- F.P** : gosto muito desse projeto de educação
- Ila** : por que você gosta daqui da Faculdade?
- F.P** : é :: é mesmo
- Ila** : P. (+) você já sabe ler com perfeição e escrever (+) você gosta de ler?
- F.P** : eu gosto muito de ler (+) qualquer coisa botar prá :: eu ler (+) eu leio
- Ila** : tudo que botar prá você ler, você lê (+) né P.?
- F.P** : qualquer coisa
- Ila** : e você gosta de livros (+) você ler a Bíblia P?
- F.P** : leio sempre (+) né?
- Ila** : você é crente (+) né?
- F.P** : sou
- Ila** : você tem uma Bíblia?
- F.P** : tenho
- Ila** : um dia você traz sua Bíblia pra gente ler aqui na hora da aula?
- F.P** : um dia eu trago (+) tá?
- Ila** : traz?
- F.P** : trago
- Ila** : aí (+) nós vamos ler e escrever um pouco (+) né? Tá P. muito obrigado (+) viu?
- Ila** : A (++) aqui quem fala é o repórter da /ih esqueci o nome da rádio como era (+) da rádio cultura da FECLESC (+) me diga uma coisa (++) A (+) sobre a questão dos candidatos o que é que você gostaria que ele fizesse pra lhe beneficiar como cidadão quixadaense?
- A.S** : beneficiar é escola (+) merenda escolar é estudo (+) né? Principalmente prá APAPEQ (+) né ali prá coisa (+) ali prá J. (++) trabalhar no projeto que tal todo mundo fazendo (+) e todas professoras (+) né?
- Ila** : e esse daqui da FECLESC?
- A.S** porque pelo prefeito / ele já (+) já :: morreu e enterrou na sepultura e se acabou (+) né?
- Ila** : e me fala uma coisa (+) desse projeto daqui e do CAPS (+) assim que coisas você gostaria que fossem feitas prá melhorar (+) a qualidade do serviço prestado a você?
- Iac** : aqui no projeto

- Ila** : aqui nesse projeto
- A.S** : assim (+) mais (+) mais assim / quer dizer livro, caderno (+) né? Mais (+) mais uma coisa sofisticado (+) bem bom mesmo prá cada um ter / sabendo o que é que os paciente tá falando / o que tá :: dizendo (+) né? Prá depois não dizer assim (+) não sabe falar / não sabe dizer nada (+) porque ali dentro / do Hospital Eudásio Barroso quando era no tempo do Ila'rio tinha um bom atendimento (+) né? (+) pelos médicos / tinha médico de Brasília de todo canto e assim o Ilário tava :: passando lá em Brasília que / eu tava assistindo televisão aqui (+) a terra do turista (+) Quixadá a terra do turista (+) né? Pelo açude do Cedro.
- Ila** : e com relação ao CAPS que tipo de serviço você gostaria que tivesse lá e que você pudesse fazer?
- A.S** : que tivesse mais carro pros paciente fazer seu tratamento / na hora que tivesse um paciente doente na casa dele :: (+) tivesse um carro a disposição daquele paciente prá :: ir buscar e deixar no hospital (+) porque não tem mais carro (+) o ferrugem comeu tudo (+) porque não tem prefeito que faz nada (+) tem prefeito que não faz nada.
- Ila** : se Deus quiser (+) essa situação vai ser revertida (+) né (++) A.?
- A.S** : vai ser resolvida (+) né?
- Ila** : o povo vai escolher um candidato
- A.S** : essa estrela (+) vai ser um novo amanhecer (+) né?
- Ila** : vai ser um novo amanhecer
- A.S** : essa duas estrelas
- Ila** : pronto (+) se Deus quiser
- Ila** : me diz uma coisa (+) D. (++) você ta::va querendo falar / sobre o que você quer falar ?
- D.F** : aí (+) isso aqui / sabe (+) o menino vota no menino aqui (+)
- Ila** : você vota nele?
- D.F** : se quiser dar uma força (+) né?
- Ila:** : ah (+) dar uma força (+) você tá me dando prá eu dar uma força nele?
- D.F** : F. (+) o M. do Carrascal
- Ila** : é seu amigo ele D?
- D.F** : é sim
- Ila** : e você (+) H. (+) tem algum amigo candidato a vereador

- H.L** : é o C. G.
- Ila** : o C. G? Você vota nele?
- H.L** : meu pai vota
- Ila** : seu pai vota nele (+) puxa vida que coisa boa né? Coisa boa D. (++) vo::cês terem um candidato (++) né? H. (++) fala uma mensagem prá C. que ela também vai votar em Fortaleza (+) fala manda um recadinho prá :: ela.
- H.L** : C. (+) tô doido prá falar com ela
- Ila** : pois fica aqui (+) diga C. eu estou doido pra falar com você (+) que eu vou mandar ela escutar essa fita (+) vai
- H.L** : Tô doido prá (+) com você (+) meu amor
- Ila** : tu tá vendo o que foi que ele disse (+) ela mandou (+) pela C. esse recado ele que criou (+) ele que criou (+) ele criou e tá mandando prá :: você com toda carinho (++) o H. (+) tá mandando um recado prá você com carinho (++) diz H.
- H.L** : Com todo carinho (+) todo carinho prá ela (+) porque eu amo ela, amo ela
- Ila** : tu descobriu quando que amava a C.?
- H.L** : ah, outro tempo (+) faz muito que eu conheci ela (+) desde o tempo da F. (+) né?
- Ila** : desde o tempo da F. que você é apaixonado por ela?
- H.L** : a F. que apresentou ela (+) eu conheci ela aqui na Faculdade (+) viu?
- Ila** : a F. foi o cupido então
- H.L** : sim (+) eu conheci e::la aqui.
- Ila** : você conheceu quem a F. ou a C?
- H.L** : elas duas
- Ila** : ai quando ela foi embora você sofreu (++) heim H?
- H.L** : desde que a Fabíola apresentou eu gostei do jeito dela (+)
- Ila** : foi mesmo (++) H (+) o que que te chamou mais atenção na C?
- H.L** : ah (+) porque eu gosto dela
- Ila** : ah (+) você tá:: com saudade (+) tá?
- H.L** : eu sei que ela tem um problema medonho (+) mais eu gosto dela
- Ila** : qual é o problema medonho que ela tem?
- H.L** : na vista dela
- Ila** : na vista?
- H.L** : se ela tirar o óculos ela:: e::la cai (+) né?

- Ila** : mais ela é uma pessoa lindíssima (+) fala mais um pouco tô:: gostando desse assunto.
- H.L** : linda (+) lindíssima (+) ela é linda (+) linda (++) né?
- Ila** : poxa (+) quando ela escutar isso aqui ela vai ficar extremamente feliz (+) você sabia?
- H.L** : sabia
- Ila** : porque ela é uma pessoa sensível (+) e só em saber que tem alguém que gosta é muito importante (++) H (+) você tá:: chorando?
- H.L** : tô doido prá:: falar com ela mesmo (+) eu queria falar com ela (+) com ela (+) oh, mais eu ouvi que a / ouvi dizer que a F. vem morar aqui (+) né de novo?
- Ila** : vem (+) a F. vai terminar o doutorado (+) a C. também.
- H.L** : o P. (++) me contou que ela vem que bom (+) né? (++) P.
- Ila** : ela vem (+) e a gente vai reorganizar esse projeto (+) e trabalhar de uma forma bem diferenciada, vai ser muito bom (+) né isso?
- H.L** : eu quero conversar com ela (+) num canto (+) aí marcar um passeio pra nós conversar (+) tá certo?

ANEXO 06

PEEF - 30/08/2000

(Contexto: conversa realizada entre a coordenadora do projeto de Educação Especial e um aluno sem surto psicótico)

Ila : oi H.L (+) tudo bem?

H.L : tudo bom (+) vai falar hoje sobre o 1. (+) tá? (+) esse I., esse não, o I. doutor I. tá prometendo no comício prometeu se Deus quiser (+++) (incompreensível) vai arrumar mais médico pro CAPS porque é muito pouco só três médicos nos CAPS

Ila : é é sim

H.L : ele vai assinar é mais aí melhora pro CAPS merenda e tudo porque não tem nada (++). Esse M. só manda café (+) como mandou num dia desse café e mais nada, cafezinho café que faz mal e::tudo.

Ila : e::tu votou

H.L : e::papel higiêncio

Ila : e::tu tu votou no M.

H.L : não Ave Maria nunca não

Ila : tu vota no I. né?

H.L : não é :: pois e::é (++) lá em casa tudo é PT, não tem esse negócio não tudo é :: I.

Ila : eu também sou I.

H.L : negócio de M. (+) M. lá não tem nada pra ele não

Ila : não tem não né?

H.L : tem nada (+) ele não conta nada lá

Ipp : e a R. tu viu ela hoje?

H.L : não mais ela (+) não é outro partido apoiado pelo M. (+) foi M. que arrumou pra ela ficar ele não quer mais se candidatar e botou ela.

Ila : pois eu tô indecisa não sei se vote no I. ou na R., o que que tu acha?

H.L : não é o I. (+) né? O I.

Ila : pois a gente tá indecisa eu ela I.

H.L : não tem (++) negócio vote no I.

Ila : Pro CAPS é melhor o I?

- H.L** : não é menina ele tá prometendo botar médico (+) ele tá prometendo botar médico e:: melhorar tudo no CAPS (+) merenda e outras coisas e::tudo
- Ila** : é:: é uma pessoa assim dinâmica
- H.L** : é:: menina (+) deixa de besteira não vá (++) não vá fazer (+) se você votar nela tá contra os amigos, os amigos não tem mais amizade não se (+) você votar
- Ipp** : me diz uma coisa H.
- H.L** : e:: essa vota
- Ila** : vota
- H.L** : não vá votar também nela não
- H.L** : é:: é:: ela (+++) é::
- Ila** : é ela quem?
- H.L** : a candidata (+)
- Ila** : aonde?
- H.L** : tá menina a propaganda (+++) é:: é a R.
- Ipp** : me diz uma coisa H.L, o Ilário disse que vai trazer mais médico né (+) aí você vota se ele não trazer médico o que é que você faz?
- Ila** : H.L eu vou ter que ir de novo
- H.L** : pois tá bem (+++), gravou (+) gravou mesmo?
- Ila** : C. ele me disse que eu voltei 100% melhor eu não sei se isso é um elogio
- H.L** : quando é que aparece de novo?
- Ila** : falou do F. H. aqui tu já pensou
- H.L** : quando é que aparece (+++) agora (+++) agora vai viajar (+++) só quando vier (+) né?
- Ila** : não eu de vez em quando vou vir tá certo?
- H.L** : mais vai viajar outra vez?
- Ila** : vou vou (++) vai sexta-feira
- H.L** : aí só vem no outro mês
- Ila** : não talvez venha logo
- H.L** : então tá bem
- Ila** : tá bom?
- H.L** : pois tá bem

P.CAPS 15/08/2000

(Contexto: conversa do CAPS sem surto psicótico conversando com uma funcionária)

- Ipp** : O que você tá sentido?
- P₂** : tô:: um pouco chateada (+) um pouco / depressão::
- Ipp** : mas por que?
- P₂** : desgosto mesmo da vida, né? (2,0) meu aniversário é agora em novembro (+) vou completar vinte e oito anos só de só de sofrimento
- Ipp** : conversa é essa M.
- P₂** : é::é verdade
- Ipp** : e os namorados?
- P₂** : nenhum
- Ipp** : tem sim (+) que eu ouvi
- P₂** : tenho não (+) nenhum
- Ipp** : diga lá?
- P₂** : eu num quero saber de namorado agora não (+) num tô afim de arranjar namorado agora não.
- Ipp** : por que você faz isso? (+) queimou o seu rosto?
- P₂** : desgosto da vida (+) problema de nervos por causa de familiar ruim / nunca tive carinho de pai (+) nem de mãe (+) fui criada cum uma tia muito ruim.
- Ipp** : foi?
- P₂** : joguei minha felicidade fora por causa de família ruim
- Ipp** : e:: como (+) como foi que aconteceu o:: a queimadura?
- P₂** : S-U-I-C-Í-D-I-O (+) tentei o suicídio / botei uma coisa na cabeça e:: risquei o fósforo.
- Ipp** : foi M?
- P₂** : mhm (+) depressão e desgosto da vida mesmo ((incompreensível)) ódio da vida.
- Ipp** : mas você vai mudar isso (+) tome o remedinho direito (+) tá?
- P₂** : tenho nem vontade de viver mais (+) prá:: prá falar a verdade
- Ipp** : que conversa é essa (+) mas você (+) tá tomando o medicamento
- P₂** : tomei injeção e tô continuando tomando anldol (+) mas continua o mesmo nervosismo
- Ipp** : mas você vai melhorar (+) deixe de besteiro / hein M.

- P₂** : não tenho dinheiro prá nada (+) trabalho em duas ou três (+) ou quatro casas (+) num tem futuro nenhum tá trabalhando :: né?
- Ipp** : tem (+) tem porque se você num trabalhasse aí que você ia pensar besteira / é bom trabalhar
- P₂** : ora eu vou criar o alumínio nas casas dos outros (+) faço faxina (+) é mesmo que nada
- Ipp** : e os namorados?
- P₂** : nenhum
- Ipp** : fale aí dos namorados
- P₂** : não (+) num tô afim de arranjar namorada, (+) hoje não.
- Ipp** : você num disse que veio e:: e viu os namorados
- P₂** : num tô afim de falar (+) sobre namoro hoje não, tá? Nunca tive sorte quando : era perfeita, bonitinha agora:: é que eu não tenho mesmo.
- Ipp** : pois pense que a vida é bele (+) não vai mais fazer besteira
- P₂** : não (+) tem que ter muita paciência prá:: mim (+) prá mim não terminar (+) jogar minha felicidade fora de novo:: tem que ter (+) muita paciência e fé (++) eu tenho um ódio tão grande dentro de mim que nem a primeira comunhão eu fiz ainda
- Ipp** : mais tem tempo pode fazer
- P₂** : ((incompreensível))
- Ipp** : quando casar aí faz a primeira comunhão / o casamento
- P₂** : eu (+) sou a filha mais nova mais pesada :: mais sofrida (+) minha mãe me chama pescoço de coruja (+) engembrada (+) torta velha / não tem ninguém que me queira
- Ipp** : M (+) tu ouve vozes
- P₂** : eu (+) eu:: aquele pessoal que pede esmola (++) eu fico impressionada (+) aqueles menino de rua / eu fico impressionada
- Ipp** : mais quando tu vai se deitar tu não houve vozes não?
- P₂** : só as vezes (+) alguma vez é difícil (+) mais alguma vez eu vejo vulto perto:: de mim
- Ipp** : vulto é?
- P₂** : é
- Ipp** : quando tu se queimou tu ouviu alguma pessoa dizendo assim as coisas prá ti?

- P₂** : eu acho que não (+) foi de repente (+) pensei nem meio minuto em jogar minha felicidade fora
- Ipp** : é :: pois você não vai mais fazer isso (+) né?
- P₂** : é::
- Ipp** : aí o que é que tu escuta (+) assim?
- P₂** : não (+) até agora por enquanto não tô escutando nada não tô ouvindo nada não
- Ipp** : não (+) não só tristeza
- P₂** : só tristeza (+) mágoa
- Ipp** : essa tristeza vai acabar
- P₂** : eu acho meio difícil (+) não só boa (+) perfeita não (++) arranjei a tristeza / não acabou (+) antes, quando era perfeita bonitinha (+) agora não tem mais condição de ser feliz não
- Ipp** : que conversa é essa todo mundo tem (++) o direito de ser feliz
- P₂** : as moça direita honesta não tem sorte não (+) só tem sorte as que não merecem
- Ipp** : mais você merece você vai arranjar
- P₂** : se eu merecesse já tinha encontrado minha sorte (+) tinha me casado antes de me queimar (+) tentar o suicídio
- Ipp** : mais não vai mais fazer isso não
- P₂** : depende (+) se eu não me controlar daqui para 30 anos eu não faço mais não (+) se não me controlar ei acabo com o resto:: da minha vida
- Ipp** : que conversa é :: essa M. você não tem amiga aqui não
- P₂** : tenho amiga (+) você tá me entrevistando e tudo mais é isso mesmo problema da vida mesmo.
- Ipp** : pois é::
- P₂** : até os ricos tenta o suicídio quanto mais a pessoa humilde (+) aí que tanta mesmo, né? (+) tem mais sofrimento que os ricos
- Ipp** : não você é uma menina bonita
- P₂** : fosse bonita já tinha encontrado minha :: (+) sorte
- Ipp** : heim
- P₂** : tô com dor de cabeça minha cabeça tá (+) um peso
- Ipp** : tá:: (+) mais vai já tomar o remédio (+) o W. chegou vou falar com ele (+) né?
- P₂** : eu já tomei medicamento

- Ipp** : peça a ele pra conversar com o C.M.
- P₂** : e :: vim conversar com ele (+) tá com dois anos que a gente não conversa (+)
aí ele num me chama prá conversar por isso eu fico com depressão
- Ipp** : pois é:: aí quando conversar melhora (+) né?
- P₂** : é :: alivia mais a dor de cabeça
- Ipp** : pois é
- P₂** : é::
- Ipp** : pronto (+) né?
- P₂** : só (+) ((incompreensível)) vou agradecer a entrevista (+) por você tá entrevistando e::u P. (+) você é:: minha grande (+) minha melhor amiga que eu tenho em Quixadá
- Ipp** : pois tá.

ANEXO 08

PEEF - 09/08/2000

(Contexto: conversa realizada entre a coordenadora do projeto de Educação Especial alunos e professora de Literatura da FECLESC - conversa realizada em 09/08/2000 no CAPS)

- H.L** : Agora / hoje é sobre o quê? (+) agora? Ahã? (+++) o que tu acha (++) ela é :: solteira?
- Ila** : hoje?
- H.L** : agora (+) prá:: dizer o quê?
- Ila** : sobre o que você (+) quiser falar (++) fala
- H.L** : sobre o inverno (++) tá legal?
- Ila** : Aí / fala (+) vem piá:: cá (+++) H. (+) fala sobre o inverno
- H.L** : deixa eu ver se tá gravando (+) tá / fala
- Ila** : senta (+) pode sentar que ele grava
- H.L** : mais é importante (+) né? (+++ a pessoa ficar afastada (+) e pega ainda
- Ila** : pega ainda / de qualquer jeito fica só rodando
- H.L** : não (+) eu vou interrogar prá:: prá interrogar (+) certo?
- Ila** : tá
- H.L** : porque você acha (+) porque tá:: chovendo assim no verão?
- Ila** : eu :: não (+) entendo porque / tu sabe l.?
- H.L** : pois já informaram (+) eles que conhecem que a atmosfera (+) que houve uma coisa na atmosfera u::ma um desarranjo um negócio que buliram na atmosfera e tá assim chovendo (++) né isso?
- Ila** : é:: né?
- H.L** : outra coi::sa
- Ila** : e dizem que lá em São Paulo tá seco (+) né?
- H.L** : é::: é ((incompreensível)) e:: e outra/ e:: outra coisa é perigoso / é agora no verão que ano passado / verão julho, agosto não chovia era verão quente, fazia quintura (+) tudo calor (+) quintura e tudo (+) ai Deus disse quando o homem quisesse saber mais do que ele mudava os tempo (+) inverno verão como inverno agora como já tá acontecendo (++) junho já tá em agosto e é perigoso se duvidar ainda vai até tão achando que vai chover o julho (+) agosto ainda vai

chover setembro até outubro, quer dizer prá ainda tem tirando o mês só tem novembro se não chover e dezembro (++) né mesmo?

Ia : Hum prá:: gente aqui é::é bom porque

H.L : é

Ia : é:: mesmo

H.L : aí dezembro passado (+) dezembro já pega o outro mês que é inverno (+) janeiro (+) fevereiro também pronto (+) né?

Ia : agora tu acha :: é melhor chuva ou não ter chuva

H.L : não:: é tem uma pessoa acolá:: que é contra o inverno / é muita besteira (+) né? Gosta de quintura

Ia : ave Maria

H.L : calor (+) quintura

Ia : calor (+) quintura (+) tudo quente

H.L : é muita besteira (+) rapaz é gente que quer derreter mesmo (+) derreter mesmo (+) derreter na quintura é:: muita besteira a pessoa, inverno é tão bom, tá certo ninguém é igual né, uns é dum jeito outros é de outro (+) uns gostam de uma coisa e outros não gostam (+) pronto tem uns que gostam de inverno bom porque é bom também não é porque gosta não (+) é porque é bom inverno (+++) tem fartura (+) né? (++) chuva tudo é::

Ia : agora

H.L : refresca (+) fresca :: tudo como agora a tarde (++) um (+) um clima bom da pessoa passar (+) é bom parece inverno (++) né mesmo?

Ia : pois é :: se fosse :: ((incompreensível))

H.L : sendo pelo verão (+) avali (+) avali agora (+) pois sim é perigoso ser inverno agora (+) como tá (+) Deus disse quando o homem quisesse saber mais do que ele mudava os tempo como já tá (+) pois é (+) chovei julho agosto tá chovendo e se chover os outros mês até dezembro não é só comparação não (+) aí:: é perigoso (+++) é verão tá sendo como inverno tá chovendo como tá e no inverno paravano (+) janeiro e fevereiro não ter inverno.

Ia : ah:: é

H.L : aí se mudou (+) muda também ((incompreensível))

Ia : e se ficar verão demais aqui aí complica (+) né?

H.L : é paravano se não chover é verão pronto

Ia : é::

- H.L** : verão pelo inverno
- Ila** : e também H. (++) você viu em São Paulo tá (++) ((incompreensível))
- H.L** : tá :: é tá"" tá uma coisa (+) né? Né? (++) lá em, Rio de Janeiro e outros lugar (+) tá se acabando d'água (+) né isso?
- Ila** : São Paulo tá (++) Recife
- H.L** : já vem é de lá (+) pois já vem é de lá (+) o povo tão (+++) achando que já vim pra cá é de lá
- Ila** : de onde?
- H.L** : de lá
- Ila** : de onde (+) de Recife
- H.L** : é :: tá vindo prá cá
- Ila** : a :: ãh
- H.L** : e:: e me diz uma coisa
- Ila** : quer dizer (+) que você já foi a Faculdade hoje?
- H.L** : fui (+) é né?
- Ila** : não (+) mais as aulas não começaram não
- H.L** : ãh:: ainda não (+) ainda não (+) ((incompreensível))
- Ila** : só segunda
- H.L** : é
- Ila** : e quando começar
- H.L** : tem pouca gente ainda
- Ila** : tem aquele tanto
- H.L** : do CAPS acabou-se né?(+) que tinha o M.
- Ila** : não (+) o:: M. (++) o M. foi prá Fortaleza
- H.L** : é:: foi / foi (+) foi
- Ila** : não foi
- H.L** : tinha o J.A (++) não foi
- Ila** : não o J.A ainda (+) ainda tá indo
- H.L** : ah:: quando?
- Ila** : ele vai vez por outra (+) ele vai
- H.L** : ai vai (+) vai mais não
- Ila** : vai (+) vai
- H.L** : ele deixou o ((incompreensível))
- Ila** : não (+) agora é que ele disse que vai deixar mas ele tava indo

H.L : ãh

Ia : entrou também

H.L : na sua presença (+) né

Ia : é:: entrou um menino novo

H.L : foi

ANEXO 09

PEEF - 04/10/2000

(Contexto: conversa realizada entre a coordenadora do projeto de Educação Especial e um aluno sem surto psicótico)

- Ila** : oi H.L
- H.L** : oi
- Ila** : sobre a casa nova do CAPS (+)
- H.L** : é:: a mesma coisa daqui porque é meio distante (+) tando aqui como agora de tarde é mesmo que tá em casa (+) porque não é muito longe também não é meio distante (+) e tando em casa e não vindo pra cá é a mesma coisa de tá aqui pronto
- Ila** : é:: né (+) H?
- H.L** : é:: porque não é muito longe (+) é pertinho
- Ila** : que horas os meninos tão vindo pra cá (+) J.A?
- H.L** : não vem mais não (+) num dia desses ele veio (+) mais não fez mais conta não (+) veio só um negócio(+)
mais não demorou não
- Ila** : aah
- H.L** : é:: porque foi um negócio (+) mais não veio mais não
- Ila** : mas os meninos tão vindo (+) o D. o M.
- H.L** : não (+) vir ele vem (+) hoje ele vem
- Ila** : a mãe dele ainda trabalha aqui H?
- H.L** : qual (+) a do J.A?
- Ila** : é::
- H.L** : é:: é do J.A?
- Ila** : trabalha?
- H.L** : tava :: tava:: hoje de manhã (+) tava (+) né?
- Ila** : de manhã?
- H.L** : era (+) ma ele não (+) ele não faz mais conta... deu um descanso a ela (+) porque ele dava muito trabalho (+) nera?
- Ila** : foi melhor ele ser crente (+) tu não achou não?
- H.L** : é:: é:: não quer mais saber (+) oh) foi um milagre ele ter aceitado (+) foi Deus que mostrou esse negócio que ele tem um primo (+) Deus mostrou esse primo

dele (+) esse primo da mãe dele pra ele arrumar esse negócio pra se adotar esse negócio de crente (+) porque ele não tinha feito não (+) ele não queria aceitar não (+) foi um milagre ele ter aceitado. E por exemplo uma comparação aí por exemplo (+) aí ele ta aí (+) aí quando terminasse aqui a tarde ele ia pra rodoviária (+) uma vez ele ficou a noite até de manhã na rodoviária um perigo (+) né?

Ila : perigo (+) pegarem ele

H.L : sozinho (+) pois foi (+) pois foi (+) uma graça que a mãe dele alcançou (+) ele não fazer mais de rodoviária e ficar no meio da rua (+) os carro uma vez ia atropelando ele ((incompreensível)) pois é no CAPS é que gostava mais não demorava quando saía do CAPS ia perigoso.

Ila : é mesmo

H.L : aí deixou pronto (+) ai foi uma graça que a mãe dele alcançou (+) todo mundo acha (+) acha não (+) foi uma graça que ela alcançou dele não fazer mais conta de tá em rodoviária / nem o CAPS que é bom ele não quer mais (+) a vali (+) tá no meio da rua (+) nem rodoviária e:le deixou pronto

Ila : estava solto

H.L : é:: quer mais não quer mais (+) não ele tá é bem (+) tá é viajando pro Mudubim pregando o evangelho com o primo dele.

Ila : orando e cantando

H.L : é:: é pronto:: pronto tá é passeando / foi pro Mudubim (+) já pra outro lugar (+) já vai pra outro lugar (+) tem muito lugar pelos sertões (+) ele vai e ele acha é bom e aí pronto

Ila : H.L do (+) do projeto quem que tu lembra?

H.L : de que?

Ila : do projeto (+) das pessoas dos professores que passaram lá quem que você lembra?

H.L : na Faculdade?

Ila : sim

H.L : não (+) tinha uma magrinha (+) né? Uma alvinha (+) tá mais não?

Ila : como é o nome dela?

H.L : porque assim (+) porque não tem quem saiba agora

Ila : mas ela era muito bonita do que a 1. ou a 1. É:: é mais bonita

H.L : não (+) essa é melhor (+) ela era bem magrinha

Ila : e a I. é bonita?

- H.L** : é::é
- Ila** : essa aí é bonita?
- H.L** : é :: é
- Ila** : melhor do que a P.?
- H.L** : é:: é:: ah se é é
- Ila** : não é não?
- H.L** : é:: é mas tá tudo mudando (+) né? As outras lá
- Ila** : é
- H.L** : só tem antigas quem?
- Ila** : só eu (+) tu já me conhecia (+) né?
- H.L** : é
- Ila** : só eu e a F. (+) porque a F. mais / quando ela voltar
- H.L** : ainda tá
- Ila** : tá
- H.L** : aí ela tá (+) né?
- Ila** : só que ela tá em São Paulo (+) né?
- H.L** : por causa do que menina?
- Ila** : estudando (+) tá fazendo doutorado (+) ela vai ser doutora F. (+) ela
- H.L** : aí (+) então (+) ela não pode mais ter escola na Faculdade (+) né?
- Ila** : por que?
- H.L** : professora?
- Ila** : e o que que tem? (+) ela vai ser professora e doutora
- H.L** : ah sim(+), é tá bom
- Ila** : aí ela fica sendo as duas coisas
- H.L** : trabalha a noite (+) não doutora (+) quando for doutora trabalha a noite como
- Ila** : risos (+) ela divide (+) né? (+) dá aula a noite trabalha
- H.L** : não (+) não a aula é meio dia na Faculdade não é?
- Ila** : é a tarde
- H.L** : é:: é:: e a noite é médico, doutora
- Ila** : mas ela é outro tipo de doutora (++) H.
- H.L** : ah (+) não é da medicina não
- Ila** : não (+) ela é doutora de Pedagogia
- H.L** : ai não é da medicina não (+) achava que era da medicina (+) porque se fosse medicina era a noite era melhor (+) né?

Ila : era melhor(+) né?

H.L : era a noite (+) não era não (+) era pior a medicina

Ila : quem são os médicos daqui?

H.L : do CAPS?

Ila : sim

H.L : não é o doutor C. (+) esse que chegou

Ila : doutor C.e:: e quem mais?

H.L : não (+) peraí (+) segunda, como terça hoje, quarta até quinta tem dia que ele nem tá a tarde, de manhã é doutor C.

Ila: sim

H.L: agora (+) sexta-feria que era o doutor W. (+++) não é mais de manhã sexta a tarde não sábado de manhã e a tarde é o doutor W. (++) aqui outro é (+) outro que tem dia de sábado pronto só.

ANEXO 10

PEEF - 24/09/2000

(Contexto: conversa realizada entre a coordenadora do Projeto de Educação Especial, alunos e bolsistas durante uma visita ao Museu de Quixadá)

- Ila** : quando? (+) com a F. ? (++) quando foi?
- D.F** : faz um ano (+) faz tempo (+) tinha a espingarda (+) tem / tinha a espingarda tinha tudo (+) né?
- Ila** : e você veio também (+) M? (+) veio com quem?
- M.O** : com a:: com a F. (+) né?
- Ila** : A F. (++) também né? (++) olha aqui (+) oh :: o que é isso aqui (++) D.?
- D.F** : heim?
- Ila** : o que é isso (+) M?
- D.F** : igreja
- Ila** : não
- D.F** : é :: igreja é:: a foto (+) né?
- Ila** : não (++) olha aqui oh (+) lê aqui (+) P. (++) P. (+) lê aqui?
- F.P** : foto da antiga Prefeitura de Quixadá conhecida como Paço (++) Municipal, demolida em 1963.
- Ila** : linda não era / linda:: não
- F.P** : linda
- Ila** : como pode (+) olha aí a demolição (++) olha o Cedro gente / cadê a galinha?
- D.O** : a galinha choca (++) né isso?
- F.P** : tá aqui (++) oh
- Ila** : aqui quando tá construindo (++) né?
- F.P** : é (+) avião
- Ila** : ah, certo (+) oh (+) um pouco de um hidro-avião (+) gente (+) oh p avião
- D.F** : eu sei
- Ila** : tu viu no Cedro?
- D.F** : avião?
- Ila** : olha aí (++) M?
- D.F** : caiu foi (++) foi isso?

- Ila** : não pousou (+) é hidro-avião (++) o que é hidro-avião? Avião (++) que pode pousar na água (+) hidro água. Ai:: como eu queria ver o Cedro assim
- D.F** : lindo (+) lindo LIN::DO (++) nera?
- Ila** : olha aqui Amauri
- D.F** : bonito (++) viu?
- Ila** : o Cedro sangrando (++) nera?
- A.S** : hum
- Iac** : primeira sangria do açude (++) do Cedro (+) ocorrida no ano de 1924
- D.F** : sei (+) Quixadá oh (+) Quixadá todo
- Ila** : olha ai
- D.F** : sei (+) Quixadá oh (+) Quixadá todo
- Ila** : olha aí
- D.F** : Pedra do Cruzeiro (++) né?
- Ila** : olha a igreja (+) era a mesma
- D.F** : foi uma missa celebrada na pedra (++) num foi?
- Ila** : na década de 20 (++) mosteiro (+) / tu já tinha vindo aqui (++) C.?
- Iac** : já
- Ila** : com eles?
- Iac** : não
- A.S** : aqui é a cadeia (++) é?
- D.F** : cadeia é Quixadá
- Ila** : do mesmo jeitinho (++) né?
- A.S** : nesse tempo aqui não era nem vivo
- Ila** : tu era (+) tu tinha dois anos
- A.S** : não era nem nascido ainda (++) agora esse aqui trabalhava de (++) comboi, esse aqui (+) oh
- D.F** : é uma rua
- Iac** : de que?
- A.S** : De comboi (+) não era não (+) fazia açde (+) construção (++) nera?
- D.F** : o que heim(+) cowboy?
- H.L** : cowboy macho
- A.S** : tu não sabe nem o que é::: né?
- H.L** : carregar boi (++) né (+) L?
- A.S** : aí é no tempo que o povo (++) vinha pra Quixadá vinha a (++) a cavalo

- D.F** : não tinha nem carro ainda (++) não
- D.F** : não tinha não (+) nera?
- A.S** : tinha não
- H.L** : ((incompreensível))
- D.F** : a carroça (+) carroça (++) né?
- A.S** : carroça não nem carroça era (++) charrete (+) nesse tempo o povo andava de charrete (++) né?
- Iac** : olha aqui como a Praça do (++) Leão era diferente (+) Damião?
- D.F** : sei
- A.S** : né?
- D.F** : é:: agora tudo mudou (+) tudo (++) mudado
- Iac** : inauguração do monumento ao trabalho erigido na praça (++) Nogueira Acioly por integrantes da Aliança Artística e Proletária de Quixadá
- D.F** : tinha a espingarda aqui (+) né (++) C? aí :: o menino tipi foi:: foi roubada
- Ila** : olha a Raquel de Queiroz (++) olha
- D.F** : eu sei tá (++) mais bonitinha (++) ela (+) ela é bonita mesmo né (+) não?
- A.S** : aquilo ali não era de moer café (+) né? (+) de antigamente, do tempo passado (++) isso era coisa de despejar café (+) né?
- D.F:** o bule (+) né?
- Ila** : Olha as xícaras gentes (+) olha?
- D.F** : xícara pequenininha (++) né?
- A.S** : isso aí era a xícara de antigamente (+) o povo usava (+) era?
- Ila** : tudo de bolinha?
- Ifm** : aqui, o lampião
- Iac** : olha o lampiã (+) D.?
- D.F** : ei (+) C. aqui:: aqui
- Iac** : hum
- D.F** : a corrente (+) a corrente oh
- Iac** : prá que era essa corrente (+) heim?
- D.F** : heim?
- Iac** : prá que era essa corrente?
- D.F** : a corrente é (+) o coisa o cedro (++) como é que chama?
- Ila** : Cris (+) olha aqui (+) estribo de carro (+) olha, o Cond'deu (+) isso aqui era (++) de subir no carro?

- Ifm** : aqui é uma chave
- Iac** : vem cá Amauri (+) olha aqui (+) a corrente, prá que era essa corrente? Fala aí das correntes (++) fala
- A.S** : do tempo dos escravos do (++) tempo da escravidão (+) né? (+) do tempo da escravidão (++) né?
- Iac** : deixa eu ler aqui oh: correntes (++) que eram usadas para prender escravos
- A.S** : pois é
- Iac** : no final do século passado
- Ila** : quer rapadura (+) P?
- A.S** : do tempo que os escravos trabalhavam (++) nera?
- Ila** : olha aí gente (+) pessoa ser presa numa casa dessa (+) heim D. o que é que tu acha?
- D.F** : covardia
- Ila** : heim
- D.F** : covardia
- Ila** : covardia de quem?
- D.F** : pessoa (++) né?
- A.S** : moinho de café (++) né?
- H.L** : ferro de engomar a brasa (+) né?
- A.S** : o pessoa no sertão usava (++) só ferro a brasa
- Ila** : a tesoura (+) olha a tesoura
- A.S** : qual foi o melhor prefeito de Quixadá (+) Z. da P.
- D.F** : O. B.
- Iac** : O. B.?
- D.F** : O. B.
- Ifm** : não senhor
- A.S** : Deus me defenda (+) foi Z. da P. (+) seu Z. da P. (+) depois foi o A. (+) não foi o A?
- Ila** : quem foi o melhor prefeito? Prá que é isso aqui?
- D.F** : missa
- Ila** : pra rezar a Missa em lá (++) tim?
- A.S** : Bíblia Sagrada
- D.F** : roupa deles (+) chapéu (+) faltando (++) só óculos
- Ila** : é o que?

- D.F** : tá faltando só óculos (++) né?
- Ila** : tu acha que ele usava óculos? (++) olha aí C. (++) o D. disse que:: que tá faltando só o óculos do padre (+) é?
- Ifm** : tá mesmo
- Ila** : ele usava
- D.F** : ele usa o óculos (+) não usa
- Ila** : porque que tu acha que ele usava?
- D.F** : usava
- Ila** : por que?
- D.F** : ele parecia cego
- Ila** : e usa óculos quem é cego?
- D.F** : não
- Ila** : oh o nariz dele (+) o que foi isso (+) no nariz dele
- D.F** : foi quebrado
- Iac** : A (++) olha aqui as roupas que as mulheres usavam antigamente (+) como era diferente né? O que é que tu acha era mais decente? Vem A (++) olha aqui D. o:: o jornal oh (+) olha aqui. Castelo Branco morre em desastre aéreo (+) aqui é o jornal que tá trazendo a notícia do acidente que aconteceu com o Castelo Branco também parece::ra o irmão do ex-presidente Senhor Cândido Castelo Branco (++) Major Assis e Alba Frota, escaparam o piloto e o co-piloto.
- D.F** : ainda não tinha nem nascido ainda (+) nós
- Iac** : não, faz tempo
- D.F** : faz tempo mesmo (+) cama
- Iac** : passar uma noite dormindo numa cama dessa heim (++) D. heim? Heim A (++) como eu tava te perguntando das roupas, não tinha shortinho curto (+) né.
- A.S** : é
- Iac** : olha aqui como a roupa era (+) decente (+) mangas cumpridas era::: sua longa (+) olha a banda de música no tempo que era o Z. P. ainda.
- D.F** : onde fica a praça aqui?
- Ifm** : Catedral
- D.F** : mais bonitinha a praça aqui
- Iac** : como é A?
- A** : é uma obra de arte aqui:: a a saída é bem por aqui (++) né?
- Iac** : e o que é:: isso aqui?

- A.S** : não é lá onde nós tava
- Iac** : e o como é o nome de onde a (++) gene tava?
- A.S** : no Estadual
- Iac** : Estadual
- H.L** : Facudlade
- Iac** : na Facudlade
- D.S** : tu não (+) sabe não onde tu estuda:: (+) né?
- A.S** : aqui é a praça José de Barros
- D.F** : A: não (+) não sabe onde ele estuda
- A.S** : aqui é o negocinho da gente subir
- Ia** : M (++) por que que tu acha que é importante o museu (+) heim?
- M.O** : não
- Ia** : por que é importante?
- M.O** : cuidar das coisas velhas (+) né?
- Ia** : e ai
- M.O** : a gente se lembra
- Ia** : se lembra das coisas do passado (+) é importante guardar (+) né?
- M.O** : é

ANEXO 11

PEEF - 15/10/2000

(Contexto: conversa realizada entre a coordenadora do Projeto e alunos)

- Ila** : ((incompreensível))
- F.P** : naquela primeira rua (+) prá praça ?
- Ila** : não (+) perto da praça
- F.P** : na praça aqui (+) que tem a frente assim (++) né?
- Ila** : sim (+) C. como é o nome daquela rua do Shalom?
- Iac** : não sei L. (+) é atrás do GVA
- Ila** : atrás do GVA (+) P.(++) numa casa grande (+) bonita / tu já sabia disso?
Quem te disse? Heim? Tá cansado heim P. (++) de tanta conversa (+) heim?
((silêncio)) D. (++) me::: (+) me (+) me fala sobre a semana passada (++)
como é que foi?
- D.F** : criança especial?
- Ila** : sim
- D.F** : criança especial foi boa (++) num foi P?
- Ila** : me conta como foi lá
- D.F** : foi bom
- Ila** : O que foi que teve cada dia da semana?
- D.F** : Primeiro teve reunião lá (+) segunda não apareceu nenhum (++) C. nem a J.
- Ila** : a J. foi?
- D.F** : a J? (++) ela foi quarta-feira (+) mais nós de manhãzinha depois
- Ila** : mais eu não recebi convite Damião
- D.F** : por que não apareceu?
- Ila** : porque não me convidaram (+) nem a C. (++) a gente nem recebeu convite
(++) não foi C?
- D.F** : não quis (++) foi?
- Ila** : não senhor (+) eu fiquei sabendo pro você (++) a gente tinha que ser convidado
(++) você não acha?
- D.F** : teve a brincadeira lá (+) teve?
- Ila** : teve (+) tu :::
- D.F** : foi

- Ila** : tu ganhaste algum presente?
- D.F** : xilito (++) foi xilito (+) bola (+) brincadiera do palhaço (++) o palhaço me chamou (+) o palhaço prá brincar lá
- Ila** : o palhaço te chamou
- D.F** : o primeiro (+) segunda-feira foi bom
- Ila** : e aí?
- D.F** : hum
- Ila** : tu se divertiu a valer (+) heim?
- D.F** : hum hum
- Ila** : e aonde foi tudo isso?
- D.F** : na AABB
- Ila** : aí foi tudo (+) tu::do na AABB?
- D.F** : sim(++), aí na terça
- Ila** : terça?
- D.F** : sim
- Ila** : terça (+) parece que não te::ve
- D.F** : aí vim prá::cá
- Ila** : na quarta?
- D.F** : quarta (+) nós tomou banho lá:: na piscina (++) eu ia lascano a cabeça (+) ia correndo
- Ila** : quem que ia lascando tua cabeça?
- D.F** : levei uma queda lá na AABB
- Ila** : mais como foi?
- D.F** : aí fui correr (+) aí o bicho deslizou (+) eu taquei a cabeça (++) vii?
- Ila** : tua ia descendo no tubo da água?
- D.F** : hum (+) foi aquela bica
- Ila** : naquela lá de cima do tubo água ou não
- D.F** : lá de cima
- Ila** : do azul ou do vermelho?
- Ila** : do azul (++) sabido esse D. viu? (++) aí tu escorreste e quem te ajudou?
- D.F** : ninguém eu só
- Ila** : o J.A foi?
- D.F** : o J. A (++) foi não
- Ila** : o J.A não (++) vai prá essas coisas

- D.F** : ontem foi lá na praça dos crente (+) foi eu (+) o M. e o:: e o A
- Ila** : ah (++) o A (+++) cadê o A?
- D.F** : hoje (+) ele viajou (+) ele foi a Fortaleza fazer um exame
- Ila** : escuta C. (++) tu sabe onde é a casa do menino (++) do como é?
- Iac** : do A?
- D.F** : eu sei aonde é
- Ila** : tu sabe onde é? (++) será se na outra semana tu::tu pode ir lá (+) um dia com o D. (++) conversar com ele e gravar (+) tu podia C?
- Iac** : posso
- Ila** : porque ele tá em surto e:: aí pegava (+) tu vais tu vai com ele D?
- D.F** : vai
- Ila** : ai tu combina com ela (+) é melhor de manhã ou a tarde C?
- Iac** : a tarde
- Ila** : sim (++) D. aí (++) tu vai com ele gravar lá
- D.F** : vou
- Ila** : sim (++) D. aí (++) tu vai com ele gravar lá
- D.F** : vou
- Ila** : certo?
- D.F** : certo
- Ila** : e me fala mais de alguma coisa
- D.F** : alguma coisa ((incompreensível))
- Ila** : Quem?
- D.F** : la (++) naquele colégio (+) lá na (+) no Cedro (++) Pote Seco
- Ila** : tu estudaste
- D.F** : foi
- Ila** : e lá :: tu fazia o que
- D.F** : fazia lá? (++) estudava (+) brincava com as crianças (++)
- Ila** : e o teu nome? (++) tu já tá sabendo fazer bem direitinho?
- D.F** : sei
- Ila** : sabe mesmo?
- D.F** : hum hum
- Ila** : então (+) deixa eu só ver aqui (+) agora o que é que tu mais gosta de fazer (+) aqui no projeto D?
- D.F** : mais... ler

- Ila** : ler? (+) e tu tá lendo?
- D.F** : ler... é:: ler
- Ila** : tu ler
- D.F** : pouco
- Ila** : pouco (++) né?
- D.F** : é
- Ila** : D. tu (++) tava falando da questão da eleição daqui (+) o que era que tu tava dizendo prá C?
- D.F** : eleição? A menina ganhou (+) dona F.
- Ila** : sim (+) e o que foi que tu achou?
- D.F** : é legal :: ela pagou bombom prá nós ontem (+) deu uma abraço
- Ila** : aonde?
- D.F** : ela tava lá na praça
- Ila** : foi (+) aí ela te deu um abraço (+) tu tava lá e ela te viu (+) foi?
- D.F** : tu ganhou heim mulher
- Ila** : tu disse? ((risos))
- D.F** : foi (+) tu ganhou heim? (+) ela disse que vai lá:: lá em casa essa semana
- Iac** : tu falou pra ela:: tu:: falou prá ela (++) isso aí?
- D.F** : foi
- Ila** : ele disse (+) tu ganhou heim mulher
- D.F** : foi
- Ila** : como é que foi?
- D.F** : tu ganhou heim mulher
- Ila** : aí?
- D.F** : ela vai lá em casa (+) tá bom
- Ila** : ela disse que tu vai na casa dela
- D.F** : na minha casa
- Ila** : fazer o quê?
- D.F** : falar coisa
- Ila** : como é?
- D.F** : falar coisa a minha mãe e meu pai
- Ila** : sobre
- D.F** : hum
- Ila** : sobre

- D.F** : coisa (++) eleição (++) ela tá trabalhando prá R. (+++) né?
- Ila** : e tu vai votar na R.
- D.F** : I (+++) eu não voto não (++) falta o título
- Iac** : ele esqueceu de tirar o título
- Ila** : rapaz (++) tu já assina teu nome e deu uma mancada dessa (+) heim (+) diz aí (++) conversa
- Iac** : D. (++) ela disse que vai lá na tua ca::sa (+) a F.
- D.F** : ia
- Ila** : ela vai falar com o teu pai prá votar
- D.F** : esperar ela (++) ela não ir / vou cobrar o som
- Ila** : rapaz tem que cobrar o som (+) cadê o nosso som D.
- D.F** : ela disse que ia arrumar / ela ganhou (++) né?
- Ila** : agora tem que mar (++) né?
- D.F** : agora ela pode arrumar (++) né mesmo
- Ila** : com as nossas fitas / prá:: gente fazer as festinhas (++) né C. (++)? Com o som tudo fica mais fácil (++) né?
- D.F** : outro ano fazer nossa festinha
- Ila** : outro ano o quê?
- D.F** : Natal agora
- Ila** : natal (++) eu vou fazer festa bem linda
- D.F** : aqui ou lá
- Ila** : lá em casa (+) vou fazer o dia das crianças
- D.F** : ((incompreensível)) vai aparecer (++) vai aparecer lá (+) não na jornada?
- Ila** : o quê?
- D.F** : a jornada?
- Ila** : quem?
- D.F** : a jornada
- Ila** : ah na jornada (++) eu vou é em dezembro (++) geralmente a jornada / né? (+) então a gente vai né? O que (++) é que você acha?
- D.F** : é bom
- Ila** : ouvi dizer que você arranjou uma namorada
- D.F** : foi eu não (+) foi ele que arrumou
- Ila** : o P.?
- D.F** : incompreensível

- Ila** : quem é
- D.F** : mora ali no Cedro
- Ila** : a namorada? (+) a namorada dele? (+) P. (++) tu tens uma namorada (++) P.?
- F.P** : oi?
- Ila** : tu tens uma namorada?
- F.P** : tenho
- Ila** : como é o nome dela?
- F.P** : ((incompreensível))
- H.L** : o P. (++) tem o P. (++) tem
- Ila** : o P. (+++) tá:: indo
- H.L** : o M. (++) não é mais (+) tá em Fortaleza (+) né?
- Ila** : o M. (+) tá em Fortaleza?
- H.L** : tinha a::quele
- Ila:** : o D. (+++) tá indo
- H.L** : tinha o C. (+) nera mesmo?
- Ila** : o C. não tá:: tá indo
- H.L** : o M. (+++) tinha o M.
- Ila** : o M. tá:: tá indo
- H.L** : pronto é::só
- Ila** : o A. (+++) tá indo
- H.L** : é:: é:: pronto não tem
- Ila** : não entrou (+) entraram mais três
- H.L** : humm é diferente (+) né?
- Ila** : diferente (+) novos
- H.L** : mais do CAPS não (+) que não tá aqui no CAPS
- Ila** : mas tu:: não tem saudade de lá não tem?
- H.L** : demais é porque...
- Ila** : ((incompreensível))
- H.L** : demais
- Ila** : Bel (+) ele:: ele era o Papai Noel / era::
- H.L** : é
- Ila** : daqui
- H.L** : é
- Ipp** : você fazia o papai Noel?

- H.L** : ainda sou (+) ainda sou (+) menina (+) agora tão com um plano ((incompreensível)) agora tão com plano não é plano não é porque tá muito deterio:: aqui tá muito estragado aqui e não presta mais não.
- Ila** : é
- H.L** : só tem muito é cumprimento e largura (+) bem:: bem estreito e não tem nada aqui (+) lá é que tem
- Ila** : não tem conforto
- H.L** : ah (+) sabe prá :: onde é? Pro shalom
- Ila** : ai vocês vão ficar no shalom
- H.L** : é:: já tá arrumado (+) ainda não mudou (++) ainda porque tem ainda um pouco conserto / tão consertando pouca coisa (+) consertando umas casas lá é tudo.
- Ila** : é quer dizer que vocês vão
- H.L** : quando terminar aí vai pronto
- Ila** : quer dizer que você ficam lá?
- H.L** : é:: ou dezembro até daqui pra / quando for em dezembro Papai Noel não é mais aqui não (+) talvez não
- Ila** : aí vai ser lá
- H.L** : é não é mais não
- Ila** : aí eu vou pra essa festa
- H.L** : é :: pois é:: papai Noel lá
- Ila** : será que se eu for pra essa festa eu ganho presente também?
- H.L** : não (+) a primeira vez (+) um tempo teve um saco de Papai Noel com brinquedo (+) o papai é que dá
- Ila** : e tu que dava
- H.L** : era mais (+) mais
- Ila** : a tua aposentadoria... ((incompreensível))
- H.L** : mais só só foi (+) não foi não foi do CAPS mesmo que presente davam aí o papai Noel distribuía
- Ila** : mais se ela for dá tua aposentadoria (+) tu dá um pra ela?
- H.L** : não (+) mais a questão que não tão mais dando (+) oh (+) oh no CAPS só foi a primeira vez nunca mais papai Noel deu presente mais não
- Ila** : é... sim mais eu tô perguntando se tiver o Papai Noel no Natal e ela for e não tiver presente tu compra um pra ela H.?
- H.L** : eu não tenho dinheiro não.

- Ila** : e a tua aposentadoria?
- H.L** : mais é pra ajudar em casa
- Ila** : ah
- H.L** : é:: 130 (+) tem um boato que tem 130 (+) 140
- Ila** : e o aumento teve? E (+) ai?
- H.L** : teve (+) era 120 (+) aumentou 10 fez 130 (+) faz é tempo / agora um boato que informaram que teve / aumentou 10 parece 40... 130 (+) cem não quarenta
- Ila** : sim
- H.L** : porque aumentou, mais dez 50 (+) 150
- Ila** : tu não (+) tu me disseste que
- H.L** : mas o safado do presidente não (+) lá em casa tirou o dinheiro e não teve não
- Ila** : e não aumentou (+) H?
- H.L** : não teve o dinheiro que teve o aumento
- Ila** : sim
- H.L** : safado (+) sem vergonha (+) né rapaz?
- Ila** : e faz o quê com esse dinheiro?
- H.L** : é o bicho sem vergonha que fica pra ele / talvez (++) todo mundo acha que é (+) né?
- Ila** : ((incompreensível))
- H.L** : bicho sem vergonha do presidente
- Ila** : ah (+) como é o nome do presidente?
- H.L** : F. H. C. (+) ladrão:: ladrão (+) L-A-D-R-Ã-O
- Ila** : risos
- H.L** : tá pegando tudinho (+) né?
- Ila** : rapaz (+) olha o teu aposento (+) viu (risos) não mas...
- H.L** : não (+) ele não é ladrão / ele não dá o dinheiro completo, o bicho é ruim o bicho é ruim (+) né mesmo?
- Ila** : ((risos)) é mesmo
- H.L** : o bicho é ruim (+) o bicho é ruim
- Ila** : mas tu não disseste que ele é ladrão?
- H.L** : o bicho é ruim (+) bicho é ruim (+) ai já gravou né (+) ele é ruim
- Ila** : já é agora?
- H.L** : ei (+) vá mandar pra ele (+) não é perigoso
- Ila** : ((risos)) é mesmo

- H.L** : se mandar pra ele (+) viu?
- Ila** : e aí
- H.L** : AVE MARIA (+) ele manda
- Ila** : ele manda é tirar (+) né?
- H.L** : AVE:: AVE MARIA
- Ila** : não (+) mais ninguem manda isso não (+) a gente tá só brincando (+) né?
((silêncio)) sim Carmézio fala aí pra 1. (+) aqui (+) tu gosta de CAPS?
- H.L** : demais (+) é bom (+) é bom
- Ila** : tu vive
- H.L** : vai deixar é falta quando for (+) vai deixar falta (+) porque aqui é tão bom (+) né? (+) olha tem aquele dizer (++) ninguém deixa os amores velhos pelos novos
- Ila** : tá certo
- H.L** : porque uma coisa antiga já aqui (+) aqui é onde acolheu a pessoa num momento de doença muita de crise e tudo e hoje tá bom
- Ila** : quando chega alguém com crise (+) né, H?
- H.L** : é:: não (+) da minha parte que era doente e melhorei muito
- Ila** : Ave Maria (+) nunca mais tu tiveste crise
- H.L** : é (+) pois é (+) pois é agradeço aqui muito bom
- Ila** : é
- H.L** : e acolá a pessoa (+) os primeiro dia (+) vai estranhar quando for
- Ila** : mais lá é bom (+) porque a casa é nova e também é perto
- H.L** : é:: é:: lá de casa tem vantagem (+) pessoa no dia que não puder não vai (+) tanto em casa.

ANEXO 12

PEEF - 29/09/2000

(Conversa realizada entre a coordenadora e alguns alunos seM surto e um com surto psicótico M.O e uma bolsista)

- Ila** : canta ai
- D.F** : ((risos)) ai meus DEUS
- Iac** : fala aí um pouquinho da questão / da última aula (++) você trouxe o vilão (+) você falou maIs infelizmente a pilha tava fraca e não pegou (+) tudo bem A.S? (+) tudo bem? Ei A/ você (+) tá bem hoje?
- A.S** : não tô com dor de cabeça?
- Iac** : é (+) mais por que a dor de cabeça?
- A.S** : problema (+) assim de família, né?
- Iac** : qual o problema(+) fala prá:: mim (+) vai desabafar aí com uma amiga
- A.S** : problema (+) assim de vida mesmo, tá certo?
- Iac** : o que é que você tem? (+) mais você não tem Deus (+) você não tá:: com D Deus? E aí?
- A.S** : O Deus é (+) DEUS é tu::do
- H.L** : viu ele quer morrer (+) quer morrer (+) ele
- Iac** : quem?
- H.L** : o A., né?
- Iac** : Ave:: Maria
- A.S** : eu:: queria que / melhorasse a coisa de ir prá:: Quixadá (+) (+) né? Prá (+) professora não ficar com medo (+) tão assustada pode haver uma mudança, né?
- Iac** : e me diz uma coisa (+) você tá gostando do projeto? Agora?
- A.S** : tá bom (+) né?
- Iac** : tá? (+) tá bom (+) porque (+) que você tá:: gostando? Hoje você tá calado (+) A.
- A.S** : não (+) porque assim / quer dizer que :: a gente / quando vai votar (+) quando a gente vai votar a primeira coisa que a gente (++) a gente escolhe :: o candidato certo (+) prá:: não votar no candidato errado não sabe? (+) para quando a gente for votar e for votar em prefeito também (+) a gente votar no prefeito certo (+) que já fez alguma dentro de Quixadá (+) que já trouxe merenda escolar /

já trouxe estudo (+) já :: trouxe tudo de bom para dentro de Quixadá, né? E e::u queria dizer que todo (+) mundo / queria dizer que :: todo mundo (+) devia compreender que:: que não é só o bom aqueles:: que diz assim a gente passa na rua e diz assim esse tá:: de baixo não esse:: é que sai exaltado (+) né?

Iac : os que tão de baixo serão exaltado

H.L : serão exaltado é :: e os que tão (+) e os que tão de cima são as (++) coisa do (+) né? Eu:: queria dizer (+) eu queria dizer que o I. é um novo amanhecer para Quixadá é:: melhor (+) né?

Iac : você acha (+) que é o melhor?

H.L : é:: o melhor

Iac : é? (+) porque (+) que:: você acha (+) que ele (+) é:: o melhor

H.L : porque eu já:: sei / porque desde o começo da administração dele (+) dentro desses quatros anos que passou dos outro quatro anos (+) prá trás, com o Dr. O. foi uma ótima administração, né?

Iac : tu lembra do (+) O?

H.L : lembro::

Iac : O O. era:: meu vizinho (+) H.

H.L : pois é:: o Dr. O. fez o que:: pode por nós (+) e:: o CAPS tinha merenda escolar (+) tinha tudo e agora tem o que no CAPS? (++) os meninos que estuda na coisa, na APAPEQ (+) né? Ali na (++) APAPEQ (+) tá :: ali aquelas professora ali a J. ela não tem que ficar com medo não porque a gente tem que ter uma esperança na vida (+) novo amanhecer (+) né?

Iac : --tamente

H.L : pois é:: eu (+) quero que (+) todo mundo (+) todo dia de manhã (+) quando for domingo dia :: primeiro (+) todo mundo amanheça com (+) I. (+) do coração (+) para votar no dia dessas eleição (+) né? No dia primeiro (+) porque é:: um novo amanhecer (+) eu quero que Deus abençoe (+) né? Eu:: quero que Deus abençoe todas professora daqui (+) de Quixadá o que eu quero (+) dizer é que Quixadá não (+) é ruim (+) quero dizer, que o Quixadá é bom mais (+) só que (+) ele queira que o I. fizesse isso para que todos empreendida (+) tirasse os corrupto os CORRUPTO (+) os que faz mal dentro do hospital / todo mal organizado, deixar de fazer as coisa, ruim (+) para os pacietnes dos CAPS ter (+) parte de fazer as coisa ruim (+) para os pacientes dos CAPS ter (+) ter o quê (+) jogo de sala, a gente jogava no ginásio com a I. (+) com a nossa medida (+)

né? É :: que fazia nós no CAPS (+) tudinho ia jogar bola (+) tudinho e tinha aí tudinho que e a gente tando do lado da professora L. a gente tando do lado da L. assim é todo prazer que a gente tem na vida, ela gente (+) que nunca teve isso né? eu:: queria que seguir (+) com I. vai melhorar mais (+) né?

Iac : (+) né?

H.L : é::

Iac : e me diz uma coisa tu acha que eu sou I. ou (+) R. ou E?

A. S : não você é I. (+) eu acredito que o seu coração é I.

Iac : porque que você acha que eu sou I?

A. S : por pequeno que seja depois ele pequenininho que seja eé (+) é:: I.

Ila : por que que você acha isso?

A. S : ela aqui :: é I., é I. e não abre a mão (+) né?

Iac : ela não dá nem pra disfarçar (+) né?

A.S : é :: o D. / o D. já tem

DF : no coração

A. S : no coração aí esse (+) daqui eu sei que ele é I.

Ila : agora deixa eu:: falar um pouco / com ele (+) oh M (+) hoje nós estamos fazendo uma entrevista sobre as eleições (+) é domingo / você sabe que será um dia de eleição aqui (+) né? no país e o que é que você acha da eleição (+) dos nossos candidatos me diga / eu::

M. O : é:: bom

Ila : é bom (+) o que (+) o que é que é bom (+) fale / dê sua opinião

M.O : o I (++) vai ganhar (+) né?

Ila : você acha que vai?

M.O : vai

Ila : por que?

M.O : porque foi um bom prefeito

Ila : foi? O que que ele fez de bom diga aí

M.O : fez o CAPS (+) só

Ila : e o que mais?

M.O : a praça (+) né?

Ila : e é com a relação a questão da educação (+) o que é que você acha?

M.O : foi muito bom (+) né?

Ila : foi? O que ele fez? diz

- M.O** : não sei::
- Ila** : Não sabe os projetos (+) o que que ele criou? Diz aí
- M.O** : projeto, não sei mais não
- Ila** : M (+) me diz uma coisa você tá bem
- M.O** : tô
- Ila** : tá esse dias (+) o que é que você tem feito que tem faltado tanta aula?
- M.O** : sono
- Ila** : sono (+) é voltando a questão da eleição você vota não vota? (+) você::
- M.O** : voto
- Ila** : você vai votar domingo?
- M.O** : vou
- Ila** : vai
- M.O** : vou (+) tá?
- Ila** : o candidato é secreto (+) né?
- M.O** : é
- Ila** : Não pode dizer (+) né?
- M.O** : é::
- Ila** : não pode dizer (+) né?
- M.O** : é::
- Ila** : mais é:: me diz uma coisa (+) você foi algum comércio? Não (+) não?
- M.O** : não
- Ila** : por que?
- M.O** : não gosto de:: COMÍCIO não
- Ila** : não (+) né?
- M.O** : o povo gosta de briga (+) eu não gosto de briga (+)
- Ila** : e você não gosta de briga (+) né? M. (+) né?
- M.O** : é::
- Ila** : assim é você animado (+) com essa questão do comércio que eu falei do bom-bom prá:: gente colocar
- M.O** : tô ::
- Ila** : peruano com a gente começa (+ com isso (+) né? Nós vamos nos organizar depois que eu terminar o mestrado e nós vamos e nós vamos botar essa outra oficina (+) pra você trabalhar fazendo o que você sabe (+) né?
- M.O** : é

- Ila** : que o teu maior sonho (+) qual é o teu maior sonho na vida?
- M.O** : sei lá
- Ila** : não sabe?
- M.O** : ganhar na loteria
- Ila** : ah, meu Deus (+) o maior sonho dele é ter um carro (+) um avião (+) né M?
- M.O** : um carro
- Ila** : tu queria ter um carro?
- M.O** : possuir (+) né?
- Ila** : é:: tu queria? Porque?
- M.O** : ia poder dirigir (+) né?
- Ila** : é puxa (+) e a mais quem sabe (+) né (+) M. trabalhando
- M.O** : é::
- Ila** : qual o colega que você escolhe aí prá falar sobre as eleições agora?
- M.O** : D.
- F.P** : não (+) não (+) eu não sei não
- Ila** : heim?
- F.P** : não tenho namorada não
- D.F** : quem é? (+) como é o nome da mulher?
- Ila** : P. (++) tu tens uma namorada? (+) tem? (+) o D. (++) tá dizendo que tu tem uma namorada (++) história dele né? (+) tem ou não?
- FP** : tem não
- Ila** : não? (+) quem é aquela moça que ele falou?
- FP** : ((incompreensível))
- Ila** : é tua amiga né (++) P.? (+) hum P. (++) tu tava um dia desse com uma bicicleta (+) aí quando passou na Plácido Castelo levantou a bicicleta (+) porque?
- FP** : ((incompreensível))
- Ila** : prá atravessar a rua (+) não foi? (+) num foi? (++)
- FP** : foi
- Ila** : tu gosta de vir pra cá (+) pro projeto?
- FP** : gosto
- Ila** : por que?
- FP** : gosto de vir
- Ila** : gosto? (+) tu já escutou tua voz no gravador? (++) já?
- FP** : não

- Ila** : pois canta uma música aí (+) canta aí
- FP** : qual música?
- Ila** : oferece prá gente qualquer música (+) pensa aí
- FP** : música (+) qual música?
- Ila** : qualquer uma (+) tu sabe música da igreja?
- FP** : da igreja? (+) não sei não
- Ila** : sabe não né (+) P.? (++) pois manda um recado prá alguma pessoa no gravador aí que eu boto oh pra tu escutar anda pra tua amada vai (++) aí viu elee rindo pra namorada heim? (++) o D. (++) tem uma quer ver oh, aí D.
- DF** : o que (+) falar o quê?
- Ila** : qualquer coisa
- DF** : amada (++) né?
- Ila** : um recado prá tua / sim (+) o que é que tu tá achando dessa mudança do CAPS?
- DF** : mudança?
- Ila** : vocês sabem que vão mudar né
- DF** : sabe
- Ila** : quem te disse?
- DF** : foi uma menina lá
- Ila** : que menina?
- DF** : W.
- Ila** : quem é?
- DF** : trabalha lá no CAPS
- Ila** : ele falou que vocês vão mudar
- DF** : ninguém sabe (+) no natal (+) ou no outro ano (++) depois da eleição
- Ila** : escuta D (++) lá na tua casa o pessoal trabalha tudinho pro 1.?
- DF** : 1. (++) ninguém trabalha mais ele não (++) 1.
- Ila** : não (++) eu digo vota nele
- DF** : é (++) vota nele
- Ila** : ele vai ser bom pro CAPS (+) o que é que tu acha?
- DF** : é legal (+) não tem merenda (+) não tem nada
- Ila** : aqui não tem nada (+) só trabalho (+) a gente não tem uma merendinha (+) aa gente não tem uma merendinha (+) né?
- DF** : Quixeramobim

- Ila** : o quê?
- DF** : Quixeramobim
- Ila** : o passeio
- DF** : sim o passeio
- Ila** : nós vamos pra Canindé
- DF** : ah, sim (+) é muito longe (+) né? Canindé?
- Ila** : heim D. que é que tu acha de ir prá Canindé
- DF** : Canindé é bom (+) ver a igreja (++) né?
- Ila** : o museu (+) o zoológico (+) eta terrinha quente / agora (+) tu hoje em dia tá tão caldo (+) não quer mais quase conversar (+) tá tímido (+) não quer mais quase conversar (+) tá tímido(+) né?
- Ila** : tchau P. (+) meu amigo
- Iac** : como é a aula lá no P.?
- D.F** : No P. (+) só a casa (+) ele faz desenho (+) assim (++) a casa nos corta o papelzinho trabalha.
- Ila** : e o menino (+) o mestre
- D.F** : mestre (+) o P. sai (++) sai ele fica mais nós
- Ila** : ai é? (+) o P. (++) sempre sai?
- D.F** : sai (+) ele fica lá em cima e nós fica (++) em baixo (++) né?
- Ila** : tchau D. (++) tchau P.

ANEXO 13

PEEF -03/09/2000

(Conversa realizada com a bolsista do Projeto de Educação Especial)

- A.S** : para ser um cara assim (+) estudar bem (++) aprender (++) com a L. (++) e a menina assim na escola (++) aí
- Iac** : fala sobre o dia 7 de setembro
- A.S** : o dia 7 de setembro é o dia da Independência (+) o dia da Independência se transforma em que? Em amor (+) paz (+) amizade e união.
- Iac** : e é o dia da Independência de quem? (+++) de qual país?
- A.S** : Brasil (++) né?
- Iac** : tu sabe quem foi que proclamou a Independência?
- A.S** : Pedro Álvares Cabral
- Iac** : Esse aí descobriu o Brasil (+) quem proclamou a independência?
- A.S** : Pedro Álvares Cabral
- Iac** : esse aí descobriu o Brasil (+) quem proclamou a Independência foi D. Pedro.
- A.S** : pois D. Pedro é (+) D. Pedro II (++) né?
- Iac** : primeiro (++) D. Pedro I
- A.S** : primeiro (+) né? Pois é (+) eu queria só falar um pouco sobre a minha vida.
- Iac** : fala mais do dia 7 (+) depois tu fala mais sobre a tua vida (+) quando a gente for gravar a outra fita
- A.S** : ah o dia (+) a / sim o dia da Independência do Brasil (++) né?
- Iac** : é
- A.S** : quer dizer que :: é a pessoa estudar mais e procurar ficar mais ligado na:: no civilizar o estudo não ser uma pessoa analfabeta / é a coisa mais ruim no mundo é a pessoa:: analfabeta e assim mesmo a pessoa procurar mais e ser mais estilo (+) e a pessoa procurar mais a presença de Deus.
- Iac** : e o que é que acontece na rua no dia:: 7 de setembro?
- A.S** : marcha (+) marchar (+) né?
- Iac** : como é essa marcha?
- A.S** : é:: é:: a pessoa marchar é batend num todo mundo é:: não sei bem dizer / explicar direito não
- Iac** : não (+) mais diga aí:: o que você vê na rua

- A.S** : é todo mundo marchando é quem estuda no colégio (+) colégio aqui Estadual Gonzaga Mota é:: tudinho, tudinho / o Quixadá só que o Quixadá tá muito (+) tá muito assim (+) muito:: tem muita gente boa.
- Iac** : a polícia né? marcha
- A.S** : é a polícia marcha, o Exército, a aeronáutica a Marinha
- Iac** : mais aqui esse ano o Tiro de Guerra não (+) vai marchar (+) tu sabia?
- Iac** : tu tava tomando remédio?
- A.S** : tava:: ainda tô
- Iac** : mais tu parou um tempo de tomar?
- A.S** : não
- Iac** : aí o que é que tu tá fazendo assim de manhã?
- A.S** : nada só dentro de casa mesmo
- Iac** : e nem no CAPS tu não vai mais?
- A.S** : vou (+) depois de amanhã é que madrinha vai:: me levar lá (++) viu?
- Iac** : depois de amanhã tu vai no CAPS? Hum?
- A.S** : não (+) não
- D.F** : fechado (+) tá?
- A.S** : já tá fechado?
- D.F** : quinta-feira (++) né?
- A.S** : ah (+) então eu não vou não
- Iac** : quinta-feira é feriado
- A.S** : aha é (+) de quê?
- D.F** : marcha
- A.S** : ah sim (+) o 7 de setembro
- Iac** : é
- A.S** : hoje é cinco (+) né?
- Iac** : fala um pouquinho do 7 de setembro (+) do dia 7
- A.S** : eu não sei não (+) é muito importante para algumas pessoas mais pra mim não (++) viu?
- Iac** : por que?
- A.S** : porque não
- Iac** : por que é feriado nesse dia? O que é que a gente comemora?
- A.S** : não sei
- Iac** : o que a gente comemora no dia 7 de setembro?

A.S : nada
Iac : nada?
A.S : ah eu não sei nada
Iac : dia do Independência
A.S : ai é
Iac : dia da independência do Brasil. Mas tu já estudou história, já?
A.S : já não eu não lembro não
Iac : estudou
A.S : quando?
Iac : no Estadual
A.S : sei lá
Iac : tu não vai mais voltar não pra Facudalde
A.S : não eu não sei não, por enquanto não
Iac : a gente tá sentidno tua falta lá
A.S : ah sim
Iac : só tá indo o D. o M. e o P. E a política, como é que tá a política
A.S : não sei
Iac : tu não tá escutando mais rádio não, as notícias
A.S : não, a vó desligou o rádio e depois vai ligar sei lá
Iac : mais tu sabe quem são os candidatos?
A.S : não
Iac : sabe
A.S : o I. né?
Iac : quem mais?
A.S : a R.
Iac : tem outro
A.S : a E., só
D.F : Dr. G.
Iac : tu vai votar?
A.S : quem?
D.F : Dr. G.
A.S : não é não, eu não sei não que eu não conheço Dr. Gledston
A.S : vai não?
Iac : porque? (+) tu sabe? (+) porque fechou

- AS** : fechou? O Tiro de Guerra
- Iac** : fechou
- AS** : fechou por por mais por que foi?
- Iac** : porque o prefeito não tava assumindo o compromisso dele com o Tiro de Guerra
- AS** : ai tem que ser é:: tem que ser sabe o que? Tem que ser um prefeito de alta categoria (+) um prefetio que bote bote:: sabe o que essa estrela pra brilhar e caminhar pra fretne (+) a gente tem que plantar daqui pra frente é uma nova semente (+) dá um novo fruto aqui dentro de Quixadá.
- Iac** : um novo amanhcer (+) né?
- AS** : é um novo amanhcer com 1. M. (+++) e sim mesmo foi o resultado aqui dentro de Quixadá que o 1. M. plantou o CAPS (+) fez praça José de Barros / fez um boado de coisa tinha merenda tinha tudo pro pacientes do CAPS e agora tem até escola e eu quero que essa escola daqui pra fretne dê / nós plantar uma semtne e nascer essa árvore e dá um novo fruto dentro de Quixadá que é uma escola civilizada aos meninos do CAPS que estuda e é um novo amanhcer com 1.M (++) obriga:: obrigado.
- Iac** : fala mais um pouquinho como é que tá a política / diz aí como é que tá a política.
- AS** : a política mais quem tá ganhando mais na pesquisa é o 1.M (++) e esse daí, esse daí pode ser um novo amanhacer um novo amanhecer assim (+) assim como Deus fez vou fazer uma, um relato aqui que não é nem do meu estilo sabe? (+) Assim como Deus fez todas estrelas brilhar (+) Deus fez duas estrela nascer e iluminar nesse caminho de Jesus (+) foi o I.M (++) que ele fez aqui e vai continuar fazendo um novo amanhcer porque o novo tempo vai ser novo tempo de novo dentro de Quixadá (+) vai ter saúde (+) vai ter mais educação (+) vai ter mais (+) mais assim estudo (++) vai ter mais coisa / leite pra crianças vai ter tanta coisa boa / que vai ser um novo amanhcer e essa estrela vai brilhar daqui a mais quatro anos (+) mais quatro anos / aqulee que (+) nós já comemoramos agora (+) nós comemoramos agora sabe dizer o que (+) comemoramos o pão que o dia amassou.

ANEXO 14

PEEF - 04/09/2000

(Conversa realizada na casa do aluno num momento de surto)

- Iac** : fala aqui pertinho, oh
- AS** : é tudo bom
- Iac** : como é que você tá?
- AS** : tô bem
- Iac** : por que que você não foi mais prá aula?
- AS** : porque não deu certo
- Iac** : por quê?
- AS** : oh (+) porque não tive tempo
- Iac** : e o que é que tu:: tá fazendo que tá tão acu::pado?
- AS** : nada
- Iac** : tu tava doente?
- AS** : tava
- Iac** : tava ou ainda tá doente?
- AS** : ainda tô doente
- Iac** : tá deotne de que?
- AS** : ah (+) eu sei lá
- Iac** : tu vai votar?
- AS** : não
- Iac** : por quê?
- AS** : esse ano não (+) mais nos outro eu vou votar
- Iac** : tu tem título?
- AS** : tenho
- Iac** : aí:: tu não vai votar por que?
- AS** : porque não posso (+) ainda tô doente (+) ainda
- Iac** : tu vota onde (+) teu título é de onde?
- AS** : de Dom Maurício
- Iac** : tu vvota lá? Aí se tu fosse votar tu ia votar (+) em quem?
- AS** : sei lá
- Iac** : qual o melhor dos três que tu acha?

- AS** : sei lá
- DF** : o 1. Ou a R.
- AS** : hum (+) hum
- Iac** : tu acha melhor qual?
- AS** : sei lá
- DF** : vota homem (+) macho 1.
- AS** : hum?
- DF** : Ilário
- AS** : não
- DF** : melhorar nós (+) chegar merenda lá no CAPS (++) vai botar café tudo
- Iac** : heim A?
- AS** : oi?
- DF** : vota no homem macho
- Iac** : tu votaria em quem?
- AS** : sei lá C (+) ele dissem que não vai votar (+) eu tô perguntando se els fosse votar se por acaso ele for votar (++) eu sei lá
- Iac** : tu conheces os candidatos
- AS** : não
- Iac** : não conheç nenhum?
- AS** : não
- Iac** : conversa (+) nem o 1 (++)? Tu tá sentidno falta das aulas ou não?
- AS** : de quê?
- Iac** : lá da Faculdade
- AS** : sei lá
- Iac** : é tu sabe ler (++) né? Sabe escrever
- AS** : não
- Iac** : sabe (+) pode ter esquecido um pouquinho (+) mais saber você saber (+) tu lembra da L?
- AS** : lembro
- Iac** : ela tá indo agora (+) viu? Ela perguntoupo ti (+) aí ela pediu que eu viesse aqui hoje na tua:: casa conversar contigo (+) que elea não pôde vir (++) ela tá vianjando (+) o que foi que tu sentiu? (+) Que tu tá deotne?
- AS** : nada
- Iac** : como é que tu diz que tá doente?

- AS** : sei lá
- Iac** : o que é que tu tá sentindo?
- AS** : nada
- Iac** : nada?
- AS** : nada
- Iac** : não foi mais passear (+) não
- AS** : não
- Iac** : nem tá saindo
- AS** : não
- Iac** : como é o nome da tua avó?
- AS** : por quê?
- Iac** : porque eu quero saber (+) ela não tá aqui?
- AS** : eu não sei não
- Iac** : e ela foi pra onde?
- AS** : sei lá
- Iac** : mora só vocês dois aqui?
- AS** : é
- Iac** : tu gosta dessa rua?
- AS** : não
- Iac** : por quê?
- AS** : porque não
- Iac** : porque é esquisita?
- AS** : eu sei lá
- Iac** : tá mais gordo (+) parece que tá mais gordo
- AS** : eu não (+) tô é magro
- Iac** : rapaz volte pra aulas
- AS** : Tão cedo eu não vou voltar não
- Iac** : seria melhor pra ti (+) se tu voltasse (+) pelo menos ia sair um pouco se distrair (+) ia brincar, estudar, ler.
- Iac** : tu gosta da Hebe? (+) tu assiste a Hebe?
- AS** : não
- Iac** : o que é que tu gosta de assistir?
- AS** : nada
- Iac** : porque tu tá com a televisão ligada?

- AS** : sei lá
- Iac** : tá gripado?
- AS** : não
- Iac** : M. veio aqui num dia desses?
- AS** : veio
- Iac** : ele me falou que tinhavindo aqui (+) aí você não (+) queria (+) ele te chamou pra ir (+) foi?
- AS** : não
- Iac** : diz A. o nome da tua avó
- AS** : é F. N. de S.
- Iac** : ele é muito velhinha?
- AS** : é:: não
- Iac** : ela foi prá rua?
- AS** : foi lá prá cunhadas dela
- Iac** : e ela te deixou aqui (+) sozinh
- AS** : foi
- Iac** : fala aí A
- AS** : nada
- Iac** : conversa ai alguma coisa (+) tu acha chato conversar?
- AS** : sei lá
- Iac** : tu vai olhar o desfile no dia 7 ali na praça?
- AS** : não
- Iac** : por que rapaz
- AS** : sei lá
- Iac** : os meninos tão fazendo umas oficinas lá no Estadual com a J. (+) eu lembra da J.
- AS** : sei lá
- Iac** : a J. não tá mais na Faculdade não (+) a bolsa dela cabou (+) aí tá :: só eu e a L. (+) o D. disse que vou marcahr (+) né Damião?
- AS** : marchar é (+) a menina chamou nós (+) arranjar a farda marchar quinta-feira (+) você vai macho (+) só em casa (+) assistindo televisão
- Iac** : fala aí pra ele Damião das oficinas
- AS** : oficinas

- Iac** : sim (+) como é as oficinas lá (+) no Estadual (++) o que é que você fazem (+) o que vocês tão aprendendo
- DF** : aprendendo muta casa fazer lá e aquele botar fato aquele trabalhozinho como chama?
- Iac** : porta-retrao
- DF** : é: nós fizemos (+) depois a loja aí nós vamo trabalhar (+) as compra tu vai?
- AS** : não
- DF** : porque (+) tu não sabe não onde é
- AS** : não
- D.F** : sapato (+) botar o sapato dentro da caixa
- Iac** : tu vais?
- AS** : não
- Iac** : tu não sabe fazer não
- AS** : não
- Iac** : tua avó não deixa (+) não?
- AS** : sei lá
- Iac** : tu soube que houve eleição pra diretora da Faculdade?
- AS** : não
- D.F** : dona F. ganhou
- Iac** : a F. ganhou (+) tu conhece ele (+) tu não / já viu?
- AS** : sei lá
- Iac** : o que é que tu tá entendendo desse filme?
- AS** : nada
- Iac** : vim só te atrapalhar (+) não foi?
- AS** : não
- Iac** : vou já embora (+) viu?
- AS** : sim
- Iac** : acha (+) viu como ele quer que eu vá embora
- AS** : não
- Iac** : vai A. amanhã
- D.F** : tu tá sentindo o quê?
- AS** : sei lá
- Iac** : e as férias (+) tu ficou doente depois das férias?
- AS** : não

- Iac** : mais tu nem tava doente nas aulas
- AS** : sei lá
- Iac** : na mãe morreu
- AS** : sei lá
- Iac** : teu pai?
- AS** : não tem não
- Iac** : ele já morreu
- AS** : já, sei lá
- Iac** : irmão, tem irmão
- AS** : tenho
- Iac** : quantos
- AS** : um
- Iac** : e cadê ele
- AS** : tá em Fortaleza
- DF** : solteiro ou casado
- AS** : é junto, solteiro sei lá
- DF** : P. fala no teu nome também
- Iac** : tu lembra do P. Aí tu não sai pra canto nenhum
- AS** : não
- Iac** : a gente vai fazer passeio, tu não quer ir não?
- A** : quando? Vamos organizar o passeio
- AS** : sim depois eu decido
- Iac** : ah pio passeio você quer ir né, mas pra's aulas queria que você fosse pra aula, tu não vai não?
- AS** : não depois eu decido
- Iac** : quando tu vai decidir
- AS** : sei lá
- Iac** : pois é rapaz, eu vim aqui só conversar com você, saber como você tá, mais você não quer conversa.
- AS** : sei lá
- Iac** : só calado

ANEXO 15

PEEF - 10/10/2000

(Contexto: conversa entre a coordenadora do Projeto de Educação Especial e um aluno em surto psicótico)

- Ila** : tudo :: bem
- P₅** : tudo
- Ila** : como você tem passado?
- P₅** : tô melhor
- IfP₅** : tá não doutora (+) ela fugiu de casa e tá dando o:: MAIOr traBALHO
- Ila** : o que é que :: que está acontecendo?
- P₅** : eu:: eu estou / os meus vizinhos vivem falando de mim (+) aí eu fugi
- Ila** : você (+) escuta eles faalndo (+) é isso?
- P₅** : é (+) quando eu vou (+) / a'te quando eu vou tomar banho eles ficam falando (+) né?
- Ila** : falando o quê?
- P₅** : falando aquelas coisas (+) aquelas coisas imorais.
- Ila** : você escuta?
- P₅** : é :: eles dizem que vão me levar / eu e :: e essa menina aqui prá cerca (++) aí eles dizem que vão me jogar num:: num vulcão
- Ila** : vulcão?
- P₅** : sim
- Ila** : aqui tem:: tem vulcão?
- P₅** : não (+) tem não
- Ila** : então?
- P₅** : é:: mas em algum lugar deve ter (+) né mesmo?

ANEXO 16

PEEF - 16/04/1998

(Contexto: conversa entre a coordenadora do Projeto de Educação Especial e um paciente em surto psicótico)

- Ila** : você está bem
FP : tô
Ila : você P. (++) você está batendo em você?
FP : não (+) é :: eu tô
Ila : Por quê? (+) por que você:: está fazendo isso?
FP : não sei
Ila : você se machucou foi?
FP : foi (+) eu:: eu me machuquei (++) ontem
Ila : onde você se machucou?
FP : num sei (+) num sei não
Ila : você bateu com força
FP : foi (+) eu tava com raiva (+) aí:: aí eu bati em mim (+) viu?
Ila : será que :: que isso é certo?
FP : é
Ila : é certo você se bater?
FP : não

ANEXO 17

PEEF - 18/05/1999

(Contexto: conversa entre a coordenadora do Projeto de Educação Especial e um aluno em surto psicótico)

Ila : oi H.L?

H.L : oi

Ila : você tava sumido

H.L : é

Ila : Por quê?

H.L : eu tô com uma coisa ruim (+) uma impaciência na minha cabeça (+) eu não quero ficar parado (+) tá certo?

Ila : você acha que essa impaciência é de que?

H.L : sei lá

Ila : será que isso é coisa da sua cabeça?

H.L : é (+) tem uma coisa solta nela:: olha aqui ((mostra a cabeça)) (+) tá vendo tem um buraco (+) né? (++) meu pais disse que eu:: eu sou doente desse buraco (++) não sei de que (++) ele disse que eu não possa sair sozinho (+) aí eu não posso vir ao Projeto (++) tá legal?

Ila : tem alguÉm que possa vir com vo::cê?

H.L : tem não (+) ei L (++) olha aqui se na minha cabeça tem esse buraco (+) tem?

Ila : tem não

H.L : bom (+) ainda bem (+) né mesmo? (+) macho (+) ei D. traz a caneta

Ila : amanhã você vem?

H.L : eu :: eu tô inquieto (++) inquieto ((incompreensível))

ANEXO 15

PEEF - 19/10/2000

(Contexto: conversa entre a coordenadora do Projeto de Educação Especial e um paciente em surto psicótico)

- Ila** : como vai a senhora?
- P₃** : vô:: vô doente
- Ila** : de que a senhora tá doente?
- P₃** : sei não
- Ila** : a cabeça ainda dói?
- P₃** : doi
- Ila** : você vai ficar:: boa
- P₃** : sei lá
- Ila** : vai sim
- P₃** : eu tenho aqui ((mostrando a cabeça)) uma quintura saindo do corpo (++) fico toda suada com a quintura saindo do do:: meu corpo (++) aí as pessoas fica tratando mal a gente:: e a polícia vem e prende (+) nós (++) né?
- Ila** : prende você?
- P₃** : é:: sim
- Ila** : você já foi presa?
- P₃** : eles (++) não admitem / eles os da polícia
- Ila** : eles quem?
- P₃** : bem:: como eu tava lhe dizendo eles torturam, a gente e prendem (+) né?
- Ila** : mas você não respondeu minha pergunta (++) você foi presa?
- P₃** : eu não sei quem manda (++) mas naquele dia os vizinhos (++) T - O - D - O mundo tava mandando (++) viu? (+) essa gente não gosta de ninguém (+) né? Até do pais (+) e da mãe eles matam (+) aí depois ficam só falando.
- Ila** : falando sobre o quê?
- P₃** : eu sou a enviada de Deus (++) a enviada de Deus para tirar os maus espíritos da terra (++) ali ((aposentado para o quintal do CAPS)) tá cheio deles:: eles tão acabando com tudo (++) eles vão abrir a nossa cabeça (++) escute (+++) viu? (++) eles tão querendo vencer nós né? Mas Deus (+) a Rainha do Sertão vai me ajudar (++) mas eu tô me sentidno, perdida (++) psiu:: psiu (+) faça silêncio se

não o home (++) / o importante é não ficar triste (++) assim a nossa cabeça não dói (+) tó certo? O mundo é cheio de ódio (++) aí aparece você (++)0 aí o doutor que me:: ele manda eu tomar remédio igual esses doentes (++) mas doutroas que:: eu com a senhroa vamos lutar contra todo o mal (++) e vamos engomar nossa roupa:: lavar a roupa:: tu viu a festa do I? Ele ganhou foi feio (++) né?

Ia : feio?

P₃ : é

Ia : ganhou bonito

P₃ : eu fecho as portas da minha casa:: fecho as janelas (++) pode de repente / eu vejo eles (++) né não?

Ia : eles quem?

P₃ : parece que (++) eles vão vencer (++) pode esperar (++) não depois de um anos a gente vence (++) tá certo?

Ia : eles quem?

P₃ : ahn:: então na minha opinião tudo é besteira (++) até a água do Cedro tá suja né mesmo? (+) também secou tudo num:: num foi.

Ia : foi (++) mas quem são eles que você tanto fala

P₃ : a água suja mata os espíritos, os homens (++) até as crianças (+++) olha se o prefeito num foi limpar (++) eu:: não se ele não mandar limpar vai morrer tudo (+) a'te nós (++) mas eu tenho vinte vida (+++) é nós vence eles (++) nós vence tudo --- tá?

Ia : vence quem?

P₃ : o capeta (++) o capeta doutora

Ia : quem é o capeta

P₃ : a roupa (+) a roupa suja da gente que tem vermes (++) né mesmo?

Ia : vermes?

P₃ : é aquilo que tem na nossa cabeça (++) uma dor medonha (+) né?

Ia : mas o que são vermes?

P₃ : eles tão na nossa cabeça (+) no nosso corpo (++) / ai a roupa vai ficar limpa (++) ei (+) tu conhece a R. (++) ela fica só mandando / sujando a roupa dela e a minha:: aí manda eu lavar (++) né? Aí Deus disse prá eu limpar o mundo:: o M - U - N - D O todo (+) mas eles não deixam (+) né?

ANEXO 19

PEEF - 04/12/2000

(Contexto: pacientes do CAPS em surto conversando com a coordenadora do Projeto de Educação Especial)

- Ila** : qual o seu nome?
- P₁** : J.M.C
- Ila** : de C. (+) o senhor tem (+) tem quantos anos? (+) tem quantos anos?
- P₁** : ((incompreensível)) oitenta e um
- Ila** : é:: e o que é que o senhor tá sentidno (+) ultimamente?
- P₁** : a senhora pergunta bem (++) primeiro de T - U - D - O (+) e::u / eles (+) os pés (++) devido o quinturaão ((incompreensível)) (+) né dona?
- Ila** : mhm
- P₁** : que nunca (+) no mundo (+) eu tirei os pés prá prá respeitar o sol ((incompreensível)) aí :: aí tava soltando o peito do pé (+)
- Ila** : mhm
- P₁** : tava pelado (+) tava só com o peito do pé pelado (+) oh ((fala nervosamente, mostrando o pé feridos)) aí oh largou o coro velho do pé ((incompreensível)).
- Ila** : no outro também tá?
- P₁** : é:: no outro (+) do mesmo jeito, viu?
- Ila** : tá:: também?
- P₁** : a senhora sabe que nós todos ((incompreensível)) um marírio na vida (+), né?
- Ila** : é:: é verdade
- P₁** : eu sou satisfeito (++) graças a Deus (+) NUNCA ofendi a ninguém, né? (+) ((incompreensível)) posso ter agravado a nosso Senhor
- Ila** : mhm
- P₁** : ((incompreensível))
- Ila** : e:: machucou (+) o senhor trabalha (+) planta (+) trabalha na agricultura?
- P₁** : dona (+) todo serviço (+) quando nós pode obter (+) se tem (+) ((incompreensível))
- Ila** : você faz
- P₁** : tanta gente na roça (+) tanta gente na bocac da noite (+) a boca da noite na roça (+) como a noite todinha (+) o meu negócio eu voltei com as poucas de no-

vidades(+) e::u vivi a juventude, né? (+) isso aqui ((mostrando uma cicatriz))
foi uma virada de carro, viu?

Ila : de carro?

P₁ : é:: já peguei quatro vezes, viu? ((risos))

Ila : mhm (+) onde foi essa virada?

P₁ : essa virada (+) essa virada (+) dona faz tempo (+) mas eu não tô lembrado (+)
viu?

Ila : como é mesmo o nome do senhor?

P₁ : J.M.C

Ila : ah (+) e o senhor tem quantos filhos?

P₁ : e::u eu sou da família Moreira de Pau dos Ferros

Ila : e Pou dos Ferros é no Piauí ou no Rio Grande do Norte?

P₁ : é:: no Rio Grande do Norte (+) é:: eu posso até tá enganado, né?

Ila : é::

P₁ : meu povo (++) de filha a filha tão todo lá

Ila : ontem (+) o senhor (+) o senhor (+) tava estressado (+) tava cansado (+) on-
tem (+) ontem o senhor tava cansado?

P₁ : C-A-N-S-A-D-O?

Ila : sim

P₁ : não senhroa (+) agora (++) apenas só tem aquela quintura horrível (+) que não
posso ((incompreensível))

Ila : e na cabeça?

P₁ : não (+) na cabeça graças a Deus num sei o que é dor de cabeça (+) ((incom-
preensível))

Ila : eu:: sei

P₁ : a senhroa sabe a temperatura tá muito perigosa, num tá?

Ila : tá

P₁ : é:: eu nunca (+) deixei de andar (+) de andar aí:: pronto

Ila : ele fica andando muito A?

P₁ : aí (+) largou o coro todinho, né? (++) mas o pior que :: que eu sinto é que eu
peguei (+) peguei assim um ((incompreensível)) na vista

Ila : na vista?

P₁ : sim senhora (+) aí que SOFRIMENTO (+) e eu já tô (+) muito melhor do que
o que tava (+) tô melhor (+) mais ainda tem aquela quintura, né?

- Ila** : tá embaçada a vista (+) é?
- P₁** : a vista (+) eu não enxergava coisa nenhuma
- Ila** : mhm
- P₁** : mas agora (+) graças a Deus (+) ta assim ((incompreensível))
- Ila** : tá boa?
- P₁** : tá boa (+) tá como se diz com problemas (+) porque é aquela quintura (+) a-
quele mal desejo, né?
- Ila** : e onde é a quintura que o senhor sente?
- P₁** : no corpo e nos olhos (+) dor de cabeça eu num sinto não
- Ila** : não sente, né? (+) e ontem o senhor teve raiva (+) como foi o seu dia ontem?
(+) como foi? O dia ontem?
- P₁** : graças a Deus eu não sabia o que era dormir a noite (+) e dormi bem
- Ila** : de ontem prá hoje você dormiu bem?
- P₁** : dormi (+) dormi
- Ila** : mhm (+) e:: a história (+) a história da moto como é que foi? A moto bateru
no senhor?
- P₁** : sim (+) eu tava só (+) esse ((incompreensível)) pelado que a gente vê aqui
((mostrando os pés))
- Ila** : ela já viu papai
- P₁** : com licença (+) era:: era só no peito do PÉ (+) agora (+) agora deixa que eu já
((incompreensível))
- Ila** : sei
- P₁** : ((incompreensível)) na casa de fulano / era perto
- Ila** : mhm
- P₁** : aí então e::u atravessei a pista
- Ila** : mhm
- P₁** : quando eu cheguei pertinho da estrada de ferro (+) aí:: cheguei e tinha um
tanque assim ((incompreensível)) um tanque (+) aí :: eu entrei (+) me agitei (+)
mais na minha mão
- Ila** : sei
- P₁** : aí (+) ((incompreensível)) quando eu ia tirando / antes de levantar o corpo / eu
não escutei zoadá de mota (+) não escutei NADA (+) / nesse tempo eu fiquei
assim trombado esquecido, entende?
- Ila** : e::u sei

- P₁** : meu pensamento era assim embalado (+) quando eu levantei as mãos assim ((gesticula levantando as mãos para o alto)) para botar as mãos ((incompreensível)) o meu pensamento era enrolado
- Ila** : enrolado?
- P₁** : justamente / aí quando eu olhei (+) eu fui botando a mão antes de apoiar / e:: num senti remorso num escutei zoada de moto (+) nem nada (+) mas a cabo-quinha chegou (+)
- Ila** : mhm
- P₁** : deu uma errada (+) entrou para a minha mão (+) mais ou menos (+) muito mais de um metro
- Ila** : sei
- P₁** : mas eu num dei notícia não (+) sei que acabou-se (+) senti aqueles remorso (+) a pancada nos quartos (+) pronto (+) até hoje
- Ila** : foi em Senador isso (+) foi:: foi (+) a:: esse acidente? (+) foi em Senador esse acidente (++) foi?
- P₁** : ãh (+)
- Ila** : foi em Senador esse acidente
- P₁** : foi (+) mas gracás aquele pai
- Ila** : quando foi? (+) você lembra o período?
- P₁** : isso já faz (+) mais de cinco ((meses))
- Iac** : faz três meses (+) já tem três meses
- Ila** : mhm
- P₁** : mas graças a Deus (+) com licença (+) tá doido (+) mas vou lhje ser sincero o pé doi mais ((mostra novamente os pés nervosamente))
- Ila** : o pé doi mais?
- P₁** : ((incompreensível)) eu graças a Deus tô satisfeito (+) não sinto doer (+) mas os pés (+) agora tem esse problema (+) a vista ardendo:: (+) né?
- Ila** : A e:: e ontem como foi? Ontem como foi o seu dia?

ANEXO 20

03/12/2000

(Conversa entre a Coordenadora do Projeto de Educação Especial e um paciente em surto psicótico)

Ila : tudo:: bem?

P₄ : tudo

Ila : você ainda tá:: tá com medo do mundo:: do mundo acabar?

P₄ : os meus pés continuam doendo:: é um / um sofrimento (+) na minha opinião é esse quinturão (++) esse quinturão todo (++) né?

Ila : quando é que o mundo vai acabar? Você vivia dizendo que o mundo ia acabar (++) né? (+) fale sobre isso

P₄ : é uma situação triste a dos meus pés (+) olhe aqui ((levanta os pés mostrando)) eles estão em carne viva (++) naquele dia eu:: EU já disse a você (++) mas eu não tenho remédio (+) aí fica nesse sofrimento medonho (++) não tem quem compre o remédio (++) eu fico nesse sofrimento medonho (++) né mesmo?

Ila : quem é que compra o remédio

P₄ : eu andei tanto:: ontem (++) aliás eu (+) e::u tenho andado muito (++) é uma coisa:: que é triste (+) que o médico tem que tratar:: né isso doutora? (++) mas aqui em Senador (+) na minha opinião tudo:: tudo é:: sobre o que era que:: que eu tava falando (+) heim?

Ila : o senhor estava falando sobre seus pés e sobre os médicos de Senador (++) agora eu lhe fiz duas perguntas (++) uma sobre o fim do mundo e a outra (+) a outra sobre quem era que comprava o seu remédio e:: e o senhor não me respondeu

P₄ : amanhã:: eu não vou ser responsável por uma dor medonha nos meus pés (++) eles tão destruídos (+) aniquilados ((mostra novamente os pés)) olha (+) eu sou devoto de São Francisco (+) o que eu quero é:: tá vendo as feridas no meus pés(++) eu tô arrasado e ninguém percebe (++) também eu sou forte

Ila : eu gostaria de saber / eu estou querendo saber se (++) se o senhor ainda teme o fim do mundo e se há relação (+) entre isso e os:: os seus pés (++) e esse sofrimento.

P₄ : quero dizer que amanhã eu vou com a A. a Fortaleza (++) aí eu:: eu vou ter que me colocar (++) aí eu não sei como fazer com esse sofrimento / olha aqui ((novamente mostra os pés)) (+) agora eu não quero:: não quero mais conversar (++) tá certo?

IIa : tá certo (+) então outro dia (+) outro dia a gente fala (++) tá legal?

P₄ : tá

ANEXO 21

P. CAPS - 30/10/1999

(Conversa entre um psiquiatra do CAPS e um paciente em surto psicótico)

Icm : diga o que voc::ê tinha?

P₂ : eu num sei (+) só sei que o meu (+) sangue tá:: dando aquela sugestão.

Icm : o quê?

P₂ : aquela sugestão, né?

((pausa))

P₂ : eu:: prá:: mé::dico aí (+) ele passa remédio, né?

Icm : a crise mesmo (++) como começa?

P₂ : eu (+) sinto dor de cabeça (+) as mãos (+) muito suadas (+) as mãos e os pe's doentes (+) e o sangue:: espalhando em minha (+) cabeça (+) entende?

Icm : mhm

P₂ : se (++) se e::u pudesse (+) eu ficava só (+) sem ninguém (+) eu:: fico nervoso (+) viu?

Icm : você:: acha (+) que isso atrapalha a sua vida?

P₂ : sei lá (+) eu:: me preocupo (+) né? (+) mais com a dor (+) de cabeça (+) viu?

ANEXO 22

P. CAPS - 30/10/1999

(Contexto: Conversa entre um psiquiatra do CAPS e um paciente com surto psicótico e a mãe dele)

- P₄** : quando e::u tô comendo (+) aí vem um home e puxa :: puxa:: a minha perna (+) aí eu fico com me::do (+) aí eu chamo a mãe
- Icm** : depois disso o que:: ele faz?
- P₄** : ele (+) volta na minha cama (+) e depois ele se levanta e desaparece (+)
- Icm** : isso é só uma vez (+) ou todo dia?
- P₄** : é:: todo dia
- Icm** : todo dia é a mesma (+) coisa?
- P₄** : é:: todo dia
- Icm** : na esocla você está (+) está bem?
- P₄** : tô
- Icm** : você estuda de manhã ou de tarde?
- P₄** : de manhã ((pausa)) e::u fico bem enculhidinho
- Icm** : o quê? (+) você fica impressioando de dia?
- P₄** : co::mo
- Icm** : você (+) anda assistindo filme de terror?
- P₄** : não
((a mãe do paciente faz gestos que sim))
- Icm** : ele (+) fica valente
- Icm** : e:: de bichos? (+) de animais (+) você gosta?
- P₄** : eu:: não / o homem tem blusa azul (+) tem cabelo preto (+) mais parece tanto com o Powen Rangers (+) e::le quebra o pau, viu?
- Icm** : é:: muito parecido
- P₄** : é muito parecdio (+) ele é:: todo azul
- Icm** : é (+) novo ele?
- P₄** : é (+) da idade do:: do meu pai
- Icm** : todo dia (+) ele acorda correndo?
- Icm** : é acordo (+) apavorado / e ::u levo prá:: rezar (+) aí ele melhora

ANEXO 23

P. CAPS - 31/10/1999

(Contexto: conversa entre um psiquiatra do CAPS e um paciente com surto psicótico)

- P₁** : quando (+) olho no espelho (+) a minha BOCA afunda (+) quando eu faço um movimento na língua (+) e::la vai lá (+) pra dentro (+) ((incompreensível))
- Icm** : é:: (+) aí o senhor (+) fica nervoso
- P₁** : e::u fico errado (+) fazia mui::to tempo que eu não olhava a minha boca (+) ((incompreensível)) salvar, né? Eu (+) deixei de fumar (++) de beber.
- Icm** : ahã
- P₁** : aqui (+) aqui dentro da minha (+) ((abre a boca mostrando a língua)) BOCA
- Icm** : você / (+) só sente quando olha no espelho?
- P₁** : é

ANEXO 24

P.CAPS 31/10/1999

(Contexto: conversa entre um psiquiatra do CAPS e um paciente com surto psicótico)

P₂ : olha Dr.(+) e::u queria um atestado prá: e::u butar no INSS prá/ eu ficar bom, tá certo?

Icm : pode deixar (+) nós vamos fazer

P₂ : quando foi ontem (+) aí:: eu fui tomar (+) aí (+) né? (+) aí a minha vô:: ia sair (+) aí e::la disse que não ia esperar (+) aí e::u se apressei (+) aí (+) a minha cabeça ficou a::perrriadinha (+) viu?

ANEXO 25

PEEF - 20/11/1998

(Contexto: Alunos do Projeto de Educação Especial da FECLESC em surto e professora da Faculdade conversam durante um encontro no CAPS)

Ipp : oi J.A.

J. A : oi

Ipp : tudo bem?

J.A : tudo bem

Ipp : você (+) vo :: cê tá sumido, né?

J.A : tá :: tá sumido

Ipp : olha (+) eu :: eu vou encontrar a L. (+) então (+) você quer (+) quer mandar recado :: prá :: ela?

J.A : prá :: ela

Ipp : é :: quer?

J.A : quero

Ipp : escuta J.A . (+) estou (+) lembrando :: daquele (+) aquele dia (+) lá em Fortaleza, lembra?

J.A : eu :: eu (+) cantei, né?

Ipp : foi (+) você cantou muito bem

J.A : foi (+) mui :: to bem, né?

Ipp : gostei muito (+) (incompreensível)

ANEXO 26

PEEF - 10/02/1999

(Contexto: bolsistas, coordenadora do Projeto de Educação Especial e quatro alunos com transtornos mentais conversando sobre o Natal)

- Ijd** : ele passou o Natal (+) o final de ano (++) tudo em Fortaleza ((ri))
- Ila** : quem? tu?
- J.A** : e :: u passei (+) em casa dormino
- Ila** : foi? tu tava :: doente?
- J.A** : tava
- Ila** : quem é que :: (+) que tu tava perguntando se vem? quem era?
- J.A** : a I.
- Ila** : a I.? a I. vem/ vem prá :: nossa festa?
- J.A** : vem? (incompreensível) (+) certo
- D.F** : m :: na praia
- Jjd** : ahã ::
- DF** : e :: u fui na praia
- Ila** : tu :: foi prá praia?
- DF** : fui
- Ila** : deixa (++) eu ver se queimou?
- DF** : não (+) já ficou bom
- [
- Ila** : nhm :: tá queimado
- Ijd** : ficou (+) aonde? Tu :: ficou bom? De que :: tu tava doente?
- [
- DF** : ahã? Eu :: tinha queimado na praia
- Ijd** : ah (+) queimou foi tudo
- Ila** : e tu :: M. ? ahã?
- [
- DF** : já :: ficou bom? já?
- Ila** : ahã? ((incompreensível))
- MO** : só vendeno (+) broa
- Ila** : vendeu muito?

- MO** : tá :: fraco agora
- Ila** : tá fraco? O pessoal nã (+) tem dinheiro, né (+) M.?
- MO** : é
- Ila** : qual era uma coisa (+) bo::a que dava prá tu vender (+) bem? O que :: que tu acha?
- MO** : não sei
- Ila** : ahã?
- DF** : bolo
- Ila** : bolo (++) será?
- J.A** : guaraná
- MO** : (incompreensível)
- DF** : pastel
- [
- MO** : (incompreensível)
- Ila** : tu pensou (+) em que?
- MO** : (incompreensível)
- Ila** : hoje (++) não vendeu nada?
- MO** : só vendi :: quatro pacote de broa
- Ila** : foi? quanto é (+) que tá a broa?
- MO** : cinqüenta
- Ila** : tu faz assim (++) quando tu vier prá :: aula (+) tu traz uns pacotes, né?
- MO** : num vende :: não
- Ila** : vende não? (+) onde é que vende mais?
- MO** : é :: é lá no alto (+) no alto
- Ila** : tua mãe tem u::ma mercearia é?
- MO** : tem um comercinho (+) lá (incompreensível)
- J.A** : D. tu guardou (+) o teu?
- Ila** : M. tu tá fumando direto (+) não tá? ahã?
- J.A** : ((incompreensível))
- MO** : de vez (+) de vez em quando :: um pouco
- Ila** : e tu (+) D. arrumou u::uma namorada lá?
- DF** : ((ri)) não
- J.A** : eu arrumei (incompreensível)
- Ila** : quem é?

- J.A** : é :: uma menina acolá
- Ila** : quem é? Quem é a tua namorada?
- DF** : quem é ::?
- J.A** : é :: ah : (+) a menina lá de Fortaleza
- Ila** : a M. C.?
- J.A** : a M. C.
- Ila** : é?
- J.A** : é
- Ila** : (aí) / ... / viu?
- J.A** : eu vou dizer a ela que :: que tu chamou ela de M. C., tá?
- J.A** : ahã
- Ila** : quem é?
- DF** : foi bom, viu?
- Ila** : foi o que ::? Foi / nadou fez o que na praia?
- Ila** : o que foi (+) que tu fizeste na (+) praia?
- DF** : ((incompreensível)) muito (+) salgada a água, né?
- Ila** : é

ANEXO 27

PEEF - 15/08/1998

(Contexto: Alunos do Projeto de Educação Especial da FECLESC, bolsistas e pescadores conversam durante um passeio à praia.)

- Iif** : ... sua idade?
- Ipb** : cinquenta e sete anos
- D.F** : ... ave maria:: o sinhô é velho ... né?
- H.L** : deixa disso D. Ele ainda é um pouco novo ... né?
- Iis** : O sinhô :: nasceu aqui?
- Ipb** : bom ... eu nasci... e me criei na moita ((incompreensível)) sempre fui pescadô (+) papai também era pescadô... aqui a gente mistura uma coisa e outra
- Iif** : e os filhos do senhor também são pescadores?
- [
- D.F** : eu :: posso tomar banho... ali no mar...? posso?
- Ipb** : taí um pescadô:: nunca pegou numa enchada ((risos))
- Ipb** : é::... só no braço de mar
- Iif** : só no mar
- J.A** : você já virou no mar?
- M.O** : pergunta boba, J. essa pergunta é tão boba, né?
- Ipb** : Já virei no mar uma:: sete ... sete vez parece
- M.O** : Já houve a-ci-den-te?
- Ipb** : Já (++)
- M.O** : uhn
- D.F** : depois a gente fala nesse assunto:: vamos toma::; banho?
- H.L** : vamo, L.? ali tá bom, né?
- Ila** : vamos já:: tá?
- Iif** : Mas me diga uma coisa :: qual o tipo de peixe (+) que vocês pescam aqui?
- Ipb** : ((tossiu)) é::: [biquara, cavala,] cangulo, mariquita
- [
- D.F** : [o que eu:::]
- Ipb** : nós pesca tudo::: tudo:::

- Ipb** : e eu:: eu / EU trabaio cum curral aqui em frente:: a minha aqui é:: é sardinha, é camurupim, é serra, é espada (1,5) tudo enquanto dá (+) aqui / na costa, eu trabaio / eu:: num trabaio prá fora / eu :: eu:: comprei peixe (+) quer dizer eu vendo ((risos)) peixe e trabaio nu curral aqui na Fonseca
- M.O** : o senhor tem barco?
- Ipb** : tem:: meu FILHO é:: é o mestre do barco
- H.L** : então o senhor (+) o senhor, pesca por necessidade, né isso?
- Ipb** : pur necessidade? É:: (+)
- D.F** : aqueles peixe são do senhô?
- Iis** : o senhor tem medo:: MEDO do mar?
- Ipb** : tenho
- H.L** : quer tomar banho nu ma:: eu també,. L.
- D.F** : eh:: ei L., eu e o H. vamo (+) vamo:: toma banho, viu? Nois já vamo, tá?
- Ipb** : se o senhor tivesse que escolher entre a pesca e a outra (+) outra profissão, se o senhor ganhasse de (+) melhor / ou então a mesma quantidade, o senhor desistiria da pesca?
- Ipb** : rapaz. Só que EU:: EU:: num, eu num (+) eu num posso deixar essa profissão aqui (+) só se for agricultura, que é a que:: que eu num sei de nada
- Iis** : mas (+) se:: e senhor (+) tivesse ou: outra:: opção (+) o senhor sairia?
- Ipb** : talvez (+)
- M.O** : ... é pescador por necessidade, né?
- H.L** : por dinheiro (+)
- Ipb** : tudo aqui / tudo é:: é pescadô (+) suor de burro
- D.F** : a música que está tocando é igua a que o Z. A . sabe, né H.?
- Iif** : O senhor (+) passa de quanto:: tempo assim, quando o senhor sai... quanto tempo no mar?
- Ipb** : três dia
- D.F** : sozinho?
- H.L** : três dias
- Ipb** : é
- J.A** : Mas pesca durante o dia e durante a noite:: a noite?
- Ipb** : A noite (+) a noite que o peixe come
- H.L** : vou toma (+) toma banho e nadar igual naquele dia lá:: lá nu Cedro, né M.?
- D.F** : E durante o dia? O senhor Pesca?

- Ipb** : ((silêncio)) ...só a noite
- Iis** : levam basicamente o quê?
- Ipb** : muié:: ei M. traz café:: pru prova (+)
- Iis** : Esse peixe é:: é consumido todo aqui? ((vozes))
- Ipb** : Aqui e im Itapipoca... é cum (++) cum esse, esse rapaz / esse moreno que tá / tá falando aqui. Ele Qui compra o peixe, vende de bicicleta, aí nessa (incompreensível), nessas, mata onde vocês passa
- M.O** : E quantos vão na jangada?
- Ipb** : é.. uhn.. é quatro / três.. sempre no mais é três (+) a canoa de trinta paus
- J.A** : Vai ter forró ali? Ei:: ei:: seu, Zé, vai ter forró naquela música?
- Ipb** : Vai... naquele bar (+) ... é o bar do S.
- H.L** : ... eu danço assim ((fez gestos de dança)) e o M. dança mais do que eu:: né? ((risos))
- J.A** : Os meninos dançam... e eu CANTO... e o M. e o D. dançam... né? Vai M. dança ... dança, vai:: vai:: todos dançam (+) eu canto / pede prá::: prá eu cantá, L.?

ANEXO 28

PEEF - 23/08/1998

(Contexto: Alunos do Projeto de Educação Especial da FECLESC e bolsistas conversam durante o ensaio de uma apresentação musical)

D.F : P., quando é a viagem A viagem prá:: prá Fortaleza / quando é, hein A viagem tu marcou o dia... o dia prá Fortaleza...

Ijd : O dia que eu marquei prá ir prá Fortaleza?

[

D.F : sim

Ijd : em OUTUBRO (+)

D.F : em outubro... AGORA

M.O : ((incompreensível)) ((vai ser)) quanta (++) vai ser terça é :: terça-feira é? vai ser terça é?::

D.F : hum?

Ijd : o dia de terça-feira?

D.F : hum

Ijd : eu sei que é agora em outubro :: só não sei bem qual é o dia... vou perguntá prá L.

D.F : ELA :: ELA :: vai mais nós?

Ijd : vai (+)

D.F : AH :: sim... ((incompreensível)) ((Z.A .)) num sabe, mais... (incompreensível)

Ijd : tem que avisar prá eles, né?

D.F : é mais MELHOR o M. e EU?

Ijd : hum ::

D.F : mais bem eu ou :: ou ::: o P.?

Ijd : mais o quê?

D.F : a coisa de tocá...?

Ijd : vai tocá todo mundo (+) / tu vai prá FORTALEZA, P.

M.O : (incompreensível)

Ijd : agora nesse mês de outubro prá gente fazê a :: apresentação

D.F : (incompreensível)

Ijd : O P. toca berimbau :: /

D.F : ((incompreensível))

Ijd : Lá pru :: pru final do mês

D.F : noutro mês... ((incompreensível)) ((incompreensível)) ((quero ir)) que fui na, né? terça-feira?

Ijd : Hum... hum... (++)

D.F : ((incompreensível)) mais o A . é

D.F : Prá Pacajus

Ijd : morar?

D.F : hein? A mãe dele foi ontem (+) foi onte prá :: prá :: viagem

Ijd : para morar?

D.F : hum :: hum :: ele foi igual ao Z.A . morá num outro lugar... naquele lugar.

ANEXO 29

PEEF - 18/08/1998

(Contexto: Alunos do Projeto de Educação Especial da FECLESC e bolsistas conversam durante uma festa de aniversário)

- Iac** : ((vozes... incompreensível))
- Ijd** : ((quando)) é :: o teu aniversário?
- M.O** : dia de SETEMBRO...
- Ijd** : quando?
- M.O** : dia de SETEMBRO ::
- Ijd** : ahn.. ahn
- D.F** : mas hoje é ::: é :: (vinte e cinco)
- Ijd** : ... mas... a :: gente... comemora no / final do mês...
- D.F** : ah sim...
((vozes))
- Ila** : vem... vem... P. fala aqui com ele ::
- Ija** : Fala aí... vai... fala aí... P.
- D.F** : olha o P. falando :::
- Ijd** : vou ali... vou convidá todo MUNDO / pode... L.?
((risos))
- D.F** : é :: um PRESENTE / num sei quê... num sei que é?
- M.O** : brigado :: ((risos))
- D.F** : va :: mos pessoal... vamos cantar... / parabéns para o N.
- Ijd** : ahn ahn
- Iac** : quero que :: que :: você seja feliz... bem feliz... tá?
- M.O** : brigado ::
- Ijd** : que tenha... quarenta filhos tá ((fala em tom de brincadeira))
- M.O** : quero... NÃO /
- D.F** : olha aí rapaz... tu :: vai ter / quarenta filhos né?
- Ijd** : quero NÃO... quero NÃO ::: olha aí... L.
((risos))
- Iac** : que ... que... qui você vai dizer?

D.F : P... vem aqui?

M.O : ahn... ahn

((vozes))

Ijd : Os filhos... vão... dizer: papai,... papai... né?

M.O : QUERO :: NÃO... quero :: não / ter quarenta filhos...

((todos cantam parabéns))

Ijd : faça :: faça... um () pedido... M.

M.O : Um pedido... de quê?

Ijd : faz?

M.O : fez... o quê?

((incompreensível)) ((vozes))

ANEXO 30

FREQUÊNCIA DOS MARCADORES DE DISCURSO EM PACIENTES EM SURTO

AHÃ ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
		16	100,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 16

AI

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	12,5	12,5
	2	1	6,3	12,5	25,0
	4	2	12,5	25,0	50,0
	5	1	6,3	12,5	62,5
	7	2	12,5	25,0	87,5
	8	1	6,3	12,5	100,0
		8	50,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	
Mean	4,750	Mode	4,000	Std dev	2,493
Minimum	1,000	Maximum	8,000		

* Multiple modes exist. The smallest value is shown.

Valid cases 8 Missing cases 8

BEM

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
		15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Minimum	1,000
Maximum	1,000				

Valid cases 1 Missing cases 15

CERTO?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Minimum	1,000
Maximum	1,000				

Valid cases 1 Missing cases 15

ENTENDE?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	12,5	100,00	100,00
	,	14	87,5	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Std dev	,000
Minimum	1,000	Maximum	1,000		

Valid cases 2 Missing cases 14

HEIN ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Minimum	1,000
Maximum	1,000				

Valid cases 1 Missing cases 15

NÉ

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	7	43,8	58,3	58,3
	2	1	6,3	8,3	66,7
	3	1	6,3	8,3	75,0
	4	1	6,3	8,3	83,3
	8	2	6,3	8,3	91,7
	9	1	6,3	8,3	100,00
	,	8	25,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	
Mean	2,750	Mode	1,000	Std dev	2,864
Minimum	1,000	Maximum	9,000		

Valid cases 12 Missing cases 4

NÃO USA?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 16

NÉ ISSO?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 1,000 Mode 1,000 Minimum 1,000
Maximum 1,000

Valid cases 1 Missing cases 15

NÉ MESMO?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	3	18,8	75,0	75,0
	2	1	6,3	25,0	100,0
	,	12	75,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 1,250 Mode 1,000 Std dev ,500
Minimum 1,000 Maximum 2,000

Valid cases 4 Missing cases 12

NERA?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	,	16	100,00	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 16

NÃO TÁ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 1,000 Mode 1,000 Minimum 1,000
Maximum 1,000

Valid cases 1 Missing cases 15

NUM FOI?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	,	16	100,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 16

NUM SABE?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	,	16	100,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 16

OLHA AQUI

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	3	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 3,000 Mode 3,000 Minimum 3,000
Maximum 3,000

Valid cases 1 Missing cases 15

POIS É

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	,	16	100,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 16

TÁ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 1,000 Mode 1,000 Minimum 1,000
Maximum 1,000

Valid cases 1 Missing cases 15

TÁ BEM?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	,	16	100,0	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 16

TÁ CERTO?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	4	25,0	80,0	80,0
	2	1	6,3	20,0	100,00
	,	11	68,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 1,200 Mode 1,000 Std dev ,447
Minimum 1,000 Maximum 2,000

Valid cases 5 Missing cases 11

TÁ LEGAL?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	6,3	100,00	100,00
	,	15	93,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 1,000 Mode 1,000 Minimum 1,000
Maximum 1,000

Valid cases 1 Missing cases 15

VIU?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	6	37,5	66,7	66,7
	2	2	22,5	22,2	88,9
	3	1	6,3	11,1	100,0
	,	7	43,8	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	

Mean 1,444 Mode 1,000 Std dev ,726
 Minimum 1,000 Maximum 3,000

Valid cases 9 Missing cases 7

ANEXO 31

FREQUÊNCIA DOS MARCADORES DE DISCURSO EM PACIENTES FORA DE SURTO

AHÃ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	100,00	100,0
	,	18	94,7	Missing	
	Total	16	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Minimum	1,000
Maximum	1,000				
Valid cases	1	Missing cases	18		

AI

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	3	15,8	42,9	42,9
	2	2	10,5	28,6	71,4
	3	1	5,3	14,3	85,7
	6	1	5,3	14,3	100,0
	,	12	63,2	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	2,286	Mode	1,000	Std dev	1,799
Minimum	1,000	Maximum	6,000		
Valid cases	7	Missing cases	12		

BEM

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	,	19	100,00	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Valid cases	0	Missing cases	19		

CERTO?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	100,00	100,0
	,	18	94,7	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Minimum	1,000
Maximum	1,000				
Valid cases	1	Missing cases	18		

ENTENDE?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	,	19	100,00	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Valid cases	0	Missing cases	19		

HEIN?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	3	1	5,3	100,00	100,0
	,	18	94,7	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	3,000	Mode	3,000	Minimum	3,000
Maximum	3,000				
Valid cases	1	Missing cases	18		

NÉ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	4	21,1	22,2	22,2
	2	2	10,5	11,1	33,3
	3	2	10,5	11,1	44,4
	5	2	10,5	11,1	55,6
	6	2	10,5	11,1	66,7
	7	2	10,5	11,1	77,8
	8	1	5,3	5,6	83,3
	10	3	15,8	16,7	100,0
	,	1	5,3	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	4,889	Mode	1,000	Std dev	3,288
Minimum	1,000	Maximum	10,000		
Valid cases	18	Missing cases	1		

NÃO USA?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	100,00	100,0
	,	18	94,7	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Minimum	1,000
Maximum	1,000				
Valid cases	1	Missing cases	18		

NE ISSO ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	2	10,5	66,7	66,7
	2	1	5,3	33,3	100,0
	,	16	84,2	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	

Mean 1,333 Mode 1,000 Std dev ,577
 Minimum 1,000 Maximum 2,000

Valid cases 3 Missing cases 16

NE MESMO?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	33,3	33,3
	2	1	5,3	33,3	66,7
	3	1	5,3	33,3	100,0
	,	16	84,2	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	

Mean 2,000 Mode 1,000 Std dev 1,000
 Minimum 1,000 Maximum 3,000

* Multiple modes exist. The smallest value is shown.

Valid cases 3 Missing cases 16

NERA?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	33,3	33,3
	2	1	5,3	33,3	66,7
	3	1	5,3	33,3	100,0
	,	16	84,2	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	

Mean 2,000 Mode 1,000 Std dev 1,000
 Minimum 1,000 Maximum 3,000

* Multiple modes exist. The smallest value is shown.

Valid cases 3 Missing cases 16

NÃO TÁ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
		19	94,7	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	

Valid cases 0 Missing cases 19

NUM FOI?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	50,0	50,0
	2	1	5,3	50,0	100,0
		17	89,5	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	

Mean 1,500 Mode 1,000 Std dev ,707
Minimum 1,000 Maximum 2,000

* Multiple modes exist. The smallest value is shown.

Valid cases 2 Missing cases 17

NUM SABE?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	2	10,5	100,00	100,0
		17	89,5	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	

Mean 1,000 Mode 1,000 Std dev ,000
Minimum 1,000 Maximum 1,000

Valid cases 2 Missing cases 17

OLHA AQUI

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	100,00	100,0
		18	94,7	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	

Mean 1,000 Mode 1,000 Minimum 1,000
Maximum 1,000

Valid cases 1 Missing cases 18

POIS É

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	2	10,5	100,00	100,0
	,	17	89,5	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Std dev	,000
Minimum	1,000	Maximum	1,000		
Valid cases	2	Missing cases	17		

TÁ?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	50,0	50,0
	2	1	5,3	50,0	100,0
	,	17	89,5	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,500	Mode	1,000	Std dev	,707
Minimum	1,000	Maximum	2,000		

* Multiple modes exist. The smallest value is shown.

Valid cases 2 Missing cases 17

TÁ BEM?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	2	10,5	100,0	100,0
	,	17	89,5	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Std dev	,000
Minimum	1,000	Maximum	1,000		
Valid cases	2	Missing cases	17		

TÁ CERTO?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	2	10,5	100,0	100,0
	,	17	89,5	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Std dev	,000
Minimum	1,000	Maximum	1,000		
Valid cases	2	Missing cases	17		

TA LEGAL?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	1	5,3	100,0	100,0
	,	18	94,7	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,000	Mode	1,000	Minimum	1,000
Maximum	1,000				
Valid cases	1	Missing cases	18		

VIU?

Value Label	Value	Frequency	Valid Cum Percent	Percent	Percent
	1	4	21,1	57,1	57,1
	2	2	10,5	28,6	85,7
	3	1	5,3	14,3	100,0
	,	12	63,2	Missing	
	Total	19	100,0	100,0	
Mean	1,571	Mode	1,000	Std dev	,787
Minimum	1,000	Maximum	3,000		
Valid cases	7	Missing cases	12		

Number of valid observations (listwise) = 16,00

Variable	Mean	Std Dev	Valid		N	Label
			Minimum	Maximum		
PREPOSIC	3,75	2,67	1	8	16	preposic
POSPOSIC	6,06	4,98	1	17	33	posposic